

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



Relação Escola-Família: Um Estudo de Caso na Guiné-Bissau

Rui Pedro Mendes

MESTRADO EM EDUCAÇÃO
Supervisão e Orientação da Prática Profissional

Trabalho de Projeto Orientado pela Professora Doutora Maria João Mogarro

2020

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



Relação Escola-Família: Um Estudo de Caso na Guiné-Bissau

Rui Pedro Mendes

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Supervisão e Orientação da Prática Profissional

Trabalho de Projeto Orientado pela Professora Doutora Maria João Mogarro

2020

Este trabalho, integrado no Mestrado em Educação, Especialidade em Supervisão e Orientação da Prática Profissional, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, desenvolveu-se nas instalações da Universidade Católica da Guiné Bissau (UCGB), nos anos letivos de 2018/2019 e 2019/2020. Faz parte do Projeto “Cultura i nô balur - uma estratégia de Educação para a Cultura na Guiné-Bissau” que decorre entre junho de 2016 a agosto de 2020, na Guiné-Bissau. Foi promovido pela ONG FEC – Fundação Fé e Cooperação e subsidiado pela União Europeia, Misereor e Instituto Camões.

Agradecemos a todos os que criaram as condições para que este mestrado se realizasse nas melhores condições possíveis e em particular à Reitora da UCGB, Professora Zaida Pereira e ao assessor pedagógico da FEC Professor Everton Dalmann

Site do projeto: <http://www.fecong.d.org/project/cultura-i-no-balur/>

Agradecimentos

Do fundo do coração, e com muita gratidão, os meus agradecimentos vão diretos à ONG FEC – Fundação Fé e Cooperação (através do projeto “Cultura i nô balur - uma estratégia de Educação para a Cultura na Guiné-Bissau”), à União Europeia, Misereor e Instituto Camões (entidades financiadoras do projeto). À Universidade Católica da Guiné Bissau (UCGB) pelo espaço cedido, permitindo a realização das aulas e outras atividades inerentes. À Universidade de Lisboa, através do Instituto de Educação e seus magníficos professores que, de modo incansável e muito afável, estiveram connosco durante os intermitentes períodos de calor de Bissau (sempre ensinando com muita diversão pelo meio).

Entre as personalidades, importa muito destacar a Professora Doutora Maria João Mogarro, minha orientadora do trabalho de Projeto, mulher paciente e atenta aos detalhes úteis para completar o que falta a um indivíduo nestas andanças. Professora Doutora Guilhermina Lobato Miranda, a incansável e sempre presente para nos fazer mexer os cérebros para as tarefas. Doutora Suzana Chaves (e seu esposo), mulher singela e atenta aos nossos aflitos durante o percurso da Pós-graduação, muito apreço meu. Professora Doutora Zaida Pereira, muito amáveis foram os momentos de aulas que tivemos consigo, minhas inesquecíveis gratidões (sempre és uma *padida di dus mama*). Ao Doutor Everton Dalmann, cujas tecnicidades a nós prestadas nunca serão olvidadas.

À direção da Escola São Paulo, sua diretora Antonieta N´Dequi, alunos e professores (sem esquecer os especiais confidentes das entrevistas), o que recebi de vocês é um mar de informações sem os quais, confesso, não teria muitos sucessos. A minha alma nunca vos esquecerá.

Entre outros nomes de gigantesca importância, tenho iminentemente no meu coração:
Professora Doutora Maria João Cardona, Professora Doutora Ana Paula Caetano,
Professora Doutora Ana Sofia Pinho, Professora Doutora Isabel Freire e o Professor
Doutor Luís Tinoca.

À minha mãe, Fátima António dos Santos, que, com muita ansiedade, tem andado
entre aflições, alegria, e com muita vontade de um dia poder festejar, tendo nas suas
mãos, o meu canudo de Mestrado. Muito obrigado. Já está aí!...

“Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida.

Deve aprender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato em relação a seus próximos e à comunidade. Estas reflexões essenciais, comunicadas à jovem geração graças aos contatos vivos com os professores, de forma alguma se encontram escritas nos manuais. É assim que se expressa e se forma de início toda a cultura. Quando aconselho com ardor “As Humanidades”, quero recomendar esta cultura viva, e não um saber fossilizado, sobretudo em história e filosofia. Os excessos de sistema de competição e de especialização prematura, sob o falacioso pretexto de eficácia, assassinam o espírito, impossibilitando qualquer vida cultural e chegam a suprimir os progressos nas ciências do futuro. É preciso, enfim, tendo em vista a realização de uma educação perfeita, desenvolver o espírito crítico na inteligência do jovem. Ora, a sobrecarga do espírito pelo sistema de notas enteva e necessariamente transforma a pesquisa em superficialidade e falta de cultura. O ensino deveria ser assim: quem o receba o recolha como um dom inestimável, mas nunca como uma obrigação penosa.”

Albert Einstein

Resumo

O presente trabalho de estudo de caso foi levado a cabo junto a escola São Paulo, em regime de gestão privada, que engloba apenas os dois níveis do ensino básico - Iº e IIº ciclos, com um universo total de 457 alunos. Sendo, em termos de género, 221 (48%) alunos do sexo masculino e 236 (52%) do sexo feminino. A escola localiza-se no Setor Autónomo de Bissau (SAB), concretamente no bairro São Paulo. A pesquisa tem como objetivo geral analisar e tentar perceber como se relaciona a escola com as famílias, quais são os fatores de dificuldade nessa relação, e que mecanismos podem ser adotados para a melhoria da questão em causa. Tivemos como população amostra alunos, professores, pais/encarregados de educação e diretor da instituição. Para obtermos os resultados utilizamos a pesquisa descritiva de recolha de dados através de pesquisa documental, fichas e entrevistas semiestruturadas. Os resultados apontam alguns fatores que indiciam influências de diversos prismas sobre essas relações, mostrando claras evidências que a família, a escola, a comunidade, a sociedade, o diálogo, a religião, o fator género, devem ter uma influência mais ativa sobre esse processo. Sugerimos que as instituições de ensino, juntamente como os pais/encarregados da educação, as comunidades, igrejas, organismos não-governamentais/associações comunitárias, as instituições do estado, procurem encontrar mecanismos de trabalhar de forma mais detalhada o aspeto da “Relação Escola-Família” dentro do seu programa de ação social e educativa, com base no diálogo e interação permanente.

Palavras – chave:

Relação Escola-família, professores, comunidade, coresponsabilidade e diálogo.

Abstract

The present case study work was carried out at the São Paulo school, under a private management regime, which encompasses only the two levels of basic education - 1st and 2nd cycles, with a total universe of 457 students. In terms of gender, 221 (48%) male students and 236 (52%) female students. The school is located in the Autonomous Sector of Bissau (SAB), specifically in the São Paulo neighborhood. The general objective of the research is to analyze and try to understand how the school relates to families, what are the factors of difficulty in this relationship, and what mechanisms can be adopted to improve the issue in question. We had as a sample population students, teachers, parents / guardians and director of the institution. To obtain the results we use the descriptive research of data collection through documentary research, records and semi-structured interviews. The results point to some factors that indicate influences from different perspectives on these relationships, showing clear evidence that the family, school, community, society, dialogue, religion, the gender factor, should have a more active influence on this process. We suggest that educational institutions, together with parents / guardians, communities, churches, non-governmental organizations / community associations, state institutions, seek to find mechanisms to work in more detail on the “School-School Relationship” aspect. Family within its social and educational action program, based on dialogue and permanent interaction.

Key – words:

School-family relationship, teachers, community, coresponsability and dialogue.

Índice

Relação Escola-Família: Um Estudo de Caso na Guiné-Bissau.....	1
Introdução	1
Capítulo 1 - Enquadramento Teórico e Geral da Dissertação	4
1.1. Enquadramento Teórico – Problemática.....	4
1.2. O que se entende por família?.....	4
1.3. O que se entende por escola e educação?	9
Capítulo 2 - Enquadramento Metodológico	19
2.1. Justificação das Opções Metodológicas	19
2.2. Conceito de Metodologia.....	20
2.3. O que é um estudo de caso?.....	21
2.4. Instrumentos de recolha de dados.....	24
2.4.1. Fichas estruturadas para recolha de dados.....	24
2.4.2. Entrevistas	25
2.5. Procedimento para análise dos dados	28
2.6. Referenciais éticos	31
Capítulo 3 – Apresentação dos Resultados I: Caracterização da Instituição.....	32
3.1. O caso: a escola do Bairro de São Paulo	32
3.2. Calendário das atividades escolares e festividades	37
3.2.1. Festividade de Natal e Páscoa	38
3.2.2. Dia do Padroeiro da Escola – São Paulo	38
3.2.3. Carnaval na escola – festa tradicional e cultural	39
3.2.4. Dia 17 de fevereiro – Dia dos Professores da Guiné-Bissau	40
3.2.5. Dia 1º de junho – Dia Internacional das Crianças	40
3.3. Alunos e os Processos de Avaliação	41
3.3.1. Gratificação e premiação do desempenho dos alunos	42
3.3.2. Organização dos alunos em turmas	43
3.3.3. Sobre os processos de avaliação.....	44
3.4. Corpo docente: composição, caracterização e formação	46
3.5. Resultados das Avaliações obtidos no Primeiro Trimestre (Ano Letivo 2019-2020) 54	
3.6. Instrumento - previsão de caixa	57

Capítulo 4 - Apresentação dos Resultados II: A voz dos participantes sobre a Relação Escola - Família	58
4.1. Finalidades e objetivos da escola e da educação	58
4.2. Currículo/experiências de aprendizagem	59
4.3. Estratégias de ensino e aprendizagem	60
4.4. Planeamento, avaliação e registo	61
4.5. Os Professores e restante pessoal	62
4.6. Espaço e materiais	63
4.7. Relações e interações	66
4.8. Igualdade de oportunidades	67
4.9. Participação dos pais e da comunidade	71
4.10. Monotorização e avaliação	73
Conclusões	75
Proposta para Melhoria da Situação Encontrada	82
Referências bibliográficas	94
Anexos	96

Lista de figuras:

Figura 1: O primeiro pavilhão, com a placa de anúncio da escola, com três salas de aula e casas de banho. (pág. 32)

Figura 2: O primeiro pavilhão, de outra perspetiva. (pág. 33)

Figura 3: Segundo pavilhão, com duas salas de aula e secretaria no meio. (pág. 34)

Figura 4: Terceiro pavilhão, com três salas de aula, sala de professores e que contém uma pequena biblioteca. (pág. 35)

Figura 5: No centro, uma pequena cantina, entre os dois pavilhões (2º e 3º). (pág. 36)

Figura 6: Parte traseira do primeiro e terceiro pavilhões. (pág. 51)

Figura 7: Espaço para recreios e lazer, à frente dos pavilhões. É utilizado também para a reza das missas dominicais, pelos fiéis católicos. (pág. 64)

Figura 8: Sala de costura e torneira de água potável. (pág. 70)

Figura 9: Campo situado atrás do primeiro e terceiro pavilhões, para as práticas desportivas e educação física, zona norte. De salientar que este espaço também é utilizado pelos fiéis muçulmanos para as rezas de Ramadã e Tabaski. (pág. 73)

Figura 10: Campo, zona sul. (pág. 74)

Lista de Quadros:

Quadro 1 – Caracterização dos alunos e das turmas do Iº Ciclo (pág. 43)

Quadro 2 – Caracterização dos alunos e das turmas do IIº Ciclo (pág. 44)

Quadro 3 – Caracterização do corpo docente do Iº Ciclo (pág. 46)

Quadro 4 – Caracterização do corpo docente do IIº Ciclo (pág. 47)

Quadro 5 – Distribuição de professores do IIº Ciclo por disciplinas, turmas e seus tempos letivos (pág. 47-48)

Quadro 6 – Resultados das avaliações do primeiro trimestre do ano letivo 2019-2020 (pág. 55-56)

Abreviaturas e siglas:

APEE-ESP – Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola São Paulo

CMCJ – Companhia Missionária do Coração de Jesus

CTP – Conselho Técnico Pedagógico

FEC – Fundação Fé e Cooperação

INPS – Instituto Nacional de Previdência Social

NEE – Necessidades Educativas Especiais

ONG – Organizações não-governamentais

PIME – Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras

SAB – Setor Autónomo de Bissau

TPC – Trabalho para Casa

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

Relação Escola-Família: Um Estudo de Caso na Guiné-Bissau

Introdução

O passado e o futuro estão no presente, pois são dois momentos constituintes da história que se manifestam num mesmo contexto. Trata-se de uma condensação de acontecimentos no tempo, que carregam consigo um fardo pesado capaz de atormentar a vida de qualquer pessoa, cultura, instituição, em certas circunstâncias socioculturais. Que quero dizer com isso? Cada ser humano vive, a partir de uma certa altura da sua maturidade, sobretudo nas fases da infância, adolescência e da juventude, no presente, algo que era do seu passado e, ao mesmo tempo, algo que condiciona o seu modo de ser e estar no presente, tendo em vista o que quer ser, perspectivando o futuro. O passado condiciona o presente assim como o futuro, e vice-versa. Neste contexto, as opções são feitas sob pressão de múltiplas forças e valências que muitas vezes nos deixam perplexos e atónitos: Que devemos decidir? Como decidir? Quem nos orientar? Que modelo devemos seguir? Que padrões? Etc. No entanto temos, frequentemente, de fazer escolhas, opções e tomadas de medidas, em vista de um certo objetivo que possa melhorar os nossos trabalhos anteriores, presentes e futuros! Aí está o dilema.

As intensas e cada vez mais globalizadas relações sociais, somadas com as frequentes exigências e complexas teias sociais, o relacionamento intersocial e intercultural, têm vindo a impulsionar uma crescente preocupação com a questão da escola, do papel da família, de um lado e, de outro, o papel da sociedade. Nesse contexto, as relações entre as escolas e as famílias afiguram-se como uma problemática muito complexa, pelo qual necessitamos obter informações e conhecimentos cada vez mais aprofundados, assim como dos domínios específicos em que se possa atuar para

fazer funcionar da melhor forma os estabelecimentos de ensino e as próprias famílias face a questão do ensino e da aprendizagem escolar. Mas, principalmente, do autoconhecimento da própria família e da escola. Acreditamos que quanto mais essas duas instituições se autoconhecem, melhores serviços prestarão à sociedade.

Iniciamos a nossa aventura no domínio do professorado a partir do mês de Novembro do ano 2008. E até hoje temo-nos mantido nesta tarefa. Não era opção laboral primária, pois saiu como alternativa para o autossustento do dia-a-dia. Desde então temos vindo a familiarizar-se com questões do fórum educativo, sucessos e, mais, insucessos. Isto, falando do caso da Guiné-Bissau.

Tivemos essa primeira experiência na Escola do Ensino Básico São Paulo (instituição privada – católica), situada no bairro do mesmo nome, aonde também somos residente. Até a presente data continuamos a trabalhar como professor na mesma instituição, pelo que passados todos esses anos temo-nos familiarizado com muitos problemas que afetam a vida da escola: das crianças que a frequentam, dos professores e demais funcionários que aí trabalham e dos pais/encarregados de educação que de vez em vez recorrem à escola para tratar de algum assunto.

Entre esses problemas, o que mais nos tem chamado à atenção é a relação que se estabelece entre a escola e as famílias das crianças. Temo-nos questionado a nós mesmo, desde sempre, sobre os aspetos que se seguem: Tem havido verdadeiros encontros entre a escola e as famílias das crianças? Houve orientações claras e paradigmáticas sobre os objetivos que se quer atingir com esses encontros? Tem havido interesse por parte dos pais/encarregados de educação em se aproximarem da escola? Há uma clara perceção sobre o conceito e função da escola/educação por parte dos pais/encarregados da educação?

Podemos elencar ainda muitas mais questões sobre o assunto, mas realçamos apenas estas como pontos de partida para o debate. Foi com base nestas questões que nasceu a ideia deste projeto: “Relação escola – família, que finalidades se querem atingir?”. Trata-se de tentar compreender e esclarecer essa questão, de acordo com a realidade local e, partindo daí, para a criação de mecanismos eficazes para a sua resolução.

Ao longo dos diferentes capítulos que compõem este trabalho vamos ter, no primeiro capítulo, o Enquadramento Teórico, onde abordamos o tema “Relação Escola-Família” através dos trabalhos anteriormente feitos por diversos autores, que já haviam desenvolvido de modo sistemático os conceitos da família, da escola, da educação e de outros conceitos inerentes ao tema. No segundo capítulo apresentamos os procedimentos e fundamentos metodológicos que adotamos para a recolha de dados e posteriores análises dos conteúdos obtidos durante a investigação. Nos dois capítulos seguintes apresentamos os resultados. No terceiro capítulo apresentamos a caracterização da instituição aonde efetuamos o presente estudo de caso, com os referidos detalhes. No quarto capítulo continuaremos a apresentar os resultados e, conseqüentemente, as análises dos mesmos consoante os dados recolhidos no terreno. Por fim, no último capítulo, apresentaremos as nossas conclusões e projeto de acordo com o nosso ponto de vista, com as respetivas sugestões para a melhoria e resolução de alguns problemas detetados sobre o tema. Depois seguem-se as referências bibliográficas e os apêndices.

Capítulo 1 - Enquadramento Teórico e Geral da Dissertação

1.1. Enquadramento Teórico – Problemática

Desde sempre a escola tem tido um papel chave no processo de evolução dos povos, seja ela de modo implícito ou explícito. Para ser um pouco taxativo: não haveria desenvolvimento cognitivo, racional, tecnológico e profissional de que tanto a humanidade se orgulha e usa para o seu benefício sem a escola e a educação. A humanidade atual, com todos os seus apetrechos, é o reflexo do acumulado conhecimento, aquisição de experiências, produção de saberes que o próprio homem conseguiu empreender através de um processo de aprendizagem escolar, assistemático ou sistemático. Ora, perante este cenário, importa questionar: quais são as fontes primárias desses saberes, ou do engenho humano? O que é a escola/educação? De onde se origina a educação? Será a família a primeira fonte do processo educativo/escolar? Como são estruturadas as famílias, e como elas influenciam no processo educativo? É a partir destas duas últimas questões, que daremos o ponto de partida sobre essas abordagens. No nosso entender, a Educação é o desdobramento de práticas, saberes e técnicas oriundas da família (como um núcleo micro social), vulgarizadas pela sociedade, sistematizadas e desenvolvidas pela escola. Sendo assim, importa muito conhecer e compreender um pouco os mecanismos de funcionamento desta primordial instituição social, através do ponto de vista dos sociólogos e antropólogos.

1.2. O que se entende por família?

Vou destacar aqui algumas definições sobre o conceito de família, de acordo com a perspectiva de alguns sociólogos e antropólogos, a fim de verificarmos as que mais se adequam aos sistemas/conceitos da família no contexto da Guiné-Bissau e da nossa realidade em concreto. Segundo Lucy Mair (1970, citado por Lakatos e Marconi, 1990)

a família é “um grupo doméstico no qual os pais e filhos vivem juntos” (p. 169). Essa definição coaduna, em parte, com o meu conceito de família, embora aqui nem sempre os filhos coabitam com os próprios progenitores, sobretudo depois da primeira infância (pelo menos até aos três anos de idade), período em que, em muitas situações, passam para a casa de algum familiar (tio, tia, avós, etc.), motivado por algum fator social: sobrevivência, estudos, entre outras causas. Na perspectiva de Beals e Hoijer (1969, citados por Lakatos e Marconi, 1990) trata-se de “um grupo social cujos membros estão unidos por laços de parentesco” (p. 169). Esta é uma outra visão que se encaixa muito bem ao nosso contexto, pois, na sua grande maioria, os guineenses vivem mais com base nesse conceito de família, vista numa perspectiva mais alargada, incluindo vários elementos de progenitura diferente, o parentesco. Essas duas definições de família podem ser condensadas sob a perspectiva fenoménica de família de Roudinesco (2003), em que considera duas abordagens do fenómeno familiar, do seguinte modo:

A primeira, sociológica, histórica ou psicanalítica, privilegia o estudo vertical das filiações e das gerações insistindo nas continuidades ou nas distorções entre os pais e os filhos bem como na transmissão dos saberes e das atitudes herdadas de uma geração à outra. A segunda, mais antropológica, ocupa-se sobretudo da descrição horizontal, estrutural ou comparativa das alianças, enfatizando que cada família provém sempre da união — logo, do estilhaçamento — de duas outras famílias (p. 10).

A abordagem sociológica é vista por Roudinesco (2003) como mais restritiva ao conceito de família, menos abrangente e conservadora dos princípios inerentes a cada família, e a abordagem antropológica é vista mais pelo ângulo de parentesco, pois é mais abrangente, transbordando-se para outros complexos, externos à família de núcleo.

Admitimos também que se trata de aspetos que caracterizam os tipos de família que vigoram na nossa sociedade e cultura. Ora bem, para que possamos compreender bem o fenómeno familiar e suas variâncias sob culturas diversificadas, como é o nosso caso, vejamos os tipos de família, apresentadas segundo a perspectiva de Lakatos e Marconi (1990):

A **família elementar** (nuclear, natal-conjugal, simples, imediata, primária) é uma unidade formada por um homem, sua esposa e seus filhos, que vivem juntos em uma união reconhecida pelos outros membros de sua sociedade.

A **família extensa** (grande, múltipla) é uma unidade composta de duas ou mais famílias nucleares, ligadas por laços consanguíneos; série de familiares próximos pela linha masculina ou feminina, geralmente não por ambas, e ainda duas ou mais gerações.

A **família composta** (complexa, conjunta) é uma unidade formada por três ou mais cônjuges e seus filhos.

A **família conjugada-fraterna** refere-se a uma unidade composta de dois ou mais irmãos, suas respectivas esposas e filhos. O laço de união é consanguíneo.

A **família fantasma** consiste em uma unidade familiar formada por uma mulher casada e seus filhos e o fantasma. O marido não desempenha papel de pai, é apenas o genitor (pai biológico). A função de *pater* (pai social) cabe ao irmão mais velho da mulher (o fantasma). (p. 170-171).

Essa constatação pode-nos ajudar na tentativa de compreensão das relações intrafamiliares, sobretudo, tendo no meio de tudo a questão da responsabilidade que os progenitores, ou não, podem assumir face às crianças sob o seu cuidado. Vale a pena

conhecer um pouco os conceitos relacionados com a autoridade familiar, para uma melhor percepção sobre a assunção das responsabilidades familiares e sociais face aos filhos. Destaco aqui os modelos apresentados por Lakatos e Marconi (1990):

Patriarcal – se a figura central é o pai, que possui autoridade de chefe sobre a mulher e os filhos;

Matriarcal – em que a figura central é a mãe, havendo, portanto, predominância da autoridade feminina;

Paternal ou igualitária – onde a autoridade pode ser mais equilibrada entre os cônjuges, dependendo das situações, das ações ou questões particulares (p. 171).

Essas assunções de autoridade, em muitas circunstâncias, são produtos do tipo de relação, ou do modo como se processou a união ou casamento entre os pares, fatores que, também variam de povo para povo, ou, cultura para cultura, e das forças circunstanciais que norteiam a emergência desses laços. Nessa ótica, importa, muito, destacar aqui os tipos de laços de união e casamento, segundo a abordagem de Lakatos e Marconi (1990):

A **união** consiste no ajuntamento de indivíduos de sexos opostos sob a influência do impulso sexual. Os cônjuges são chamados de “amigados”, “amasiados” etc. A união pode ser *temporária, frouxa* (com divórcio fácil), ou *indissolúvel* (sem divórcio, com ou sem desquite).

O **concubinato** é um tipo de união. Consiste na união livremente consentida, estável e de fato, entre um homem e uma mulher, mas não sancionada pelo casamento. Pode ser legal ou não. A concubina converte-se na companheira

sexual de um homem, socialmente reconhecida por costume ou lei e, comumente é levada ao lar dele, em lugar ou juntamente com a mulher legítima. O *status* da concubina varia muito nas diferentes culturas; geralmente ela tem direito de ser mantida e seus filhos considerados legítimos, mas não tem direito a herança, e nem sempre os filhos recebem o nome do pai.

O **matrimônio** ou casamento é o modo pelo qual a sociedade humana estabelece as normas para a relação entre sexos. O matrimônio também pode ser visto como “uma união entre um homem e uma mulher de modo que as crianças nascidas desta sejam reconhecidas como frutos legítimos de ambos os pais (Mair, 1970, citado por Lakatos e Marconi, 1990, p.172).

Outros, dois, fatores que interferem nas relações intrafamiliares, que têm reflexos sobre a educação das crianças, são as problemáticas relacionadas com as práticas de monogamia e poligamia. Ligados ao processo de união e casamento, possuem uma forte carga emocional, social e psicológica sobre os próprios progenitores e as crianças que nascem como frutos desse relacionamento. Vejamos o que diz Lakatos e Marconi (1990) sobre essas duas modalidades de casamento:

A **monogamia** consiste no casamento de um homem ou mulher com apenas um cônjuge, como ocorre na sociedade ocidental.

A **poligamia** refere-se ao casamento do homem ou da mulher com dois ou mais cônjuges (p. 173).

Olhando para a nossa realidade. A experiência social tem-nos mostrado que muitas vezes as crianças acabam sofrendo muito por causa desta situação, ou formas de casamento. Quando não há um bom relacionamento, sobretudo entre os vários parceiros,

com rivalidades internas, mesmo entre os filhos de uma das progenituras diferentes, o processo da educação dos mesmos torna-se muito deficitário e precário. A atenção que se deve prestar às crianças acaba ficando muito abaixo das expectativas. Muitas vezes essas rivalidades internas acabam degenerando em conflitos viscerais, chegando ao ponto de muitas vezes, recorrerem à violência. A própria autoridade do Estado, em poucas ocasiões, consegue remediar esses litígios. A posse ou predomínio sobre as heranças/bens/espólios dos pais são uns dos principais fatores que despoletam esses conflitos. No meio disto tudo, em que situação fica a educação integral das crianças? Outro conceito se articula com este, para tentar compreender no ponto que se segue.

1.3. O que se entende por escola e educação?

Muito se tem falado da escola e da educação. Mas será que estes dois conceitos têm reunido algum consenso dentro da comunidade científica, das estruturas sociais, comunitárias, ou mesmo dentro das famílias? Principalmente no nosso contexto, que entendimentos possuem as diferentes franjas sociais sobre a escola/educação? O que os diferentes povos/etnias pensam sobre esses dois conceitos? Terão as religiões, e suas práticas, algumas influências sobre os sentimentos, concepções e relacionamentos com esses dois conceitos? A quem (que entidades) cabe/compete a responsabilidade de proporcionar a escola e a educação às diferentes gerações? Respeitante a assunção de responsabilidade sobre a questão de dar escola e educação, sobre as crianças/filhos, ou seja, a paternidade, podemos, antes, ter um olhar retrospectivo sobre o mesmo focalizando num exemplo, o dos romanos, que recuperamos aqui através de Roudinesco (2003):

Em direito romano, o *pater* é aquele que se designa a si mesmo como pai de uma criança por adoção, que a conduz pela mão. Como consequência a filiação

biológica (genitor) é totalmente desconsiderada caso não se siga da designação pelo gesto ou pela palavra. Desse ritual resulta a posição de comando do pai no seio da família, bem como a sucessão dos reis e dos imperadores no governo da cidade.

Com isso, a paternidade natural não tem significação no direito romano:

"Toda criança não reconhecida como seu Filho por um homem, mesmo no caso de ter nascido de sua esposa legítima e de seus atos, não tem pai." Quanto ao pai, pode, se quiser, legitimar qualquer filho natural: "Ele pode-lhe dar tudo, assim como a qualquer estranho, instituí-lo herdeiro, deserdar seus filhos legítimos em prol dele, pois é o senhor de sua casa. Mas pode igualmente deixá-lo na indigência, ignorá-lo completamente: esta criança não é seu filho, ele nada lhe deve (p. 13).

Fora dessa realidade de há vários anos atrás pode-se dizer, hoje, que os romanos e boa parte da humanidade (sobretudo os países mais desenvolvidos em questões de prestação dos serviços sociais básicos) terão evoluído bastante, na concepção e no procedimento. E o nosso caso? Podemos afirmar, de modo um pouco categórico, que nem por isso. Apesar de estarmos num país onde os dados estatísticos são escassos, ou difíceis de serem expostos. A um convivente e observador atento da sua própria realidade podemos dar ao direito de tal assertividade. Para começar, podemos dizer que no nosso contexto existem muitos filhos que são simplesmente frutos do acaso, com muita exceção de casos regulares de união ou casamento, que frisamos em cima, em que as coisas acabam dando certo de uma forma ou de outra. Desses frutos do acaso ou acidente, sucedem muitas situações de filhos que acabam perdendo o legítimo acompanhamento, tanto no seio familiar (que muitas vezes, por causa da dispersão dos

seus membros, que nem chega a existir propriamente), assim como na sociedade e no acompanhamento escolar. Outros fatores prendem-se com a dinâmica cultural. Muitos encaram a responsabilidade familiar de acordo como ela é herdada tradicionalmente. O modo como os seus antepassados entendem o processo educativo, é assim que deve permanecer, sobretudo quando se confunde com as realidades ou práticas religiosas (principalmente nas comunidades muçulmanas e da religião tradicional (animistas), e um pouco nos que praticam o cristianismo). As dimensões tradicionais e religiosas ocupam um espaço amplo na relação criança-escola, família-escola, comunidade-escola, pois as mentalidades de muitas das pessoas enraizaram-se nessas práticas, pelo que o que a escola ensina muitas vezes é vista com alguma dificuldade, e até uma certa desconfiança. Importa olhar um pouco para a ideia ou o pensamento de alguns autores experientes em questões sociológicas, para vermos que conceitos nos apresentam hoje sobre a escola e a educação para, depois, voltarmos à nossa realidade. Segundo Masschelein & Simons (2014), no mundo grego antigo a escola era vista do seguinte modo:

Embora a escola tenha sempre permanecido como um símbolo de progresso e de um futuro melhor, suas origens não são sem máculas. Culpada de más ações desde o seu início nas cidades-estado gregas, a escola foi uma fonte de “tempo livre” – a tradução mais comum da palavra grega *skholé* –, isto é, tempo livre para o estudo e a prática oferecida às pessoas que não tinham nenhum direito a ele de acordo com a ordem arcaica vigente na época. A escola era, portanto, uma fonte de conhecimento e experiência disponibilizada como um “bem comum” (p. 4).

Olhando um pouco nesta perspectiva podemos dizer que a mesma percepção, inicial, tida pelos gregos, há muitos anos atrás, mantém-se atual ainda hoje, embora em condições muito diversas ou, até, adversas. É justamente nessa perspectiva/percepção negativa que muitas famílias aqui vêm a escola: como fator de perda de tempo que se podia aproveitar em outras atividades mais rentáveis, que dão resultados satisfatórios imediatos.

Fatores culturais como o casamento para muitas etnias e tendências religiosas, caracterizam a escola como a via que conduz à desobediência aos mandos ou determinações dos mais idosos sobre os jovens. Apesar dessas visões, quase toda a sociedade reconhece que a escola representa a fonte primária do conhecimento. O lugar privilegiado para a aquisição do saber teórico e da profissionalização, bem como proporcionadora do espaço de afirmação da personalidade social de cada indivíduo. No nosso contexto estes sentimentos negativos face à escola são, em grande parte, provocados pelo crescente estado de degradação e disfunção das instituições escolares públicas; sucessivas greves que têm afetado o sector há mais de vinte anos; avançados estados de degradação das infraestruturas de algumas escolas; desatualização dos currículos de formação dos professores; falta de manuais escolares adequados e atualizados; e outros fatores de ordem político que não têm contribuído no sentido da estabilização do próprio país no seu todo.

Vejamos agora o conceito da educação e sua problemática, hoje, segundo a opinião de Edgar Morin no Seminário denominado Educação 360, realizado pelos jornais Globo e Extra, no Rio de Janeiro (comunicação pessoal, 5 e 6 de Setembro, 2014):

Aprendemos na escola muitos conceitos, muitos conhecimentos, mas todos dispersos. Precisamos desenvolver um modelo educacional que ligue esses

conhecimentos, que os coloque em perspectiva. As escolas acumularam saberes, mas não são capazes de organizá-los.

Há uma realidade mutilada de nós mesmos, fatiada. Nas aulas de Biologia, eu conheço nosso organismo. Na de Economia, somos traduzidos apenas em números frios. Em Ciências Humanas, fico sabendo como agimos em sociedade. Mas há conhecimentos separados de tudo isso, e precisamos integrá-los. O aluno precisa entender que a diversidade é o tesouro da Humanidade (p. 19).

Essa visão global daquilo que deve espelhar o papel da educação está intimamente ligada à vida do dia-a-dia das pessoas. Do aprender para a vida. Na verdade, se olharmos hoje para os conteúdos que a escola transmite, através das diversas disciplinas (sobretudo de formas muito distantes uma da outra), e o modo como as pessoas vivem na sociedade, podemos constatar que há um grande distanciamento entre o que se aprende nas salas de aula e a realidade que se vive em contextos sociais.

Voltando, agora, à questão do relacionamento escola – família ou pais e encarregados de educação, comunidade, podemos partir das questões muito valiosas levantadas por Cortezão e Stoer (1997) sobre esse domínio para verificar as verdadeiras questões que podemos pôr à nossa frente quando queremos procurar respostas, compreender e solucionar essa problemática da relação escola-família. Aí estão as questões levantadas pelos dois autores:

De que modo estão as escolas a relacionar-se com o seu meio? Estão as escolas a tentar, realmente, a identificar e interpretar as ideias e as perspectivas dos pais? Quais são as áreas significativas de interação escola-pais? O bem-estar geral das crianças? A gestão da escola a tomada de decisão? O comportamento dos (as) alunos (as)? Como é que se articulam os pais de filhos desfavorecidos nas

relações escola-pais? Que estratégias poderão ser utilizadas de forma a envolver pais de grupos social e culturalmente distantes da norma valorizada pela escola? (p. 121).

A primeira questão, muito fundamental, e as outras nos impõem a uma reflexão muito pertinente, pois olhando para a nossa própria realidade (Guiné-Bissau) podemos verificar, podemos dizer, que, em muitos contextos, as duas realidades estão muito distantes uma da outra. Na verdade, as escolas estão sempre inseridas dentro de um determinado meio sociocultural e ambiental, mas pelo que temos verificado as duas têm funcionado de modo muito autónomo. Verifica-se que para muitos dos pais/encarregados (em larga maioria) basta deixarem os filhos/educandos na escola, deixam tudo ao cargo da escola ou dos professores, não se preocupando mais com nada. Podemos até dizer que se trata de excesso de confiança. Ou será, ainda, por outras razões? Muitas vezes os anseios dos pais/encarregados residem só no fato que ao colocarem os filhos numa determinada escola, os resultados automaticamente ser-lhes-ão favoráveis, dadas as condições que a escola oferece, ou por possuírem uma determinada categoria de classe docente. E as escolas, por sua vez, muitas vezes têm um excesso de autoconfiança, acreditando que reúnem (em termos de infraestrutura e do corpo docente, administrativo, etc.) todas as condições necessárias para proporcionar uma boa educação, condições de aprendizagem e de relacionamento sociocultural dos alunos.

Em muitas escolas, um dos principais problemas prende-se com a questão da estruturação (são abundantes as escolas com esta problemática aqui na Guiné-Bissau) e de gestão, não só do ponto de vista administrativo, mas também no que tem a ver com

gestão pedagógica. Em muitas circunstâncias são sempre pessoas não qualificadas para os referidos cargos a exercerem os mesmos.

Os dois autores, Cortezão e Stoer (1997, p. 128-129) ainda nos mostram o quão, muitas vezes, andam muito distantes as linguagens (igual de surdos e mudos) usadas pelos professores em contraste com as dos pais/encarregados de educação, tornando assim muito complicada a compreensão mútua de ambos. Muitas vezes essas linguagens, da parte dos professores, são muito técnicas/acadêmicas e, por consequência, muito distantes à compreensão dos pais/encarregados. Também por parte dos pais/encarregados, contando que muitos possuem escolaridade muito baixa, ou são formados noutros domínios, não conseguem usar linguagens adequadas de modo a permitir aos professores compreenderem os conteúdos da mensagem que desejam partilhar com os mesmos, a cerca dos seus filhos/educandos.

Cortezão e Stoer (1997, p. 128) defendem que “de facto, o nosso mundo de referências era bem diferente, tal como diferente são os mundos de referências dos professores e dos vários pais, marcados por léxicos, culturas, vivências e até línguas plurais”. Esta passagem mostra referências importantes que podem muito bem ajudar no estudo, compreensão e procura de soluções baseadas no nosso contexto, visto que a Guiné-Bissau é um país de mosaico multiétnico e, por si só, cada grupo étnico constitui um mundo a ser compreendido dadas as suas particularidades. As escolas têm um grande papel a desempenhar sobre esse aspeto, uma vez que detêm, quase em exclusivo, esse privilégio de albergar nos seus recintos esse vasto mosaico multiétnico e multicultural em que deve ser desenvolvida uma educação geral e integral de todos os alunos. Por causa disso, como defendem os dois autores, acreditamos e categorizamos que é verdade que “Cabe as escola dar aos professores e aos pais meios para fazerem as

perguntas pertinentes e para poderem ser atuantes” (Cortezão & Stoer, 1997, p. 132).

Ainda os mesmos autores defendem que para o melhor conhecimento das realidades educativas, desempenho dos professores junto dos pais (e vice-versa) e da comunidade, e para melhor responder às problemáticas concernentes ao relacionamento escola-pais/encarregados de educação cabe à escola fazer o seguinte: “aos professores, dar-lhes a conhecer culturas, vivências, línguas e linguagens, aos pais, os princípios, os métodos, as regras e as suas razões” (p. 132).

Faria Filho (2000, p. 44) faz-nos recordar a ideia defendida pelos sociólogos da educação, em que deve sempre haver uma mutualidade implicativa entre os familiares e a escola. Assim, Montandon e Perrenoud (1987: 7, citados por Faria Filho, 2000) afirmam que “de uma maneira ou de outra, onipresente ou discreta, agradável ou ameaçadora, *a escola faz parte da vida cotidiana de cada família*” (p. 44). De acordo com Faria Filho (2000) vários estudos, incluindo os testemunhos de gestores de escola, e da própria prática pedagógica, evidenciam o seguinte:

a forma e a intensidade das relações entre escolas e famílias variam enormemente, estando relacionadas aos mais diversos fatores (estrutura e tradição de escolarização das famílias, classe social, meio urbano ou rural, número de filhos, ocupação dos pais, etc.).

Constata-se, também, um outro elemento: seja devido a mudanças pelas quais nas últimas décadas têm passado a família, seja em face das constantes e, às vezes, radicais alterações observadas na escola, bem como da consequente discussão (e incertezas) acerca do lugar dessas instituições na formação das novas gerações, observa-se hoje uma exaltação da necessidade de se estabelecer um efetivo diálogo entre a escola e a família (p. 44).

Estas observações são muito úteis para compreendermos o emaranhado e complexo contexto, ou circunstâncias, em que se opera o processo de ensino-aprendizagem, ou educação na sua íntegra. Pois, doutro modo não podemos afirmar com tanta certeza que estamos a oferecer uma educação de qualidade, e integral, sem estarmos a olhar e a trabalhar esses outros componentes que, de uma maneira ou de outra, podem estrangular o trabalho da escola, do professorado e das próprias famílias que pretendem proporcionar um bom acompanhamento escolar aos seus filhos/educandos. As escolas devem conhecer muito bem os contextos em que estão inseridos, com que tipos de famílias lidam, suas condições básicas e sociais, etc., e da parte dos pais/encarregados a exigência deve ser a mesma, pois os mesmos devem-se conhecer a si mesmos, suas condições, o meio em que se encontram, para poderem acomodar e acondicionar as próprias vidas e dos seus filhos/educandos de acordo com a realidade em que estão inseridos e, conseqüentemente, da comunidade escolar e educativa.

A propósito é tão adequado o artigo de Firmino Costa (citado por Faria Filho, 2000, p. 46) sobre “Calendário Escolar”, que vale a pena expô-lo aqui:

A vida social completa está na cidade. A família e a escola são suas partes mais importantes. A cidade há-de interessar-se por elas, cooperando em seu desenvolvimento, pois que de uma outra forma não podem progredir. Onde não houver famílias bem constituídas, onde não existir escolas bem organizadas, aí não se encontrará a civilização. (...)

A família, a escola e a cidade hão-de ver no menino uma esperança da pátria, donde deve brotar um cidadão digno e prestante. Elas têm de oferecer para esse fim um ambiente favorável, cuja formação compete aos professores e a todos aqueles que forem modelos da vida social (Ano IV, 35, 1929, p. 57-58).

Deste modo, afigura-se inquestionável a suma importância de estreita relação entre essas três componentes sociais: a família, a escola (professores) e a sociedade. As três devem trabalhar sempre em consonância para que haja complementaridade, e melhorias constantes no processo educativo porque, ao fim de tudo, todos é que vão sair a ganhar com a obtenção de uma educação que seja capaz de alimentar a sociedade através da obtenção de maiores benefícios comuns, tais como: Cidadãos mais e melhores educados; melhor e mais qualificados para uma participação cívica e social; profissionais mais aptos a operarem mudanças nas infraestruturas e tecidos sociais, e comunitários; etc.

Capítulo 2 - Enquadramento Metodológico

2.1. Justificação das Opções Metodológicas

Neste capítulo do estudo, tencionamos expor e justificar as opções metodológicas, os objetivos, a caracterização das amostras e, de modo geral, apresentar os instrumentos e as técnicas de procedimento utilizadas para a concretização da investigação e, por fim, os procedimentos de análise e interpretação dos dados.

O presente estudo nasceu como produto de uma questão central: “Relação Escola – Família, que finalidades se querem atingir?” Ainda, na mesma perspetiva, foram levantadas algumas questões de segunda categoria, tais como: Tem havido verdadeiros encontros entre a escola e as famílias das crianças? Houve orientações claras e paradigmáticas sobre os objetivos que se querem atingir com esses encontros? Tem havido interesse por parte dos pais/encarregados de educação em se aproximarem da escola? Há uma clara perceção sobre o conceito e a função da escola/educação por parte dos pais/encarregados da educação? Como se processa a colaboração da comunidade com a escola?

Nas mesmas linhas orientadoras, ou perspetivas, que podem ser adotados para a investigação em áreas de Ciências Humanas, são múltiplas as opções metodológicas, também válidas e inerentes à natureza da investigação no domínio educativo, pelo que temos muitas portas abertas para a realização desta tarefa. É com base nesta perspetiva que pensamos apresentar as nossas opções.

Trata-se de um estudo de natureza descritiva, com análise documental e recolha de dados através de fichas estruturadas, previamente organizadas, em que os participantes são: diretor da escola, professores, pais/encarregados de educação e alunos. Aos

elementos selecionados destes participantes (um elemento por cada grupo) serão feitas entrevistas semiestruturadas, para as quais foi elaborado um guião com questões pertinentes e adaptadas ao perfil de cada participante (estes documentos virão no final da dissertação, como anexos).

Considerando que o nosso universo da pesquisa contém o número total de 457 alunos, 27 professores e um número indeterminado de pais/encarregados de educação, selecionamos apenas um aluno para a realização da entrevista, acontecendo do mesmo modo com os professores e os pais/encarregados de educação. Foram mantidos os aspetos éticos, no que se refere ao respeito com a instituição, bem como ao sigilo das informações prestadas pelos sujeitos que fizeram parte do universo da pesquisa, adotando os critérios éticos estabelecidos, sendo que os sujeitos não foram identificados e tiveram oportunidade de ler os Termos de Compromisso e que consentiram de forma livre em participar no estudo (ver Anexos 1 e 2). Mas, primeiro que tudo, visitemos ainda o conceito de metodologia que é a via orientadora de todo o processo, que nos conduzirá ao nosso objetivo almejado.

2.2. Conceito de Metodologia

Antes de mais, no nosso entender, importa muito esclarecer o conceito de metodologia, segundo a perspetiva de alguns autores que tivemos a oportunidade de consultar. Pois, para qualquer área/domínio do saber científico exige-se certos procedimentos básicos e inerentes à natureza do próprio saber que se pretende elaborar. A ciência exige clareza, minúcia, sequencialidade e objetividade. Para isso é necessária a adoção e as adaptações aos percursos conducentes à sua finalidade. Enfim, um caminho de orientação, uma metodologia. Vejamos o que dizem alguns autores sobre o conceito de metodologia.

Assim, nessa primeira perspectiva, temos que a “metodologia significa, etimologicamente, o estudo dos caminhos a serem seguidos, dos instrumentos usados para se fazer ciência. A metodologia faz um questionamento crítico da construção do objeto científico, problematizando a relação sujeito-objeto construído” (Goldenberg, 2011, p. 82). Isso mostra que para qualquer pesquisador há sempre essa necessidade, de princípio, em conhecer os caminhos, ou passos, que devem ser dados para se atingir um determinado objetivo científico. E, a par disso, é imperioso familiarizar-se com os instrumentos necessários e adequados para a recolha dos elementos pretendidos para construir o saber científico. Na segunda perspectiva, Prodanov e Freitas (2013) optam, ainda, pela desconstrução do conceito de metodologia em partes para melhor demonstrarem a sua raiz etimológica, considerando que “a palavra metodologia vem do grego ‘meta’ = ao largo; ‘odos’ = caminho; ‘logos’ = discurso, estudo” (p. 14). E, para explicitar, acrescentam que “a metodologia, em um nível aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitem a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação” (p.14). Sendo assim, pelo fato de termos optado pelo estudo de caso neste trabalho de pesquisa, vale a pena abordar esse conceito no ponto que se segue.

2.3. O que é um estudo de caso?

Quando Prodanov e Freitas (2013) afirmam que o Estudo de Caso “representa a estratégia preferida quando colocamos questões do tipo ‘como’ e ‘por que’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (p. 128), isso nos faz perceber que esse método centra-se sobre objetos específicos e não muito abrangentes, procurando extrair abordagens muito precisas. Assim, pelo fato de que a

nossa pesquisa versa apenas sobre um aspeto da sociedade, e tendo como modelo de absorção de resultados, uma certa localidade com as suas características peculiares, cujas amostragens são específicas, essa definição articula-se adequadamente com os nossos objetivos. A propósito, vejamos o que diz Vilelas (2017) sobre o conceito e o papel do estudo de caso:

Pensa-se num caso geralmente como um único membro de uma dada população e, como tal, representando fracamente a população; assim, o estudo deste caso forneceria uma base pouco sólida para fazer generalizações. No entanto, um caso pode ser definido como um fenómeno de certa natureza ocorrendo num dado contexto. O caso é uma unidade de análise, que pode ser um indivíduo, o papel desempenhado por ele ou por uma organização, um pequeno grupo, uma comunidade ou até mesmo uma nação. Todos esses tipos de caso são unidades sociais (p. 194).

Esta explanação nos deixa transparecer de forma explícita as limitações de um estudo de caso, mas também a sua validade e pertinência em certos contextos, ou circunstâncias, de trabalhos de investigação. E a utilidade de um estudo de caso fica ainda mais evidente nesta outra passagem de Vilelas (2017), onde afirma que:

Frequentemente, os estudos de caso incidem sobretudo no estabelecimento de semelhanças entre situações e, a partir daí, na obtenção de uma base para generalização, o que muitas vezes justifica a generalização de um caso para outro, muito mais do que para uma população de casos (p. 295).

A esse propósito, ainda, Amado (2014) nos alerta sobre o fato de que os estudos de caso podem ser multifacetados, pois o seu âmbito de utilidade não se limita só ao domínio da investigação “como é o caso dos estudos de caso designados de educativos

ou formativos, muito utilizados no ensino de Direito e da Economia (...), na formação de professores (...)” (p. 121). Uma outra passagem de Amado (2014), muito importante, torna evidente de forma muito elucidativa as circunstâncias em que podemos utilizar o estudo de caso, tal como podemos constatar, “o estudo de caso pode consistir no estudo de um indivíduo, de um acontecimento, de uma organização, de um programa ou reforma, de mudanças ocorridas numa região, etc. são estudos que admitem uma grande multiplicidade de abordagens metodológicas, (...)” (p. 121).

Um outro aspeto importante para se realçar aqui é a necessidade de algumas competências básicas requeridas para quem deseja efetuar um estudo de caso. Assim, podemos elencar aqui, por sua boa elaboração, feita por Yin (1989, citado por João Amado, 2014, p. 123), as condições básicas e fundamentais que deve desenvolver o investigador interessado no estudo de caso:

- Saber formular boas perguntas e interpretar as respostas;
- Ser um bom ouvinte e não ser traído pelas suas próprias ideologias ou preconceitos;
- Ser adaptável e flexível, e conseguir ver as situações inesperadas como oportunidades e não como ameaças;
- Ter uma boa capacidade de ‘agarrar’ os aspetos que estão a ser estudados. Esta capacidade reduz os dados relevantes e a informação toma proporções geríveis;
- Não ser influenciado por preconceitos, incluindo os que derivam da teoria.

E, para fechar este ponto, achamos útil citar a opinião, bem resumida, das duas autoras brasileiras sobre o estudo de caso, Ludke e André (1986, p. 17, citados por Amado, 2014), onde afirmam que “quando queremos estudar algo singular, que tenha

um valor em si mesmo, devemos escolher o *estudo de caso*” (p. 124). Tal é a nossa intenção.

2.4. Instrumentos de recolha de dados

Foram feitas pesquisas documentais e bibliográficas; entrevistas; análise de documento, tais como o regulamento da instituição em estudo; fichas estruturadas para recolha de dados relativos à instituição escolar, espaço educativo, professores e alunos (esses documentos estão no final da dissertação, como anexos).

2.4.1. Fichas estruturadas para a recolha de dados

Tendo como foco da nossa atenção a problemática da Relação Escola-Família: Um estudo de caso, optamos também pela pesquisa científica descritiva por meio de inquérito (entrevistas), pois, de acordo com Bell (1993, p. 23) “na maior parte dos casos, um inquérito propõe-se obter informações a partir de uma selecção representativa da população e, a partir da amostra, tirar conclusões consideradas representativas da população como um todo.”, fator que se coaduna com a nossa intenção, uma vez que o nosso estudo foi realizado junto a Escola do Ensino Básico São Paulo, localizada no Setor Autónomo de Bissau. Optamos por um estudo exploratório, através das fichas de recolha de dados e entrevistas, por serem as vias mais diretas para as recolhas de informações possíveis sobre a população estudada, considerando: seus percursos, suas intuições, conhecimentos e experiências, suas dificuldades e perspectivas, o modo de pensar, suas tendências e pressões com que se vêm confrontados sobre a questão em estudo.

Nesta perspectiva, Goldenberg (2011, p. 71-72) nos apresenta as vantagens e desvantagens da aplicação deste método de pesquisa. O nosso objetivo vai no sentido de

recolhermos as mais diversas informações a fim de proporcionar maior aproximação ao problema, perspectivando torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

As fichas estruturadas para recolha de dados (ver Anexos 3, 4 e 5) foram organizadas de forma a permitir que as pessoas investigadas exprimissem de forma clara a sua opinião no tocante aos conceitos postos, onde podem emitir as suas ideias ou pensamentos em conformidade com as informações que pretendemos obter, com o objetivo de elencar os fatores predominantes sobre a problemática da Relação Escola-Família. Para verificar (por exemplo) como a família, a escola, a religião, a sociedade e outros fatores, de modo geral, podem influenciar esse processo. Também serão verificados os níveis de percepção e perspectivas almejadas, dos participantes, quanto ao estudo desse processo.

As fichas não são entendidas no sentido tradicional (então seria aplicado a um número significativo de pessoas), mas são fichas que permitem ao investigador sistematizar a informação recolhida junto de um número reduzido de participantes, selecionados por serem relevantes para o tema em estudo e também na análise dos documentos produzidos pela própria instituição escolar.

2.4.2. Entrevistas

Por ser uma das técnicas que usamos para a recolha de dados, um propósito de princípio, vale a pena questionar o seguinte: O que será uma entrevista? No nosso modesto entendimento trata-se de um ato de estabelecimento de diálogo por meio de palavras, tendo como objetivo/finalidade a captação de algumas informações por via oral, principalmente quando se trata de pesquisa qualitativa. Independentemente do que se pretende fazer com essas informações, a entrevista afigura-se como uma via direta, embora não totalmente fidedigna, para a obtenção de informações junto às fontes, sem ir

por via de terceiros, fator que pode comportar muitos riscos. Uma vez que a nossa intenção é recolher dados/informações tendo como foco principal a análise das mesmas, vale a pena levar em linha de conta essa observação de Tozoni-Reis (2009, p.40), onde afirma que “toda entrevista exige um roteiro previamente definido cujo grau de sistematização define o grau de estruturação da entrevista. Dessa forma temos mais comumente a entrevista estruturada e a entrevista semi-estruturada.” Assim sendo, optamos pela entrevista semiestruturada com questões previamente elaboradas e sequenciais, com o objetivo de não desviarmos do foco da pesquisa e, assim, manter o fio condutor de todo o processo. Levamos, ainda, em linha de conta estas recomendações de Tozoni-Reis (2009):

Na entrevista semi-estruturada, as questões são apresentadas ao entrevistado de forma mais espontânea, seguindo sempre uma sequência mais livre, dependendo do rumo que toma o diálogo. Neste tipo de entrevista, é recomendado que o pesquisador procure criar um clima espontâneo e descontraído que contribua para atingir os objetivos do estudo em questão (p.45).

Apesar de Gil (2002, p.117) considerar a entrevista como técnica de recolha de dados que apresenta maior flexibilidade, acrescenta os seguintes aspetos que devem ser considerados “pode ser focalizada quando, embora livre, enfoca tema bem específico, cabendo ao entrevistador esforçar-se para que o entrevistado retorne ao assunto após alguma digressão” (p. 117). Assim, as entrevistas foram feitas em ambientes de máxima naturalidade, onde os entrevistados tiveram vagar de se exprimirem com muita liberdade, tanto do ponto de vista racional como emocional.

Guiões de entrevistas

Foram aplicados guiões de entrevistas semiestruturados a realizados com um diretor da escola, um professor, um pai/encarregado de educação e um aluno. Aos entrevistados foram colocadas múltiplas questões semiabertas: ao diretor da escola (40 perguntas); ao professor (41 perguntas); ao pai/encarregado de educação (22 perguntas); e ao aluno (26 perguntas).

De acordo com Amado (2014, p. 208) “a classificação das entrevistas, quanto à sua estrutura, percorre uma linha imaginária e continua desde a estruturação rígida até à sua completa ausência.” Deste modo, considera que as entrevistas, quanto à estrutura, podem ser classificadas do seguinte modo:

- A entrevista estruturada ou diretiva
- A entrevista semiestruturada ou semidiretiva
- A entrevista não estruturada ou não-diretiva
- A entrevista informal – conversação

Sendo a entrevista semiestruturada a nossa opção para o desenvolvimento do nosso trabalho, importa muito aprofundar um pouco este conceito. Na mesma perspetiva, João Amado (2014) apresenta, do seguinte modo, a entrevista semiestruturada:

As questões derivam de um plano prévio, um *guião* onde se define e regista, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial do que se pretende obter, embora, na interação se venha a dar uma grande liberdade ao entrevistado (p. 208).

O mesmo autor, ainda, considera que no âmbito da metodologia de pesquisa qualitativa a entrevista semiestruturada é um dos mais importantes instrumentos para a recolha de dados (Amado, 2014), fundamentando-se do seguinte modo:

(...) Sobretudo pelo facto de não haver uma imposição rígida de questões, o que permite ao entrevistado discorrer sobre o tema proposto ‘respeitando os seus quadros de referencia’, salientando o que para ele for mais relevante, com as palavras e a ordem que mais lhe convier, e possibilitando a captação imediata e corrente das informações desejadas (p. 209).

Assim, tornam-se muito evidentes as principais vantagens da entrevista semiestruturada, pois facilita instantaneamente, através da interação direta, a grande possibilidade de obter mais informações, indo além das prévias questões pré-objetivadas através do guião de entrevista.

2.5. Procedimento para análise dos dados

Com base nas fichas, os dados foram tratados através de procedimentos de estatística descritiva e as entrevistas foram objeto de uma análise de conteúdo. Perante isso, Uwe Flick (2013, p.137-138) aconselha que seja feita, primeiro, uma prévia seleção dos materiais recolhidos levando em linha de conta os dados mais relevantes, pois nem tudo pode ser útil ao escopo da pesquisa, devendo acontecer a mesma coisa com as entrevistas, em que devemos abstrair apenas as informações mais relevantes. Ainda Flick (2013) salienta que é necessário analisar a situação circunstancial em que os dados foram recolhidos, objetivando os modos “ como o material foi gerado, quem estava envolvido, quem estava presente na situação da entrevista, de onde vieram os documentos a serem analisados e assim por diante” (p.137). Numa outra vertente, a da estatística, Christian Laville e Jean Dionne (1999) ao colocarem a questão sobre o que a

estatística nos fornece em termos de conteúdo, nos propõem a seguinte chamada de atenção:

Uma massa de instrumentos que podem nos desviar do caminho se tentamos aplicá-las ao material sem reflexão suficiente, mas que, usadas com discernimento, podem ajudar a melhor compreender e explicar os fenómenos e as situações, contribuindo assim para a construção dos saberes (p.204).

Isso mostra que, de tantos elementos que podemos obter, em termos de informação, através dos dados estatísticos, é necessário fazer muito exercício mental adicional para abstrair o útil e o essencial, para se cingir sobre o objetivo da pesquisa a fim de evitar devaneios. Mas, para compreendermos melhor o conceito de Análise dos Dados, voltemos um pouco atrás para fazer emergir o conteúdo do conceito “analisar”. De acordo com a perspectiva de Preti (2009, p.165) podemos entender por “analisar” atitudes e procedimentos como:

Dar tratamento ao material obtido durante a pesquisa, no intuito de destacar os principais achados da pesquisa;

Estabelecer relações entre os dados e o referencial teórico, buscando nova compreensão, novo olhar sobre o fenómeno em estudo;

Buscar relações e inferências num nível de abstração mais elevado e, assim, ultrapassar as explicações de senso comum;

Entrar no campo de imanências, ou seja, a possibilidade de alçar descobertas (p.165).

Estes itens, bem elaborados e esclarecedores, nos demonstram que na realidade existem fortes interligações entre os constructos teóricos iniciais que fundamentam a

pesquisa, assim como as etapas dos trabalhos de recolha dos dados no campo, e das suas análises posteriores, bem como o distanciamento que se deve estabelecer entre os dados da pesquisa científica com aqueles oriundos de fontes não fundamentadas, ou seja, do senso comum. Tudo isso serve como paradigma fundamental e indispensável para o alcance dos objetivos preconizados pela nossa pesquisa. Por isso, ainda, Preti (2009, p.165) considera que o trabalho de analisar deve ser contínuo, desde o princípio da pesquisa, até ao fim. Concordamos com essa ideia, pois entendemos que cada etapa deve ser pensada e repensada, avaliada e reavaliada, para se ver o seu enquadramento dentro de todo o processo.

Consultando também Gil (2008, p.156) vimos que correlaciona, quase de forma concomitante, os conceitos de “análise” e de “interpretação”, como elementos indissociáveis nesse processo, assim, como o faz transparecer através da seguinte passagem:

A análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (p.156).

Assim, a interpretação se afirma como um exercício racional conducente à compreensão dos conteúdos inerentes (e inertes) contidos nos dados recolhidos, que podem ser mais bem compreendidos no âmbito da interação com outros conhecimentos anteriormente adquiridos e, relacionáveis aos conhecimentos emergentes, frutos do trabalho de campo feito em vista da recolha de novos dados.

2.6. Referenciais éticos

Os aspetos éticos, que envolvem uma investigação desta natureza, foram devidamente prosseguidos neste estudo, respeitando as orientações ético-deontológicas expressas na Carta de Ética do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Este documento chama a atenção para a "credibilidade e a confiança pública na produção científica." (Carta de Ética, 2016, p. 9153). Na etapa dos procedimentos preliminares, para concretizar o objetivo de estabelecer contacto com os participantes, foram apresentadas as intenções do estudo, esclarecendo os aspetos considerados pertinentes, solicitando a colaboração de modo a prosseguir com os objetivos do estudo e assumindo o compromisso de respeitar os aspetos de natureza ética e profissional, garantindo-se os princípios de confidencialidade dos dados e de anonimato dos participantes. Deste modo, seguiram-se as orientações dadas pelo Instituto de Educação da Universidade Lisboa (IEUL), o qual coordena o Mestrado, em parceria com a Universidade Católica de Guiné-Bissau (UCGB), para legitimar e possibilitar contactos com os diferentes participantes na atual pesquisa.

Capítulo 3 – Apresentação dos Resultados I: Caracterização da Instituição

3.1. O caso: a escola do Bairro de São Paulo

A Escola Católica do Ensino Básico São Paulo localiza-se no Setor Autónomo de Bissau (SAB), concretamente no bairro de São Paulo. Foi fundada em 1994 pelo padre Dionísio Ferraro, missionário do PIME (Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras), com o objetivo de diminuir a alta taxa de analfabetismo que havia nesta zona, visto que há uma grande distância entre o bairro e o centro da cidade de Bissau, onde a maioria dos estabelecimentos do ensino se situam. É uma escola reconhecida pelo Ministério da Educação Nacional da Guiné-Bissau desde 4 de abril do ano 1994. Faz parte da rede das escolas diocesanas de Bissau. De construção definitiva, ocupando uma área geográfica de 11,325 m², com oito salas de aulas (com área de 27 m² cada) e doze turmas, tem capacidade para albergar mais de 500 alunos, na totalidade.



Figura 1. O primeiro pavilhão, com a placa de anúncio da escola, com três salas de aula e casas de banho.



Figura 2. O primeiro pavilhão, de outra perspectiva.

Aproximadamente, pode receber 43 alunos por turma (como lotação máxima), número suficiente para atender parte considerável das crianças da zona, em idade escolar. É vedada, sem pavimentação, com coberturas de zinco (como se pode ver nas Figuras 1 e 2). Tem latrinas e uma sala para os professores, uma sala comum para a direção e a secretaria, sem biblioteca (propriamente dita, pois na sala dos professores existem algumas estantes de livros, mas que não constituem propriamente uma biblioteca suficiente para a escola) e horta (ver figuras 3 e 4). Possui uma cantina, que também é de gestão privada. Tem um vasto espaço exterior, campo de jogos, facilitando assim as possibilidades de realização de outras atividades recreativas e lúdicas. Tem acesso a água corrente, fornecida através de um furo de água próprio. Dentre outras coisas necessárias que a escola ainda não tem, podemos elencar: cozinha, refeitório, ginásio, sala de direção, sala destinada aos pais e encarregados de educação/comunidade. A escola ainda não tem cozinha e refeitório próprio porque não

existiu desde sempre, encontrando-se agora em fase de projeto a realização destes objetivos. A cantina que se encontra a funcionar na escola (ver Figura 5) é fruto da iniciativa de uma professora que a explora momentaneamente, enquanto a escola não construir a sua própria cozinha e cantina. Importa também salientar a falta de alguns materiais para jogar e praticar outras atividades de entretenimento durante os recreios (bolas, arcos, cordas, etc.), embora os alunos adaptem alguns instrumentos para realizar essas atividades. A escola tem espaços para guardar os cadernos e outros materiais didáticos, inclusive outras coisas dos alunos.



Figura 3. Segundo pavilhão, com duas salas de aula e secretaria no meio.

Os pais e encarregados da educação das crianças têm um razoável poder económico. Na sua maioria, estima-se que sessenta por cento (60%) sabem ler, com atividades laborais variáveis. As crianças, além das atividades escolares, participam nas atividades de comércio e outras atividades profissionais tais como carpintaria, mecânica, construção civil e atividades religiosas. Essas atividades são desenvolvidas junto dos

pais que, deste modo, aproveitam para lhes transmitir as suas profissões e experiências peculiares da família. Por se tratar de um bairro periférico de Bissau, os habitantes frequentam os centros sociais e de lazeres, entre outras, visto que o bairro oferece algumas opções nessa área.



Figura 4. Terceiro pavilhão, com três salas de aula, sala de professores e que contém uma pequena biblioteca.

A população, na sua maioria, é constituída por elementos da etnia Papel e Balanta, com mistura de outras etnias. Eles têm como referências, principalmente, os líderes religiosos, governantes, políticos e associação dos moradores, etc. Existem também movimentos sociais atuando no bairro e uma ONG que apoia as populações mais carentes. A instituição recebe alunos a partir dos seis anos de idade, onde lecionam 27 professores, abrangendo o primeiro e segundo ciclo do ensino básico (do 1º ano ao 6º ano). Funciona em dois turnos diurnos: o da manhã – das 8h00 às 12h45 minutos para 1º ciclo e o da tarde- das 14h00 às 18h30 minutos para o 2º ciclo. O período da manhã

abrange uma média de 300 alunos e o período da tarde 157, totalizando 457 alunos. Em termos de género, 221 (48%) alunos são do sexo masculino e 236 (52%) são do sexo feminino.



Figura 5. No centro, uma pequena cantina, entre os dois pavilhões (2º e 3º).

Sendo uma escola de gestão privada, consegue garantir-se financeiramente através de pagamento das propinas dos alunos, dinheiro insuficiente para cobrir todas as despesas da escola. A escola católica de São Paulo não vive isolada do meio em que se insere, tendo toda a vantagem em estabelecer laços e parcerias. Nesta perspetiva, pretende-se continuar a promover contatos e a procurar a colaboração e apoios junto dos organismos com afinidade. Assim, a escola mantém contacto e colaboração com as seguintes entidades:

- ✓ Companhia Missionaria do Coração de Jesus (CMCJ) – apoia financeiramente a escola.

- ✓ FEC – apoia na formação dos professores, administração e na promoção e elaboração do ensino e aprendizagem.

3.2. Calendário das atividades escolares e festividades

A escola São Paulo, antes do início do novo ano letivo, elabora um calendário das atividades que engloba todas as tarefas a serem desenvolvidas durante todo o ano letivo, tanto curriculares assim como extracurriculares. Através do referido calendário são estabelecidas as datas do princípio e do término do novo ano letivo, dos períodos intercalares que determinam o início e fim dos trimestres, encerrando assim os ciclos das avaliações. De referir que os trimestres terminam, coincidindo sempre com os feriados das grandes festividades do calendário da Igreja Católica, por serem os períodos em que o Estado da Guiné-Bissau concede mais tempo de pausa letiva para o sistema de ensino nacional (chega até aos 15 dias de pausa letiva). Pois também dá mais vagar aos professores, no sentido de trabalharem atempadamente as fichas das avaliações, para a posterior entrega dos resultados trimestrais aos pais/encarregados de educação. Supomos que estes feriados ligados às festas religiosas do Natal e da Páscoa devem ser um dos legados da época colonial. O mesmo calendário estabelece também as datas dos feriados nacionais e internacionais (obrigatórias e não obrigatórias), a serem cumpridas. O referido calendário estabelece igualmente as datas das reuniões ordinárias da direção da escola com corpo docente, onde são debatidos os assuntos correntes da escola, perspectivas, entre outros aspetos. Acontece o mesmo com os pais/encarregados de educação, em que se determina quando devem acontecer esses encontros regulares para, além das entregas dos resultados trimestrais e final, são feitas trocas de informações entre pais/encarregados com os professores e a direção da escola acerca dos alunos, levando sempre em linha de conta as dificuldades enfrentadas por

ambas as partes (em casa e na escola), entre outros aspetos. Importa referir que, à margem das reuniões estabelecidas no calendário, algumas vezes as circunstâncias diversas, motivadas por assuntos emergentes ligados aos alunos, à vida da escola e dos pais/encarregados ou à comunidade envolvente à escola, motivam a convocação de reuniões ou encontros extraordinários para a concertação de ideias, opiniões ou sugestões.

Várias festividades e comemorações marcam o ritmo do calendário escolar.

3.2.1. Festividade de Natal e Páscoa

A escola São Paulo aproveita as festividades de Natal e da Páscoa para, no último dia das aulas, que culminam com os feriados conducentes a estas festividades, a oportunidade de realizar uma pequena festa na escola, com a presença dos alunos, professores e demais funcionários da escola. Antes da referida festa são realizadas algumas atividades alusivas à temática do Natal ou da Páscoa: palestras, apresentações de peças teatrais, poesias, danças, jogos, entre outras atividades. Os pais são sempre convidados a tomarem parte nessas atividades festivas, embora sem participação direta nas mesmas.

3.2.2. Dia do Padroeiro da Escola – São Paulo

A festa da escola ou dia do padroeiro da escola, São Paulo (que se celebra todos os anos a 25 de janeiro), é uma das datas importantes estabelecidas no calendário das atividades escolares. Além da festividade em si, esse dia serve para se fazer, com os alunos, alguma reflexão em torno dessa figura religiosa: sua vida e obra, seus ensinamentos, e muitas outras atividades de entretenimento.

3.2.3. Carnaval na escola – festa tradicional e cultural

A festa tradicional e cultural do Carnaval também é um dos elementos importantes que fazem parte do mesmo calendário das atividades escolares. O Carnaval é a festa de manifestação cultural trazida à Guiné-Bissau pela colonização portuguesa, mas que se tornou na maior festa de manifestação popular e cultural do nosso país. Nos quatro dias em que é celebrada, as pessoas vestem-se de entrudos e de modos de vestes em trajes tradicionais inerentes à cada etnia (dentre as mais de 36 etnias que compõe o território da Guiné-Bissau), com práticas de danças, entre outras formas de apresentação cultural. Neste contexto total as crianças, como gerações de herança cultural, merecem e têm merecido um lugar de destaque nestas festividades. Por isso, o primeiro dia do Carnaval, a nível nacional, é dedicada às crianças (denominada pela Comissão Nacional encarregue para organizar as festividades do Carnaval, de Carnaval infantil), com o intuito das escolas, organizações em defesa das crianças, associações de bairro, etc., realizarem atividades do Carnaval a fim de incutir na mente das crianças a importância da preservação dos valores culturais e étnicos existentes desde os primórdios no país. Por isso, a escola estabelece o último dia de aula que culmina com o penúltimo dia do início desta festividade para a realização da mesma na escola, onde são convidados os pais a participarem. Cada turma organiza-se da sua maneira, mas depois toda a apresentação é feita no mesmo espaço (campo contíguo à escola), em forma de concurso, onde são classificadas as diversas categorias da apresentação. Os pais/encarregados também costumam participar nesta atividade, mas sempre como simples observadores, embora podemos destacar a importância valiosa do incentivo que as suas presenças a observarem os filhos/educandos traz de bom. Vale referir que o Carnaval infantil é organizado, em termos de concurso interescolar e a nível do SAB, mas a escola São Paulo nunca participou nestes domínios.

3.2.4. Dia 17 de fevereiro – Dia dos Professores da Guiné-Bissau

O dia 17 de fevereiro, segundo consta do calendário das atividades escolares, também é uma outra data importante para a escola São Paulo e o seu corpo docente, pois trata-se do dia nacional dos professores da Guiné-Bissau. Para o efeito da sua comemoração, os professores da escola organizam um espaço de reflexão sobre alguns temas relacionados com a profissão e a prática docente, com o intuito de partilharem algumas visões críticas, ideias novas, projetos comuns, tendo sempre em vista as possibilidades da melhoria das condições de trabalho da classe docente. Isto não só a nível da escola, mas contando com todos os que trabalham no domínio do professorado. O dia é aproveitado também para convidar os professores de outros estabelecimentos de ensino para, não só, estabelecer e reforçar os laços de amizade, mas também para a troca de experiências, de informações e partilhas de outros conhecimentos sob diversos aspetos. Na mesma perspetiva, os pais são convidados a participarem com o intuito de reforçar os laços de amizade, cooperação e entretenimento.

3.2.5. Dia 1º de junho – Dia Internacional das Crianças

Sendo o dia internacional das crianças (de acordo com a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito da Criança – UNICEF), o dia 1º de junho, é visto como uma data muito importante para as crianças, sendo assim muito valorizada pela escola São Paulo. Para essa comemoração a direção da escola organiza palestras onde são convidados alguns professores, ou outras individualidades com mais conhecimento sobre a matéria, para falarem às crianças sobre os seus deveres e direitos e da importância cívica e social destes valores. Isto, contando que em muitos lares familiares a questão relacionada com os direitos das crianças não é tida em conta. Muitas crianças da Guiné-Bissau sofrem vários tipos de violações sobre os seus direitos, e tudo isso tem muito a ver com a falta

de conhecimento dos próprios progenitores/encarregados de educação. Por causa disso, os pais/encarregados são convidados a tomarem parte nessa atividade e outras que são realizadas durante essa comemoração do dia internacional das crianças.

3.3. Alunos e os Processos de Avaliação

Considerando que os alunos são um dos elementos mais fundamentais de todo o processo educativo, torna-se indispensável um certo conhecimento característico da forma como se constituem as turmas de uma determinada escola, em número, género e outros fatores. Saber em que condições frequentam as aulas e com que pessoal docente trabalham, sem contar com outros elementos que constituem toda a equipa da assistência escolar. Daí a necessidade da caracterização dos mesmos.

Primeiro, depois de cumpridas as formalidades de matrícula, e tomando conhecimentos das normas da escola, por parte dos pais/encarregados de educação, todos os alunos são obrigados a se apresentarem na escola, após o início das aulas (que começa sempre na segunda quinzena de setembro do novo ano letivo) com os respetivos uniformes. Os referidos uniformes são, nomeadamente, calças de ganga e camisola (*t-shirts*) com o símbolo da escola, apresentando na parte da frente (cima esquerdo) a imagem de duas crianças (masculino e feminino) com os dizeres ‘Escola’, em cima, e São Paulo, em baixo. Na parte de trás (no centro das costas) a figura do padroeiro da escola (São Paulo) com os dizeres Escola São Paulo (em cima) e Diocese de Bissau (em baixo). Os uniformes são diferenciados por ciclos, com os dizeres **Iº Ciclo** e **IIº Ciclo**, sem distinção de cores. O estatuto da escola (este documento vem no final da dissertação, como anexo), que é um documento importante que os pais/encarregados também devem conhecer muito bem, apresenta todas as normas que regulamentam a vida da escola apresentando, e estabelecendo, por exemplo:

- Missão e valores da escola;
- Os órgãos da escola e suas atribuições;
- Comissões e suas funções;
- Direitos e deveres dos funcionários em geral;
- Direitos e deveres dos alunos;
- Direitos e deveres dos pais/encarregados de educação;
- Gratificação e premiação dos alunos com elevados desempenhos durante os trimestres.

3.3.1. Gratificação e premiação do desempenho dos alunos

A escola São Paulo considera muito útil e importante o realce e estímulo do desempenho dos seus alunos. Daí a ideia de realizar pequenos eventos, aproveitando as festividades do Natal e da Páscoa (realizados na escola) para mencionar esses alunos à frente de todos os presentes no evento, para serem ovacionados e ofertados alguma coisa simbólica como estímulo. De referir que, para que os outros alunos não se sintam discriminados face aos distintos, também todos recebem alguma coisa (pequenos bonecos ou outros objetos que a escola tiver a possibilidade adquirir em quantidades suficientes para todos). Isto porque, dando algo somente ao pequeno grupo dos considerados com melhor desempenho, pode gerar um certo sentimento psicológico discriminatório, sobretudo da parte daqueles que já são oriundos de famílias com algumas dificuldades em vários domínios. Importa recordar que a maioria dos alunos vêm de famílias com baixa renda, que muitas vezes deslocam-se à escola com falta de muitos materiais didáticos em falta, sem falar de problemas de restauro alimentar regular, e da dificuldade de cumprimento com as propinas mensais.

3.3.2. Organização dos alunos em turmas

Os alunos estão distribuídos por turmas, duas por cada ano de escolaridade, como se descreve nos quadros seguintes.

Quadro 1: Caracterização dos alunos e das turmas (Iº Ciclo).

Iº CICLO								
SALA Nº	TURMA	M	%	F	%	Nº Total de Alunos	% Total	Nº Professores
	1º - A	23	56%	18	44%	41	100%	2
	1º - B	24	59%	17	41%	41	100%	2
	2º - A	16	44%	20	56%	36	100%	1
	2º - B	18	46%	21	54%	39	100%	2
	3º - A	17	43%	23	58%	40	100%	2
	3º - B	16	43%	21	57%	37	100%	2
	4º - A	18	45%	22	55%	40	100%	1
	4º - B	21	53%	19	48%	40	100%	1
TOTAL =	8 Turmas	153		161		314		

Fonte: Conselho Técnico e Pedagógico da escola São Paulo.

O **Quadro 1** apresenta o número de turmas existentes no **Iº Ciclo**, alunos por sexo (e respetivos dados percentuais), de cada nível e respetivos números de professores. De referir que as turmas de primeira fase (**1º e 2º anos**) do **Iº Ciclo** funcionam somente no período letivo de manhã, e as turmas da segunda fase (**3º e 4º anos**) no período letivo da tarde. As turmas que têm dois professores são aquelas em que um é titular (professor principal) e outro é auxiliar, cuja função é de auxiliar o professor titular nas outras tarefas secundárias como, por exemplo: substituir o professor titular em caso de ausência, passar no caderno os trabalhos de casa (TPC) e na correção dos mesmos, nos exercícios da educação física e atividades extracurriculares, entre outras tarefas.

Quadro 2: Caracterização dos alunos e das turmas (IIº Ciclo).

IIº CICLO								
SALA Nº	TURMA	M	%	F	%	Nº Total de Alunos	% Total	Nº Professores
	5º - A	17	47%	19	53%	36	100%	
	5º - B	16	46%	19	54%	35	100%	
	6º - A	17	47%	19	53%	36	100%	
	6º - B	18	50%	18	50%	36	100%	
TOTAL =	4 Turmas	68		75		143		

Fonte: Conselho Técnico e Pedagógico da escola São Paulo.

O **Quadro 2** apresenta as turmas **IIº Ciclo**, onde temos o número de alunos por turma, em cada nível, género e respetivas percentagens de cada. Todas as turmas do **IIº Ciclo** funcionam somente no período da manhã. O período da tarde serve para que os mesmos alunos voltem à escola, para a prática das atividades de educação física e para as aulas de francês, que só são dadas no período da tarde, pois no período da manhã não há tempo letivo suficiente para incluir essa disciplina. Aqui não apresentamos o número de professores por turma, porque os mesmos entram em varias turmas, tendo em conta o fato de que cada um leciona uma só disciplina. Daí os horários serem ajustados de forma a permitir que os mesmos possam ter a possibilidade de trabalhar com quase todas as turmas, e também obterem, pelo menos, um ou dois dias de folga em que não vão ter a necessidade de se deslocar à escola.

3.3.3. Sobre os processos de avaliação

Sendo uma das componentes essenciais e necessárias ao processo educativo, principalmente de auxílio ao ensino formal, a avaliação afigura-se como um elemento indispensável para o complemento da formação integral das pessoas em diversos aspetos, tais como: do carater e da personalidade; do ponto de vista moral e da

comparticipação cívica face aos deveres e direitos sociais; no domínio profissional; na integração sociocultural.

Para a implementação dessas avaliações são necessárias algumas técnicas e ferramentas para o efeito. Para tal, a escola sempre tem usado o método da avaliação continua/permanente, através das constantes observações participantes junto dos alunos, durante as aulas e fora das salas de aulas. Pois tais procedimentos permitem ter, de forma mais próxima, uma certa perceção/noção integral sobre os níveis e desníveis de compreensão dos conteúdos por parte dos alunos, e também sobre a construção das suas personalidades no ambiente de interação grupal, em concreto, no ambiente escolar. Além das fichas de avaliação onde constam as notas sobre os trabalhos escritos e práticos realizados, a escola e os professores trabalham também com outras fichas que permitem recolher dados/informações qualitativas e quantitativas sobre os alunos, tais como: **Grelha de Apreciação Diagnóstica ao Aluno** (que se usa no princípio de cada trimestre) para testar as competências iniciais e básicas de cada aluno, a fim de se ter uma certa noção sobre os seguintes aspetos: Caligrafia, Ortografia, Perceção, Raciocínio e Oralidade; e a **Grelha de Apreciação do Desempenho do Aluno** que visa levar em conta, por exemplo, as seguintes dimensões: o comportamento, a assiduidade, a pontualidade, o respeito aos outros, a cooperação e participação nas atividades, a progressão na perceção e capacidade de raciocínio, entre outros aspetos (estes instrumentos virão no final da dissertação, como anexo).

Estes dois instrumentos, que podem ser considerados insuficientes, são muito úteis na medida em que permitem aos professores obterem várias informações sobre cada aluno, assim como estar sempre por perto de algo que lhes possa facultar alguma alternativa sobre as dificuldades que um ou outro aluno esteja apresentando em algum

domínio da aprendizagem, bem como no que tange ao aspeto da interação e da integração sócio-escolar. Permite obter também, embora de forma subjetiva, alguma ideia sobre a forma como os pais/encarregados acompanham, de forma caseira, os seus filhos/educandos, principalmente no que toca com os aspetos da pontualidade, assiduidade, realização das tarefas de casa (TPC), etc.

3.4. Corpo docente: composição, caracterização e formação

O corpo docente é composto por um total de 26 professores efetivos, que trabalham diretamente nas salas de aulas: 13 no **Iº Ciclo** e, também, 13 no **IIº Ciclo**. Podemos verificar isso melhor nos respetivos Quadros que representam cada um dos dois ciclos.

Quadro 3: Caracterização do corpo docente do Iº Ciclo.

Iº Ciclo					
TURMA	PROFESSOR TITULAR		PROFESSOR AUXILIAR		TOTAL
	M	F	M	F	
1º Ano	0	2	0	2	4
2º Ano	1	1	1	0	3
3º Ano	1	1	0	2	4
4º Ano	2	0	0	0	2
Total	4	4	1	4	13

Fonte: Conselho Técnico e Pedagógico da escola São Paulo.

Como podemos constatar no **Quadro 3**, em cada um dos 4 anos que compõem este **Iº Ciclo** existem duas turmas (**A** e **B**) de cada nível. Sendo assim, podemos constatar que temos 8 professores titulares, 4 do sexo feminino e 4 do sexo masculino. Quanto aos professores auxiliares, temos um total de 5, sendo 4 do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Importa referir que os tempos letivos semanais no Iº Ciclo são 5,5 horas diárias, num total de vinte e sete horas e meias, que perfazem os cinco dias semanais.

Quadro 4: Caracterização do corpo docente do IIº Ciclo.

DISCIPLINAS	PROFESSOR TITULAR		TOTAL
	M	F	
Português	2	0	2
Ciências Sociais	1	0	1
Ciências Naturais	2	0	2
Matemática	2	0	2
Educação Visual	1	0	1
Educação Física	2	0	2
Francês e Inglês	1	0	1
Educação Cívica e Moral	2	0	2
Total	13	0	13

Fonte: Conselho Técnico e Pedagógico da escola São Paulo.

De acordo com este **Quadro 4**, podemos verificar e constatar que do total dos 13 professores não há um único do sexo feminino no IIº Ciclo. De igual modo, como acontece no Iº Ciclo, no IIº Ciclo as turmas também são duas por cada nível (**A e B**), totalizando 4 turmas.

Quadro 5: Distribuição dos professores do IIº Ciclo por disciplinas, turmas e seus tempos letivos.

IIº CICLO										
Nº	Disciplina	Professor	Turmas		TEMPOS					TOTAL
					Seg.- feira	Ter.- feira	Qua.- feira	Qui.- feira	Sex.- feira	
1	Português	P01	5º A	6º A	4		4		4	12
2		P02	5º B	6º B	4	4			4	12
3	C. Sociais	P03	5º A e B	6º A e B		4	6		4	14
4	C. Naturais	P04	6º A	6º B		4		4		8
5		P05	5º A	5º B		2	2		4	8
6	Matemática	P06	5º B	6º B	4		4	4		12

7		P07	5° A	6° A	4		4	4		12
8	Ed. Visual	P08	5° A e B	6° A e B	4	4	2	2		12
9	Ed. Física	P09	5° A	6° A		2		2		4
10		P10	5° B	6° B		2		2		4
11	Francês/Inglês	P11	5° A e B	6° A e B	5		5	5	9	24
12	Ed. Cívica e Moral	P12	5° A	5° B		4		4		8
13		P13	6° A	6° B		4		2	2	8

Fonte: Conselho Técnico e Pedagógico da escola São Paulo.

Em suma, temos um total de 26 professores. Sendo 16 do sexo masculino, correspondendo a 69%, e oito do sexo feminino, que corresponde a 31%.

Além dos professores, existem três contínuos (todos do sexo masculino), cujas funções são: de controlar as horas de entrada e de saída, consoante os horários; controlar as entradas e saídas dos alunos, professores, e outras pessoas, junto ao portão que dá acesso ao recinto escolar; receber e dar as orientações preliminares aos visitantes; ocupar as turmas em caso de ausência dos professores nas turmas (para não deixar os alunos dispersos e sem orientação, evitando assim possíveis incômodos aos outros que estão em aula normal), entre outros auxílios que circunstancialmente são necessários. Dois ficam na escola durante o período da manhã e um durante o período da tarde, visto que à tarde a escola funciona com menos turmas e, conseqüentemente, costuma ter menos alunos nesse período.

Ainda, relativamente ao aspeto da caracterização do corpo docente optamos por aproveitar alguns dados provenientes de um dos documentos da própria direção da escola, tratando-se do **Mapa do Pessoal Docente e Administrativo**, para obter conteúdos interessantes que permitem chegar mais fundo em termos dessa abordagem.

Entre os aspetos que podemos daí destacar, sobre os dados pessoais dos professores, constam: a idade dos professores, estado civil, número de filhos, habilitação literária, área de formação, anos de experiência profissional, anos de experiência no professorado, disciplinas que lecionam, formações atuais, outras funções desempenhadas na escola, zona/bairro em que residem e distância do mesmo em relação à escola, opções pessoais sobre a religião, formação/curso profissional de sonho, emprego de sonho, e número de empregos/trabalhos atuais (além de serem professores da escola São Paulo).

Daí podemos depreender que, em termos de idade, a maioria dos professores (20) estão na casa dos 24 aos 45 anos de idade (77 %), seis com idade superior a 45 anos (23 %), e nenhum com idade inferior a 24 anos de idade. Com estes dados podemos afirmar que a escola tem uma equipa relativamente jovem de professores, e com um número reduzido dos que já andam próximos da idade da reforma, mas que ainda podem estar à altura de transmitir algumas experiências para os mais novos.

No que tange ao estado civil e número de progenitura, 21 (81%) professores se encontram na condição de solteiro/a e apenas cinco (19%) dos professores vivem sob estado marital oficial (entenda-se casamento realizado no tribunal e na igreja). Neste caso, também vale ressaltar isso, muitos não se encontram casados oficialmente, mas, no entanto, vivem em condições de amigos, ou sociologicamente chamados de concubinos, por partilharem o mesmo teto. No que tem a ver com o número de filhos, parece coincidência, pois também 21 (81%) dos professores confirmam ter filhos, ao passo que cinco (19%) afirmam não possuir filho algum. Um outro fator que importa ressaltar aqui é o fato de que a maioria dos professores possui mais de um filho, 14 (54%), e apenas sete (27%) têm apenas um filho.

Em termos de habilitação literária e área de formação, a escola São Paulo conta com apenas um professor (4%) que possui, no momento, certificado do 11º ano (encontrando-se de momento a fazer o curso de Gestão dos Recursos Humanos). Três (11%) possuem, até ao momento presente, o certificado do 12º ano (também estão frequentando outros cursos de bacharelato e licenciatura). Onze (42%) são bacharéis, 8 (31%) licenciados e, por fim, 3 (12%) têm o diploma de Pós-graduação. Até ao momento não há nenhum com o curso de mestrado feito, embora os dois Pós-graduados estejam, no momento, em fase de conclusão do mestrado na área de Ciências da Educação (no domínio da Supervisão e Orientação da Prática Profissional) através do Instituto da Educação, da Universidade de Lisboa. Um outro aspeto importante de referir é o fato de que, segundo estes dados, a escola conta com um fraco número de professores com formação direcionada ao ensino básico (apenas quatro - 15%), uma vez que todos os níveis escolares que a escola oferece, até ao momento, pertencem ao ensino básico.

Quanto aos anos da experiência profissional e de professorado, temos assim que o corpo docente é composto do seguinte modo: quatro (15%) têm entre um a cinco anos, sete (27%) têm entre seis a dez anos, oito (31%) têm mais entre 11 a 20 anos e, por fim, sete (27%) têm mais de 20 a 25 anos de experiência profissional/professorado. De acordo com o **Mapa do Pessoal Docente e Administrativo** nenhum dos professores demonstrou ter feito experiências profissionais noutros domínios, apesar de muitos terem formação profissional noutros domínios, tais como: Sociologia, Economia, Direito, Jornalismo, Gestão dos Recursos Humanos, Turismo, Teologia e Enfermagem Geral.

Referente às outras formações/estudo atual, sublinha-se que 14 (54%) confirmaram estar a frequentar alguns cursos como, a título de exemplo: Mestrado em Ciências de Educação, Curso de Formação de Professores, Jornalismo, Gestão dos Recursos Humanos, Informática, Comunicação Social, Secretariado, Ciências Humanas, Turismo e Direito.



Figura 6. Parte traseira do primeiro e terceiro pavilhões.

Relativamente à distância de residência dos professores em relação a escola, dos 26 professores, 14 (54%) residem dentro um quilómetro a menos de um quilómetro da escola, nove (35%) residem dentro um quilómetro a três quilómetros da escola e, por fim, três (11%) residem a mais de cinco quilómetros de distância em relação à escola. Não há nenhum que esteja residindo a uma distância superior a dez quilómetros em relação à escola.

No que tem a ver com a prática da religiosidade, todos os professores (100%) confirmam professar a fé cristã católica, apostólica romana.

Em termos do número de emprego atual, por professor, 11 (42%) de professores afirmam possuir apenas um único emprego (só na escola São Paulo), 14 (54%) afirmam ter mais, isto é, dois empregos (na escola São Paulo e noutro sítio), e apenas um (4%) afirma trabalhar em três sítios como empregado efetivo.

Como quase todas as pessoas têm os seus sonhos iniciais (em termos de formação profissional, emprego, etc.) procuramos também vasculhar os mesmos aspetos para ver o que inicialmente despertava mais interesse dos que são, hoje, professores da escola São Paulo. Assim, de acordo com **Mapa do Pessoal Docente e Administrativo**, podemos verificar que dos 26 professores que constituem o corpo docente da escola São Paulo, apenas sete (27%) tem como curso de sonho, ou desejo vocacional, ser professor. Dezoito (69%), que constituem a grande maioria (mais de metade dos professores), afirmam ter como curso de sonho outras áreas que não estão ligadas ao professorado/educação escolar. Apenas um (4%) afirma não ter nenhuma opção inicial. Em termos de emprego desejado, inicialmente, os dados coincidem na mesma porque correspondem aos cursos de desejo inicial, ou primeira opção vocacional.

A escola São Paulo é dirigida por uma diretora que não exerce docência na mesma escola, apesar de ser professora na escola pública. Além da diretora, a direção ainda é composta por um subdiretor e o presidente do Conselho Técnico Pedagógico, cujas atribuições estão consignadas no estatuto interno da escola. A título de exemplo, o papel da diretora é de supervisionar todas as atividades de gestão administrativa, pedagógica, financeira e patrimonial da escola. Ao subdiretor cabe as tarefas de substituir, em certas ocasiões, a diretora da escola de acordo com a inerência de determinados assuntos. Ao presidente do Conselho Técnico e Pedagógico cabe as funções de prestar auxílio à direção na organização das classes, turmas, confeção dos horários das turmas e dos

professores, confecção das fichas de avaliações e das pautas, apoio aos professores na planificação das aulas, na confecção dos calendários das atividades anuais da escola, entre outras tarefas de ordem técnica (o estatuto da escola vem no final da dissertação, em anexo).

Os serviços da direção/administração são auxiliados por duas secretárias, sendo as mesmas todas do sexo feminino, cujas funções são: atender aos pais/encarregados de educação, visitantes e entidades, que recorrem à secretaria para a resolução dos assuntos correntes ligados aos alunos, ou a outros assuntos relacionados com a escola. São encarregues também de coletar as propinas pagas pelos pais/encarregados de educação, e receber as correspondências.

Um outro instrumento importante é a **Lista de Presença dos Pais/Encarregados de Educação**. Neste instrumento podemos verificar que, além de registar a presença dos pais/encarregados de educação, e seus contatos, nas reuniões, permite estabelecer o contato rápido e direto com os mesmos em caso de alguma necessidade urgente. O referido instrumento também permite a escola obter um certo controlo sobre quem são as pessoas que frequentam a escola, como familiares ou parentes próximos das crianças, a fim de tratarem dos assuntos dos mesmos (o modelo do instrumento vem em anexo no final da dissertação, no entanto sem a lista de nomes).

Outros instrumentos que a escola ainda usa são os formulários que ajudam à gestão dos assuntos pedagógicos e atividades de outra natureza, tais como:

- Mapa de levantamento das Faltas dos professores do 1º Ciclo (serve para se efetuar os devidos descontos mensais sobre os salários dos mesmos);

- Mapa de levantamento das Faltas dos professores do IIº Ciclo (serve para se efetuar os devidos descontos mensais sobre os salários dos mesmos);
- Lista de presença (para as reuniões, que permite saber quem esteve presente e que pode beneficiar do subsídio atribuído no final do mês, junto ao salário mensal);
- Lista de contribuição (monetária), solidária para o/a funcionário/a com dificuldades circunstanciais (acontece em caso de perda de um familiar direto ou de outras tragédias pessoais/familiares);
- Grelha de poupanças individuais (em que cada um, de forma voluntária, deixa mensalmente algum montante/parte do seu salário como poupança, que fica guardado pela direção da escola até que o dono venha a necessitar. Também serve para o pagamento antecipado, se o visado assim quiser, das contribuições para as festas e visitas de estudo/excursões que os professores realizam ao longo do ano letivo).

3.5. Resultados das Avaliações obtidos no Primeiro Trimestre (Ano Letivo 2019-2020)

Em jeito de exemplificação, achamos interessante apresentar aqui os resultados das avaliações feitas durante o primeiro trimestre do presente ano letivo, para que se possa ter uma certa noção sobre o trabalho de docência e seus efeitos práticos sobre o aproveitamento dos alunos, em diferentes níveis e género.

Quadro 6: Resultados das avaliações do primeiro trimestre do ano letivo 2019-2020

Iº TRIMESTRE																				
Turmas	SATISFAZ				TOTAL	%	NÃO SATISFAZ				TOTAL	%	TOTAL GERAL	%	NÃO AVALIADOS				TOTAL	%
	M	%	F	%			M	%	F	%					M	%	F	%		
1º - A	21	51%	18	44%	39	95%	1	2%	0	0%	1	2%	41	98%	1	0,2%	0	0,0%	1	0%
1º - B	18	44%	15	37%	33	80%	6	15%	2	5%	8	20%	41	100%		0,0%		0,0%	0	0%
2º - A	14	39%	17	47%	31	86%	2	6%	2	6%	4	11%	36	97%		0,0%	1	0,2%	1	0%
2º - B	12	31%	17	44%	29	74%	6	15%	3	8%	9	23%	39	97%		0,0%	1	0,2%	1	0%
3º - A	17	43%	21	53%	38	95%	0	0%	2	5%	2	5%	40	100%		0,0%		0,0%	0	0%
3º - B	12	32%	18	49%	30	81%	4	11%	3	8%	7	19%	37	100%		0,0%		0,0%	0	0%
4º - A	11	28%	16	40%	27	68%	7	18%	6	15%	13	33%	40	100%		0,0%		0,0%	0	0%
4º - B	19	48%	16	40%	35	88%	2	5%	3	8%	5	13%	40	100%		0,0%		0,0%	0	0%
5º - A	11	31%	9	25%	20	56%	6	17%	1	28%	16	44%	36	100%		0,0%		0,0%	0	0%
5º - B	8	23%	13	37%	21	60%	8	23%	6	17%	14	40%	35	100%		0,0%		0,0%	0	0%
6º - A	7	19%	12	33%	19	53%	1	8%	7	19%	17	47%	36	100%		0,0%		0,0%	0	0%
6º - B	12	33%	14	39%	26	72%	6	17%	4	11%	10	28%	36	100%		0,0%		0,0%	0	0%

TO TA L	16 2		18 6		348		5 8		4 8		106		457		1	0,2 %	2	0,4 %	3	1 %
---------------	---------	--	---------	--	-----	--	--------	--	--------	--	-----	--	-----	--	---	----------	---	----------	---	--------

RESULTADOS DO 1º TRIMESTRE POR NÍVEL																				
Turmas	SATISFAZ				TO TA L	%	NÃO SATISFAZ				TO TA L	%	TO TA L GE RA L	%	NÃO AVALIADOS				TO TA L	%
	M	%	F	%			M	%	F	%					M	%	F	%		
1º - Ano	39	11 %	33	9%	72	21 %	7	7 %	2	2%	9	8 %	81	18 %	1	0,2 %	0	0,0 %	1	0 %
2º - Ano	26	7 %	34	10 %	60	17 %	8	8 %	5	5%	13	12 %	73	16 %	0	0,0 %	2	0,4 %	2	0 %
3º - Ano	29	8 %	39	11 %	68	20 %	4	4 %	5	5%	9	8 %	77	17 %	0	0,0 %	0	0,0 %	0	0 %
4º - Ano	30	9 %	32	9%	62	18 %	9	8 %	9	8%	18	17 %	80	18 %	0	0,0 %	0	0,0 %	0	0 %
5º - Ano	19	5 %	22	6%	41	12 %	1 4	1 3 %	1 6	15 %	30	28 %	71	16 %	0	0,0 %	0	0,0 %	0	0 %
6º - Ano	19	5 %	26	7%	45	13 %	1 6	1 5 %	1 1	10 %	27	25 %	72	16 %	0	0,0 %	0	0,0 %	0	0 %
TO TA L	16 2	47 %	18 6	53 %	348	10 0 %	5 8	5 5 %	4 8	45 %	106	10 0 %	454	10 0 %	1	0,2 %	2	0,4 %	3	1 %

TOTAL SATISFAZ						TOTAL NÃO SATISFAZ						TOTAL NÃO AVALIADOS						TO TA L GE RA L	%
M	%	F	%	TO TA L	%	M	%	F	%	TO TA L	%	M	%	F	%	TO TA L	%		
162	35 %	18 6	41 %	348	76 %	58	1 3 %	4 8	1 1 %	106	23 %	1	0,2 %	2	0,4 %	3	1 %	457	100 %

Fonte: Conselho Técnico e Pedagógico da escola São Paulo.

Estes resultados permitem-nos concluir, de forma relativa, que tendo em conta o número de percentagem de alunos satisfaz (348, que corresponde a 76%), que superou

em larga escala o número de alunos não satisfaz (106, que corresponde a 23%), e os não avaliados (3, que corresponde a 1%), num universo de 457 alunos, no total da escola, temos uma avaliação positiva. Importa realçar o elevado número de alunas com satisfaz na classe feminina (186, correspondente a 41%), comparado com o número inferior de alunos com satisfaz no grupo masculino (162, correspondente a 35%).

3.6. Instrumento - previsão de caixa

O instrumento **Previsão de Caixa** (que se faz através do *software* do *Excel*) é um outro material de trabalho que ajuda a prever os valores monetários que a escola pode arrecadar ao longo do ano através dos pagamentos das matrículas, propinas mensais, entre outros pagamentos. Além disso, é usado para definir as despesas fixas e não fixas mensais e anuais de todos os serviços que são prestados na escola. Deste modo, facilita no controlo das receitas, despesas e na obtenção de indicadores sobre em que setores/domínios a escola São Paulo investe mais e, por fim, no controlo dos lucros anuais que se podem ser obtidos (este instrumento vem no final da dissertação, como anexo).

Capítulo 4 - Apresentação dos Resultados II: A voz dos participantes sobre a Relação Escola - Família

Neste ponto vamos apresentar os resultados, através das subcategorias dos blocos que constituem as diferentes partes dos guiões de entrevista, feitas a um aluno, um pai/encarregado de educação, a um professor e ao diretor da instituição. Esses dados serão analisados neste ponto tendo em conta, comparativamente, os dados obtidos através das fichas que utilizamos para obter outros dados sobre a instituição.

4.1. Finalidades e objetivos da escola e da educação

No que concerne aos objetivos e finalidades da educação, segundo os dados por nós obtidos através das entrevistas e outros instrumentos da instituição, podemos afirmar que todas as partes envolvidas nesse processo consideram a escola, e os processos da educação, como um construtor da personalidade dos indivíduos, e das suas profissionalizações. Podemos confirmar isso através das próprias palavras dos nossos inquiridos. Segundo o aluno, ao ser questionado se sabe por que razão frequenta a escola, respondeu do seguinte modo: “Sei. Sei, porque a escola é muito importante.” Tendo acrescentado ainda que “A escola também é futuro:::, para um ser humano.” Porque é através da escola que ele absorve algumas habilidades, como diz “Aqui na escola, de modo geral, eu aprendo..., ler, escrever..., muitas coisas.” Da parte da encarregada de educação, vimos que ela valoriza muito a questão organizativa da escola, como afirma “Escola bem organizada”, com “Conteúdos para o desenvolvimento das crianças”. Na mesma linha de pensamento, o professor afirma que “Sim, é importante, porque todas as crianças têm direito de ir a escola. É muito importante.” Realçou ainda o fato que, no caso da Guiné-Bissau, essa necessidade é muito imperiosa, uma vez que muitas crianças ainda se encontram fora do sistema

escolar “Porque necessitam também de aprender, como..., as outras pessoas...”. Da parte da diretora da instituição, vê a escola como meio para a emancipação social e construtora da própria condição social, como podemos verificar através das suas palavras “se o país está assim como está, é porque..., ((sorrisos)), precisamos ainda mais..., de gente formada para poder, eh..., contribuir..., no desenvolvimento do país.” Estas afirmações deixam transparecer uma grande lacuna que existe dentro da estrutura social guineense e que a escola tenta dar resposta.

4.2. Currículo/experiências de aprendizagem

Falando da experiência de aprendizagem e da dimensão curricular, também as respostas demonstram uma certa satisfação com o caso particular desta escola. Tanto o aluno entrevista, a encarregada, o professor e a diretora da instituição manifestaram satisfação com o que a escola oferece nestes aspetos, apesar do caso particular de cada um deixar transparecer alguma lacuna. Como é o caso do aluno que admite ter algumas dificuldades, por exemplo na disciplina de francês, “Porque..., eu tenho dificuldade muito (...)”. Apesar disso, gosta de partilhar as suas experiências anteriormente vividas “contar como eu passei no campo de futebol.” Além de gostar da disciplina de inglês. Constata-se que o professor valoriza muito a prévia preparação antes de iniciar as aulas, como diz “é que preparo sempre através do plano, plano diário, eu organizo sempre antes de começar a dar aula”, o que é muito importante no processo de ensino e aprendizagem. Também a diretora reforça esse aspeto acrescentando as necessidades de formação e reciclagem regular para melhorar as qualidades do ensino oferecido pela escola, quando afirma que o “melhoramento de..., do sistema educativo, qualificar..., a qualificação dos professores (...). Formação dos professores, e..., a reciclagem..., e..., também os trabalhos..., que, os professores fazem na escola, para tentar melhorar um

pouco a escola (...). Também, com o trabalho coletivo com os alunos...”. Nisto, podemos ver que ela valoriza muito o trabalho coletivo que é indispensável para ajudar no bom desempenho de qualquer instituição. A partilha de ideias e experiências pessoais e coletivas reforçam as qualidades institucionais e pessoais num ambiente laboral.

4.3. Estratégias de ensino e aprendizagem

Falando dos planos estratégicos de ensino e aprendizagem na escola São Paulo, podemos concluir que existe uma grande preocupação nesse domínio, pois as próprias palavras do professor exprimem esse sentimento: “Se não aprenderam nada eu continuo, continuo a fazer o trabalho através do meu plano. Se o plano não foi cumprido, eu continuo a trabalhar até quando aprenderam aquilo que nós planificamos, e mudamos para um outro...”. Essa preocupação ainda vem reforçada com a opinião da diretora da instituição quando diz que “Então, por além dos..., os conteúdos..., programa..., programados, os alunos também devem ((sorrisos)) aprender a conviver (...). Porque, a convivência ((sorrisos)) social é muito, muito, muito importante, sim. No respeito uns aos outros..., também..., esse, essa proximidade, essa colaboração..., e..., trabalhando juntos..., e..., projetando que hoje são alunos, colegas de turma, mas amanhã poderão ser colegas de trabalho ((sorrisos))...”. Isso nos mostra uma preocupação que vai além das salas de aula, da aprendizagem em si, ou da profissionalização, mas também da promoção da socialização, e para a promoção de relações sociais mais saudáveis e harmoniosas. O mesmo pensamento é reforçado, na opinião da encarregada de educação, quando afirma que “Tou..., tou satisfeita, sim, com a educação das crianças..., nesta escola.”

4.4. Planeamento, avaliação e registo

No aspeto do planeamento dos conteúdos e das aulas, avaliações e registos, estamos em condições de considerar que faz parte das preocupações da escola São Paulo. Constatamos que, na escola, existem vários instrumentos e procedimentos, que usam para esse efeito, como já vimos na parte da caracterização da instituição, apesar de existirem algumas lacunas, como as levantadas pelo professor entrevistado, onde diz que “eu analiso o trabalho dos meus colegas através das dificuldades, alguns às vezes sentem dificuldades, como nós aqui, na nossa escola não costumamos fazer comissão de estudos”. A não existência dessa ‘comissão de estudos’ deixa, com certeza, muitas lacunas, como um espaço aonde os professores poderiam estar a partilhar as suas dificuldades, servir como meio de concertação de ideias entre pares disciplinares, etc., entre outros aspetos importantes em que possam tirar maiores proveitos. Mesmo pensando no aspeto da avaliação, essa ideia da encarregada de educação entrevistada mostra-se salutar para o reforço dessa preocupação: “os professores podem apoiar as crianças através dos conteúdos que têm..., eh..., também apoiá-los assim diretamente, de uma forma de..., de participação ativa e..., participação ativa e..., participativa (...).” Uma outra grande preocupação patente aqui é de que alguns professores, não se sabe por que motivo, têm algum receio em apresentarem as suas dificuldades aos outros no sentido de receberem algum aconselhamento ou apoio, como é confirmado pelas palavras do nosso professor entrevistado, onde diz “alguns (professores) têm dúvidas mas não apresentam”. Outra informação importante é fato de o nosso entrevistado mostrar que é necessário, para a sua função, fazer sempre a autoavaliação, pois com isso consegue-se obter algumas noções sobre os percalços no exercício da profissão, como afirma “Sim, eu avalio-me..., avalio a minha pessoa.” Essa autoavaliação não só deve servir para a própria pessoa, mas também para o coletivo e a própria instituição. O

exercício de auto acompanhamento ajuda na constatação dos aspetos menos favoráveis, assim como naqueles que podem ou devem ser reforçados para a melhoria dos desempenhos.

4.5. Os Professores e restante pessoal

Em termos de pessoal, a escola conta com 26 professores (como consta na caracterização do pessoal docente), duas secretárias, dois contínuos, quatro funcionários para o serviço de higiene e limpeza do recinto escolar (todos do sexo feminino) e dois guardas noturnos (respetivamente do sexo masculino), diretora, subdiretor e o presidente do Conselho Técnico Pedagógico (cujas respetivas funções já foram especificadas no capítulo da caracterização da instituição). Com estes dados podemos dizer que existem as mínimas condições para instituição funcionar como uma escola do ensino básico. Falando exclusivamente sobre a suficiência dos professores por turma, tendo em conta o número de alunos por turma, seguindo as palavras do professor entrevistado em que nos confirma “Tenho trinta e oito alunos, sendo..., dezanove masculinos e dezanove femininos. Trinta e oito no terceiro ano.” Em consequência disso o mesmo considera insuficiente um professor para, sozinho, lecionar aulas a um número tão elevado de alunos, tendo sugerido “se tivéssemos vinte, era melhor” (número de alunos por turma). Recordamos que nem todas as turmas do IIº Ciclo funcionam com dois professores, inclusive há um no Iº Ciclo (2º Ano B). Isto apesar de, na opinião da diretora, achar suficiente o número de professores e outros funcionários, de acordo com as necessidades da escola, tendo relegado as dificuldades mais para o âmbito de materiais de trabalho, como podemos confirmar pelas suas palavras:

“Hem..., acho, por enquanto, ainda temos..., um número suficiente dos professores e dos trabalhadores da escola. Então..., os problemas encontrados

alí é mais..., eh..., posso dizer, eh..., ter mais ajuda (...), dos materiais (...), ajuda..., externa, que não é só da..., escola, assim para ter mais alguns materiais, assim, para os trabalhos (...).”

Isto revela uma certa discordância entre o entendimento entre a classe dos professores e a direção da escola sobre o bom funcionamento das aulas, tendo em conta o número de alunos e professores por turma.

4.6. Espaço e materiais

Relativamente ao espaço todos os dados apontam para a sua suficiência e utilidade, tanto para os professores como para os alunos. As informações contidas na caracterização da instituição confirmam esse fato.

Ainda podemos tirar provas através das declarações dos nossos entrevistados, como no caso da encarregada de educação que afirma que “eles têm um espaço bem grande. Bem suficientes para as crianças brincarem. O espaço é bem grande. Então é, é boa coisa.” Por sua vez, o professor declara sem hesitações:

“Acho que é suficiente, é, é..., temos espaço para frente e temos um campo atrás. É suficiente..., onde os alunos..., ainda com árvores e sombra..., os alunos vão alí..., no intervalo vão lá descansar..., até no momento da entrada, entram. Temos espaço suficiente, temos espaço.”



Figura 7. Espaço para recreios e lazer, à frente dos pavilhões. É utilizado também para a reza das missas dominicais, pelos fiéis católicos.

Para concluir esse aspeito, vejamos a confirmação do mesmo através das palavras proferidas pela diretora da escola:

“Acho que sim. Temos a escola São Paulo, podemos agradecer a Deus que temos um..., um espaço enorme que dá para acolher..., temos arvores, cajueiro, temos muitas arvores ((sorrisos)) que dão ((sorrisos)), que dão mesmo para..., que convida a pessoa para entrar e respirar um ar..., assim, da natureza, não é ((sorrisos)). Por enquanto ainda temos..., temos espaço.”

Referente aos materiais, a nível interno a escola possui alguns materiais de trabalho para os professores, assim como para os alunos, mas insuficientes, como havemos de confirmar através das palavras dos nossos entrevistados. Assim, verifiquemos o que exprime o aluno sobre a questão dos materiais: “Sim, eu tenho, mas não tenho muito para fazer os trabalhos..., da escola.” Isso espelha que da parte dos alunos fazem falta

alguns, se não muito, material necessário para a realização de muitas tarefas, em que poderiam aprender mais coisas, sobretudo nos domínios da educação física, arte, música, entre outras competências básicas. Isto, apesar de a encarregada referir que “Mas eles têm materiais suficientes.” O que contrasta com as restantes opiniões, revelando uma certa falta de conhecimento relativamente ao que a escola, professores e alunos dispõem, ou devem dispor, para completar de forma mais cabal as suas tarefas de ensino e aprendizagem. Podemos ver que na opinião do professor entrevistado a falta de materiais deixa mesmo muita preocupação, como assim expressa: “Essa é a grande dificuldade na leitura, por exemplo. Não temos livros, esse ano não recebemos materiais. Só no ano atrás que recebemos materiais.” Ainda acrescenta mais:

“((risos)) Praticamente não existe..., não existe, não existe. Na nossa escola..., não temos hum..., computador, não temos nada. Não é só livros, alguns alunos têm, por exemplo, telemóvel que os pais dão, mas nós os professores não admitimos para terem esse telemóvel dentro da turma, porque perturbam..., perturbam os outros..., por isso que nós não permitimos fazer isso..., o telefone dentro da turma.”

A mesma preocupação é admitida pela diretora da escola quando afirma ser a falta de materiais um dos problemas da escola em que a escola necessita obter mais apoios de fora: “os problemas encontrados ali é mais..., eh..., posso dizer, eh..., ter mais ajuda (...), dos materiais (...), ajuda..., externa, que não é só da..., escola, assim para ter mais alguns materiais, assim, para os trabalhos (...).” O que demonstra um profundo reconhecimento pela falta de ferramentas para a realização do trabalho educativo.

4.7. Relações e interações

O aspeto das relações e interações são dimensões muito levadas em conta pelos envolvidos na vida da escola São Paulo. Estes fatos vêm confirmados de acordo com o que podemos constatar através das informações que recolhemos dos nossos entrevistados. As declarações do aluno deixam bem transparecer que a sua área de convivência é mais entre pares, de idade e sexo, pois admite que no espaço escolar “Eu conheço mais as pessoas da minha idade.” Para, de seguida, afirmar que “Sim, não é todas as coisas que fazem os alunos. Há coisas só que fazem os alunos e há coisas só que fazem as raparigas.” O que demonstra uma certa segregação entre a camada feminina e masculina nos momentos de lazer e outras atividades durante o período de recreio, fator que também não facilita na integração mútua na relação de proximidade em termos de género, pois devia haver mais interação entre ambos. Da parte da encarregada, ela prefere privilegiar o que pensa como o modelo que deve espelhar a relação entre professor-aluno, como podemos ver:

“Não. Uma relação de um professor com..., aluno, claro que é algo muito fundamental, por que se um professor..., tiver que castigar um aluno, mas, esse aluno nunca vai conseguir aprender alguma coisa. Vai ficar com medo. Então..., não deve haver esses castigos corporais com os alunos. Pode-se castigar, de uma forma mais..., simples, por exemplo, mandar ficar de joelhos, ficar no cantinho, mas assim, não com..., uma forma já de bater, castigar de outra..., de outro jeito.”

Muito interessante essa visão vinda de um encarregado de educação, pois exprime uma visão bem clara, de preocupação pedagógica, muito positiva para se ter em conta no processo de ensino-aprendizagem, em contexto de sala de aula. Por sua vez, o

professor privilegia a relação entre os professores versus direção da escola, e a importância da escola na promoção da construção de boas relações sociais entre os alunos, não só no âmbito escolar, mas também inseridos no tecido social e laboral. Então, para ele o que tem acontecido na escola São Paulo é assim: “A relação é..., quando o professor tem dúvida dentro da turma vai diretamente à direção da escola. Ah..., para informar tudo aquilo que se passa dentro da turma.” Da parte dos alunos, a sua visão é o que se segue:

“Sim, acho que a escola é importante..., eh, é importante, para os alunos, é importante. Porque é através da escola que os alunos conhecem uns aos outros. Alí é que têm amigos, têm irmãos, têm tudo. Através do professor também, através da informação do professor dentro da turma. Dentro da turma somos iguais, não há diferença. Já estamos dentro da turma, não há raça, não há etnia, não há nada. Nós somos duma só etnia. Também dentro da turma o professor deve saber transmitir isso.”

Essa consciência, se for bem transmitida, ajuda bastante na mitigação de vários problemas de discriminação e isolamento social. As escolas evoluem, as famílias progridem e expandem para um relacionamento social mais aberto, e as sociedades ganham mais consciência sobre os valores e benefícios da convivência baseada no respeito pela diferença.

4.8. Igualdade de oportunidades

Princiando este ponto, vamos privilegiar, mais uma vez, a questão das dificuldades e das necessidades inerentes às condições peculiares de cada um, do grupo, ou contexto. Nisto, iniciamos com o reconhecimento tácito que o aluno entrevistado teve face aos seus companheiros de turma ao ponto de expressar que de fato há “Sim. Há alunos que

precisam muita ajuda para fazer o trabalho da escola (...).” Aspeto que nos introduz muito bem neste ponto de igualdade de oportunidades. O mesmo aluno não deixou de apontar, no seu ponto de vista, de onde podem vir essas soluções para a resolução do referido problema: “Dos professores”; “Também..., também das suas colegas. Das tuas colegas também.”; “Também... (dos familiares).” A encarregada, por sua vez, mostra um certo desconhecimento da realidade em questão, limitando-se simplesmente a dizer que “Por acaso não sei. Mas penso que..., já que os alunos estão na mesma sala, devem aprender juntos e fazer as mesmas atividades. E sobre essa parte..., não sei explicar...”. Fato que nos leva a indagar sobre a possibilidade de um certo distanciamento dos encarregados de educação sobre as realidades/contextos vividos dentro das salas de aula. Embora de forma implícita, através de um dos exemplos dados pelo professor, podemos, sem equívocos, colocar a questão de proporcionar igualdade de oportunidades para todos é algo patente na sua agenda de professor, como se segue, das suas palavras:

“Tenho ((risos)), porque nós sabemos na disciplina de..., matemática, é preciso fazer o aluno saber contar, da sua etnia, por isso que nós passamos..., por exemplo, eu sou da etnia Balanta, e outra é etnia Papel, e outra é etnia Felupe, sempre dentro da turma nós, quando há contagem, sempre levanta, eu como professor, mando levantar um aluno para contar na sua etnia, como se conta na sua etnia. E como cumprimenta, maneira de cumprimentar na sua etnia.”

Já, por sua vez, a diretora da instituição, sem hesitar, embora de modo implícito também, responde que “Sim, acho que sim. Porque na escola a pessoa aprende..., para..., para poder, depois de aprender, tem de pôr na pratica ((sorrisos)) aquilo que aprendeu, não é..., ((sorrisos)).” Esse tema, ainda, nos remete para abordagem da

situação de alunos/crianças com necessidades educativas especiais (NEE). Não havendo muitos casos específicos na escola, o assunto não deixa de ser motivo de preocupação da escola, dos encarregados de educação, dos professores e dos próprios alunos. Assim, podemos ver que na opinião da encarregada de educação entrevistada, ao ser questionada sobre esse assunto, opina que os alunos nessas condições precisam sim de serem acolhidos na escola, merecendo todas as comodidades necessárias, apesar de não precisar as condições peculiares para o efeito, como categorizou: “Sim. Penso que sim, porque..., havendo essas crianças, não podem ser excluídas, devem estar junto com as outras. Aprender na mesma sala (...).” Por não ser propriamente um assunto familiar aos professores (falando em termos de conceito científico) o professor não foi além de confirmar que se preocupa em dar as devidas atenções aos alunos/crianças com essas necessidades: “Tem, tenho. Tenho.” Mais exaustiva a falar sobre alunos/crianças com necessidades educativas especiais foi a diretora da instituição, como se pode constatar por suas palavras:

“Sim, existe. Sim, porque todos os anos..., eh..., digo, todos os anos porque..., ((sorrisos)), até mesmo este ano ((sorrisos)) temos..., ((sorrisos)) meninos com deficiência (...). Então..., a escola recebe com todo o carinho esses meninos, e tenta colaborar (...). Também..., os pais..., pedimos os pais para..., deles para colaborarem também na escola, e os professores..., e os alunos também..., mesmo os colegas de turma (...). Ajudam, colaboram, assim..., assim para ajudá-los também..., a sentirem que fazem parte do sistema..., educativo..., e são bem acolhidos na escola...”

Apesar da demonstração explícita sobre essa matéria, constatamos a própria escola não tem, ou não criou, condições específicas para o acolhimento dessas crianças. Um

dos exemplos é a falta de rampas de acesso aos pavilhões que têm as salas de aulas, como se pode confirmar pelas palavras do professor entrevistado “Não existe, não existe. Só existe, só existe essas escadarias para subir..., mais nada. Não temos isso dentro...”. Um outro exemplo nos vem através das informações recolhidas através das fichas sobre os professores. Aí, constatamos que, dos 19 professores (no universo de 26 professores afetos à escola) que responderam a essa solicitação, preenchendo/respondendo as respectivas questões postas nas fichas, apenas sete dos inquiridos responderam que tiveram formação para trabalhar com alunos/crianças com necessidades educativas especiais (quatro do sexo feminino e três do sexo masculino). Resultado que consideramos pouco satisfatório, tendo em conta o número total de alunos que a escola alberga até ao momento (457).



Figura 8. Sala de costura e torneira de água potável.

4.9. Participação dos pais e da comunidade

Sobre esse ponto, da parte do aluno, apenas confirma a presença dos encarregados impulsionados pelo convite da direção da escola: “Meu pai, a minha mãe, vêm a escola com o pedido da diretora.” A encarregada entrevistada também se limitou a confirmar as circunstâncias que a fazem frequentar a escola, assim, “quando têm alguma reunião, algum encontro com os pais comunicam sempre.” Por seu lado, o professor entrevistado nos confirma, desse modo, a sua própria perspectiva, e a relação dos companheiros com os encarregados:

“Tenho, tenho. Porque, eh..., informação ..., reunião que nós sempre temos, de..., nossa escola, comunicamos sempre os pais. As vezes se nós..., hum..., houve alguma dificuldade, ou se algum aluno está se sentir mal dentro da turma..., comunicamos através de móvel, hum..., por exemplo, no início dos anos nós costumamos dar o nosso número de móvel no caderno, passar, no caderno dos alunos para mostrar aos pais, ou encarregado de educação de que, quando têm alguma dificuldade devem ligar através desses números. Isso, essa é a relação que nós temos sempre com os pais. Se um aluno estiver, por exemplo, doente dentro da turma, dentro da sala nós comunicamos aos pais. E eles também, quando um aluno..., no dia em que o aluno estiver doente, o pai comunica o professor: olha, o meu filho hoje não está a sentir bem. Então, hum..., através do nosso número de móvel, que têm dentro do caderno, é que os pais nos informam que o meu filho hoje não está bem, e nós dissemos está bem, e o professor já tomou conhecimento de que esse aluno está doente.”

A diretora da instituição vem reforçar, na mesma linha, a participação dos encarregados, e o modo como são asseguradas as suas presenças na escola: “Sim, eles

participam, e são asseguradas através..., através das reuniões..., reuniões trimestrais..., depois, se houver mais situação urgente, para chamar os pais, aparecem logo na escola para responder. Assim participam, através das reuniões...”. Quanto à comunidade, a mesma apresenta e valoriza assim essa participação e colaboração com a escola:

“Acho que a relação de..., de colaboração (...). Entre eles e a escola, entre outros, quando há sensibilização na área de saúde pedem a escola, não é..., para poderem..., realizar os encontros (...). Os jovens pedem espaço na escola para poderem..., para realizarem os encontros (...). E..., acho que há uma relação de interajuda e de colaboração...”

Pensamento ainda reforçado pelo professor, do seguinte modo:

“((risos)) A maneira de estabelecer com outras ((risos)) instituições e serviços, sempre podemos preocupar, temos de dar informações de tudo o que acontece na nossa escola, temos de dar informações àquelas instituições. Por exemplo, barrulho, fazer barrulho perto de uma sala, onde fazem barrulho, temos que avisar. Aqui temos uma sala de aula.”

Apesar de tudo isso, consideramos que essas relações espelhadas aqui são muito tímidas e um pouco distantes uma da outra.



Figura 9. Campo situado a traz do primeiro e terceiro pavilhões, para as práticas desportivas e educação física, zona norte. Importa salientar que este espaço também é utilizado pelos fiéis muçulmanos para as rezas de Ramadã e Tabaski.

4.10. Monotorização e avaliação

No âmbito da monotorização e avaliação, podemos referir que, tendo em conta os dados obtidos durante a investigação, e também a partir dos documentos da própria escola, esse processo acontece através dos seguintes instrumentos: Reunião Preparatória do Novo Ano Letivo, Projeto educativo, Reunião geral de balanço sobre o ano letivo e o Relatório (trimestrais e anual). Sendo sempre necessário uma certa preparação antes do início do ano letivo, a direção da escola costuma reunir-se com os professores para se preparar para o efeito, balizando tudo o que deve constituir a agenda do ano letivo. Para isso, o Projeto Educativo serve como instrumento orientador, uma vez que é nele que estão consignados a visão, missão e objetivos da escola. De recordar que a própria diretora da instituição valoriza bastante o Projeto Educativo, como podemos constatar

pelas suas palavras: “Sim, a escola, a instituição tem (...), tem um projeto educativo..., e foi elaborado por..., equipa de professores...”. Trimestralmente são feitas reuniões de balanço e análise dos resultados obtidos durante o trimestre, o mesmo acontecendo no final do ano letivo, onde se produz um relatório final que deve ser aprovado pela assembleia geral da escola (estes instrumentos estão no final da dissertação, em anexo).



Figura 10. Campo, zona sul.

Conclusões

Em face do que conseguimos obter através dos dados da caracterização da instituição, podemos dizer que, de facto, em termos de infraestrutura a escola reúne boas condições para funcionar como estabelecimento de ensino. Tendo em conta o espaço, que é muito vasto e protegido por vedação de muro, oferece muita comodidade aos alunos e professores (inclusive pais/encarregados de educação e à comunidade envolvente) no sentido de realizarem muitas atividades curriculares e extracurriculares. Também a direção da escola está bem estruturada e, pelos documentos/arquivos a nós fornecidos, revela uma boa estruturação administrativa, gestora e pedagógica da instituição. Apesar disso, vimos que fazem falta algumas infraestruturas como, por exemplo: cozinha, refeitório, sala da direção, biblioteca, ginásio, sala destinada aos pais e encarregados de educação/comunidade. Estes elementos são indispensáveis para a oferta de uma educação escolar integral e de qualidade, pelo que supomos que a escola deve tomar isso como uma das suas principais ambições de melhoria infraestrutural e educacional. Faltam, também, infraestruturas/instrumentos de recreio infantil, como: baloiços, escorregadios, etc., e outros materiais úteis para o entretenimento das crianças. Mesmo para os professores, a falta de computadores e internet constituem lacunas, pois com eles podiam aproveitar os momentos de intervalo entre as aulas, para fazerem outras pesquisas e estudos, inclusive atividades lúdicas.

A experiência laboral, segundo vimos na caracterização da instituição, que as crianças fazem com os pais/encarregados para o sustento familiar, é útil no nosso entender porque não só serve de preparação à maturação da criança, como também ajuda na preservação dos valores culturais e artesanais/profissionais da tradição

familiar. Com isso, não queremos defender aqui, nem estimular, à prática do trabalho infantil, pois muitos desses casos acabam, também, descambando para o exagero.

A diversidade étnica é um dos aspetos frisados, no que tange a área comunitária que abrange a escola. Essas diversidades, pelos valores culturais que cada etnia representa (sem falar de raças, no sentido literal do termo, pois existem também aí...), constituem uma vasta riqueza que, de modo direto ou indireto, afetam a vida da escola. Pois, esse reflexo manifesta-se através da população estudantil que frequenta a escola, constituindo-se, aí, uma sociedade multiétnica e multicultural. De acordo com as informações que recolhemos através das entrevistas, verificamos que a escola considera como muito valiosas essas diversidades, e trabalha no sentido de abrir espaços e liberdades a todas as crianças/alunos no sentido de exprimirem os seus valores culturais e peculiares, sem restrições. Fato muito útil e encorajador, tanto para as famílias e a comunidade, como para a promoção da boa convivência social, pois faz com que as famílias e crianças oriundas de diferentes tendências étnicas, ou culturais, não se sintam excluídas das circunstâncias que a escola oferece para todos.

Um outro elemento importante a considerar é o número de alunos, por sexo, que a escola possui. Dentre o total de 457 alunos, a maioria é do sexo feminino (ver **Quadros 1 e 2**), contra o número inferior do sexo masculino. Trata-se um outro motivo de satisfação, porque o histórico da educação a nível nacional, desde sempre, tem mostrado (na maior parte dos casos) gráficos no sentido inverso, embora devamos reconhecer que, graças aos esforços da UNICEF e alguns organismos não-governamentais (ONG) que atuam no domínio da educação no país, a tendência tem-se vindo a alterar nos últimos anos. Sem pensar em dados demográficos ou taxas de natalidade e outros fatores de

sobrevivência, vale a pena considerar esses dados como muito satisfatórios, pensando na promoção do gênero feminino.

Os laços de parceria são úteis a qualquer instituição que queira ter um certo crescimento e desenvolvimento. Nisto, a escola também demonstrou estar a caminhar, dando passos, embora ainda muito lentos, mas promissores. É um domínio que deve ser trabalhado muito e encorajado para o benefício da instituição e de todos os que beneficiam da mesma.

O instrumento “Calendário das Atividades” é um outro material muito valioso e revelador das metas de realização da escola. Consideramo-lo muito útil e importante para as diretivas almejadas, anualmente, pela escola. Não só orienta as atividades da escola, como também facilita os pais/encarregados a acompanharem essas atividades correntes e cíclicas na instituição, assim como poderem seguir de forma mais detalhada as tarefas que se realizam na escola de seus educandos.

A escola celebra algumas festividades, comuns e particulares, aonde, além da participação dos alunos e professores, são convidados os pais para tomarem parte, embora, pelo que constatamos, de uma forma que achamos muito tímida. Neste sentido, pensamos que é um dos aspetos que devia ser muito bem trabalhado, já no âmbito de estimular maiores e mais próximas e intensas relações entre a escola e as famílias. O envolvimento mais ativo dos pais nessas atividades, não só como observadores, mas também como participantes-organizadores ajudaria bastante no reforço dos laços de cooperação entre famílias-escola-professores.

O sistema de gratificação dos alunos com bom desempenho nos trabalhos avaliados é um dos modelos de incentivo, aos alunos, muito positivo que a escola tem adotado. Vale a pena reforçarem essa iniciativa porque, além de incentivar uma certa competição que,

de todo, não é mau, permite aos alunos perceberem que os seus esforços pessoais são muito valorizados.

De acordo com os dados da caracterização dos alunos (ver **Quadro 1 e 2**), constatamos que, na média, o número de alunos, por turma, varia dentre 36 a 42, com um ou dois professores por turmas. Mesmo assim, consideramos ser excessivo para se ter um bom ambiente de aprendizagem, apesar de ser um fenómeno global na Guiné-Bissau, provocado por falta de infraestruturas escolares e por escassez de professores. A mesma dificuldade vem confirmada na entrevista feita a um professor da escola. A redução do número de alunos por turma, e por professor, poderia ser uma das soluções para que o atendimento dos alunos, caso a caso, fosse mais eficaz.

Referente aos mecanismos/sistemas de avaliação, concluímos que a escola tem adotado o método misto, o que é muito positivo, pois facilita mais a interação professor-aluno e vice-versa. Além desse método, constatamos que usam outras fichas adicionais (ver anexos) que lhes permitem proceder a avaliações de outras dimensões da personalidade dos alunos, por exemplo: psicossociais e psicossomáticas.

No que concerne ao corpo docente (ver também **Quadros 3 e 4**), verificamos que a escola conta com um número maioritário de professores relativamente jovens, fato que consideramos muito bom e positivo, sem menosprezar, também, a experiência dos mais velhos que são de grande valor e amparo para a escola. O que temos a lamentar é o baixo número de professores com formação na área do ensino básico. Também verificamos que, no II Ciclo, todos os professores são do sexo masculino, demonstrando assim a não observância do fator igualdade de género na seleção de professores para esses níveis. De recordar que isso pode afetar de certo modo, em termos psicológicos e de outras dimensões psicossociais, a representação mental dos alunos face a questão de

igualdade de géneros e dos sentimentos de inferioridade/superioridade. Por isso, recomendamos que a escola tenha em consideração a representação de género nos processos de seleção dos professores em todos os níveis de ensino. Os dados também nos permitiram constatar que a maioria dos professores residem a menos de 5km de distância da escola, o que facilita na deslocação para as aulas, sem grandes atrasos. Esse fato também facilita a interação entre os professores com as famílias e a comunidade envolvente à escola. De recordar que quanto mais os professores conhecerem os pais e a comunidade, melhores e mais eficazes serão as trocas de informação sobre as crianças/alunos, com vista a uma maior facilidade na resolução dos problemas que podem surgir (e sempre surgem em contextos educativos deste tipo).

Um outro aspeto importante e inerente à caracterização do corpo docente concerne a atividades religiosas. Pelos dados, todo o corpo docente é constituído por professores que praticam a religião cristã, católica. Uma vez que a escola é frequentada por crianças/alunos provenientes de variadas confissões religiosas, nomeadamente muçulmanos, pensamos que, tendo em conta a questão da integração social e a promoção dos valores em contexto de integração social, seria muito interessante pensar na possibilidade de constituir um corpo docente que reflita a realidade sociocomunitária que envolve a escola, salvaguardando sempre a necessária formação e qualificação dos professores para o exercício da profissão.

Vimos que a maior parte dos professores não tinha como opção inicial (para a carreira profissional) a docência. Apesar de esse fato espelhar aquilo que é a realidade, quase comum, no sistema do ensino do país, não deixa de constituir motivo de preocupação para nós. Na realidade, acreditamos que o sistema de ensino pode ter mais sucesso com pessoas que se sentem vocacionadas para trabalhar na área. O professorado não deve ser

usado como alternativa de emprego, sendo uma prática que envolve muita delicadeza, uma vez que se trata de “construção” da personalidade humana dos alunos em todas as suas dimensões, para que possam ser úteis à sociedade.

Entre os instrumentos que a escola utiliza para manter contactos com os pais/encarregados de educação, destacamos aqui a **Lista de Presenças dos Pais/Encarregados de Educação**. Sendo um instrumento que ajuda a ter um certo controlo sobre quem, de perto, acompanha a situação dos alunos na escola, permite também estabelecer contatos diretos com os mesmos, em caso de necessidade. Encorajamos muito a continuidade dessa prática, porque facilita no reforço das relações entre ambas as partes envolvidas nesse processo.

O último aspeto que não queríamos deixar de ter em consideração é instrumento **Previsão de Caixa**, que acaba sendo uma espécie de orçamento anual das despesas da escola. Aí podemos constatar que, na ordem das despesas, a área onde a escola investe mais é no salário dos professores, que são pagos anualmente (doze meses), apesar dos pais/encarregados de educação pagarem apenas 9 meses de propina. Apesar de ser um fardo para a escola, por um lado, é motivadora para os professores, por outro, uma vez que podem auferir dos seus salários, na íntegra, durante todo o ano. De salientar que a maioria esmagadora das escolas privadas no país não faz do mesmo modo. Na segunda posição das despesas está o investimento que a escola faz no INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), o mesmo que Segurança Social, assegurando, em vista das aposentadorias, a situação dos seus funcionários. É um motivo de satisfação porque mostra uma certa preocupação com a condição social, presente e futura, dos professores. Por fim, na terceira posição vem a despesa relacionada com o investimento na manutenção das infraestruturas da escola e de novos equipamentos necessários para o

bom funcionamento da escola. É um outro fator a encorajar num plano de melhoria para o futuro, pois revela o desejo, dos dirigentes da instituição, em manter e fazer desenvolver as melhorias necessárias à escola.

No intuito de encontrar soluções para as dificuldades e carências detetadas neste estudo, redigimos uma Proposta para Melhoria da Situação Encontrada, que apresentamos no ponto que se segue a estas conclusões, esperando assim contribuir para um melhor funcionamento da escola e para um aprofundamento de relação entre esta e as famílias, no sentido de se construir uma verdadeira comunidade educativa.

Proposta para Melhoria da Situação Encontrada

Apesar de possuir muitas coisas boas, em detrimento de muitas outras escolas existentes no país, ainda há muito por fazer para que a escola São Paulo possa atingir o padrão necessário a fim de ser considerada uma escola com todas as condições básicas para oferecer um ensino muito bem qualificado. É nessa ótica que, após um trabalho árduo de apuramento e análise dos dados sobre a instituição, que iremos elencar as nossas propostas de melhoria. Na nossa perspectiva algumas dessas propostas podem ser realizadas através dos próprios recursos da escola, ao passo que outras podem ser implementadas através de parcerias, mediante a elaboração e apresentação de projetos de financiamento aos parceiros, amigos, governo, e outras instituições internacionais, ou através das embaixadas de países amigos da Guiné-Bissau. Isso tudo, contando com o vasto espaço que a escola mantém ainda intacto, que podem ser aproveitados para a realização de muitas obras, otimizando melhor a área ocupada. No final desta parte, anexamos um modelo de projeto escolar. Assim, seguem elencados, em pontos, as nossas propostas:

Infraestruturas e Parcerias

- Que a escola proceda o mais breve possível à implementação e efetivação, juntamente com os pais, da Associação de Pais e Encarregados de Educação da escola (com a proposta da seguinte sigla APEE-ESP);
- Que encoraje a participação ativa dos pais/encarregados de educação nas festividades e outras atividades que são realizadas na escola durante o ano letivo (consignados no “Calendário das Atividades”);

- Que a escola procure reforçar e alargar os laços de parceria, e criação de novas parcerias, com outras instituições, dentro e fora do país, conforme já indicado na introdução desta parte;
- Desenvolvimento e apresentação de projetos a submeter aos parceiros financiadores, no sentido de se poder construir algumas infraestruturas necessárias para o bom funcionamento da escola, e à luz do Projeto Educativo da escola, tais como:
- Sala para a Associação de Pais e Encarregados de Educação (APEE-ESP);
- Construção de rampas de acesso aos pavilhões para os utentes de cadeiras de rodas;
- Construção de sala para os serviços de atendimento psicológico a crianças/alunos com necessidades educativas especiais (NEE), e aos utentes da escola que necessitem;
- Construção de cozinha e refeitório;
- Biblioteca, sala de informática ou TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), e internet para os professores;
- Construção de uma sala que funcionasse como oficina de artes e ofícios;
- Sala para laboratório;
- Construção de salão polivalente, ginásio e piscina;
- Salas e casas de banho para a direção da escola;
- Adaptação de espaço para horta escolar.

Pessoal Docente e Administrativo

Que seja levado em conta os fatores género, religião, e outras valências/dimensões da personalidade humana e sociocultural, nos processos de seleção dos professores,

sobretudo no IIº Ciclo. Uma das preocupações especiais, também, deve-se ter muito em conta a questão de formação específica dos professores, tanto para o Iº Ciclo, como para o IIº Ciclo.

Relações com a Comunidade

As relações com a comunidade, e suas participações nos eventos da escola, devem ser reforçados ainda mais. Que não se limite só no uso do espaço da escola para certos afins, mas que a própria comunidade realize, de vez enquanto, atividades que envolva a escola, ou em parceria.

De modo geral, a escola deve promover a realização de muitos intercâmbios com outras escolas e instituições, visitas de estudo e outras atividades extracurriculares.

Modelo de Projeto (exemplificação)

ESCOLA PRIMÁRIA SÃO PAULO

(Diocese de Bissau)

PROJECTO: Reciclagem de lixos

INTRODUÇÃO

O plano de reciclagem visa sensibilizar os alunos, ao nível intraescola para que, dum lado, tenham noção sobre o tratamento que se deve dar aos diferentes tipos de lixo e também sobre as diversas formas que se pode adotar para reciclar e reutilizar certos tipos de lixos. Doutro lado, a ideia visa passar as mesmas experiências para fora da escola, nomeadamente, através de campanhas de sensibilização junto aos moradores dos arredores/comunidade circunvizinha da escola a fim de dar a conhecer as melhores formas da convivência humana face à questão dos lixos.

Metodologia e técnicas:

- Ação escolar e social sobre a questão ambiental

- Meios (materiais escolares)
- Aulas fora da escola (peças de teatro; cartazes; exposição de peças de lixos reciclados e reaproveitados; etc.)
- Auscultação dos constrangimentos por parte dos moradores

OBJECTIVOS GERAIS

Garantir a sustentabilidade ambiental para melhorar a qualidade do sistema sanitário na escola e no bairro.

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Promover atitudes sustentáveis no coletivo e individualmente, agir coerentemente para o desenvolvimento institucional.
- Desenvolver hábitos diários de tratamento e reciclagem de lixo para assegurar a saúde e bem-estar, e um ambiente saudável.
- Motivar interesse de integração e participação no desenvolvimento da escola e do país.

Período de implementação: dois (2) anos: 2019 a 2020.

DESCRIÇÃO

A iniciativa vai no sentido de implementar a ideia de um ambiente mais saudável e sustentável, ajudar na mentalização das crianças (sobretudo os que frequentam a escola) e a comunidade aonde se encontra inserida a nossa escola, perspectivando um maior conhecimento da matéria tendo em vista uma maior capacidade no relacionamento, manuseamento e tratamento dos resíduos lixeiros.

Etapas das atividades:

- Trabalho de capacitação aos professores sobre a matéria
- Trabalho de sensibilização e capacitação aos alunos sobre a relação humana com o lixo
- Seleção de árvores a constituírem viveiros para o plano de replantação e

constituição de zonas verdes no bairro

- Ações fora da escola

Estratégias:

Abordagem dos temas relacionados com os lixos e suas diversificações nas aulas de Ciências integradas e Expressões (no Iº Ciclo), e também nas aulas de Ciências Sociais, Ciências Naturais e Educação Visual (no IIº Ciclo); Envolvimento dos alunos nos trabalhos de limpeza no recinto escolar a cada sexta-feira; Sensibilização dos pais/encarregados de educação sobre a questão durante as reuniões regulares de entregas dos resultados trimestrais; Passeio escolar ao redor do bairro para sensibilização porta-a-porta e nas bancadas para a consciencialização sobre a problemática do lixo.

Intervenientes:

- Direção da escola
- Professores
- Alunos
- Pais ou encarregados de educação

Resultados esperados:

Esperamos operar uma grande capacidade e mudança de mentalidade sobre o lixo, e maior noção sobre os riscos do mau relacionamento das pessoas com os diferentes tipos de resíduos lixeiros com que nos defrontamos no nosso dia-a-dia. Maior capacidade de trabalhar no sentido de tornar o nosso meio ambiente mais saudável e proporcionadora de melhores condições de habitabilidade e convivência social.

Medidas e avaliação:

Acompanhamento regular e avaliação contínua das ações a serem periodicamente implementadas nas diversas atividades preconizadas ao longo do período de implementação do projeto.

Acompanhar e verificar a mudança de mentalidade no relacionamento com os lixos.

Verificar se há melhorias em termos de seleção e tratamento dos diversos tipos de lixo consoante as suas diferentes naturezas.

Certificar se há mudanças de hábitos nos alunos assim como na população em geral.

Identificação dos constrangimentos.

Bissau, 25 de Fevereiro de 2019

Responsável do Projeto

(_____)

ESCOLA PRIMÁRIA SÃO PAULO

(Diocese de Bissau)

PROJECTO: Reciclagem de lixos

RELATÓRIO DAS ACTIVIDADES REALIZADAS

INTRODUÇÃO

Este relatório de implementação do projecto de tratamento e reciclagem do lixo, na escola e no nosso bairro, refere-se à primeira fase do projecto que vai de Janeiro de 2019 a Dezembro de 2019, e tal visa dar a conhecer os passos dados e as dificuldades sentidas durante este percurso.

Na mesma perspectiva, queremos também aproveitar, desta, para apontar as sugestões recolhidas para o feito de melhoria e superação dos constrangimentos detectados, tendo em vista as futuras acções.

PERTINÊNCIA DO PROJECTO

O plano de reciclagem visa sensibilizar os alunos, ao nível intra-escola para que, dum lado, tenham noção sobre o tratamento que se deve dar aos diferentes tipos de lixo e também sobre as diversas formas que se pode adoptar para reciclar e reutilizar certos tipos de lixos. Doutro lado, a ideia visa passar as mesmas experiências para fora da escola, nomeadamente, através de campanhas de sensibilização junto aos moradores dos arredores/comunidade circunvizinha da escola a fim de dar a conhecer as melhores formas da convivência humana face à questão dos lixos.

OBJECTIVOS GERAIS

Garantir a sustentabilidade ambiental melhorar a qualidade do sistema sanitário na escola e no bairro.

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Promover atitudes sustentáveis no colectivo e individualmente, agir coerentemente para o desenvolvimento institucional.
- Desenvolver hábitos diários de tratamento e reciclagem de lixo para assegurar a saúde e bem-estar, e um ambiente saudável.
- Motivar interesse de integração e participação no desenvolvimento da escola e do país.

1ª Fase: Actividades dentro da Escola

Data/período	Tema	Intervenientes	Resultados
JANEIRO	Palestra com os professores sobre os conceitos de: “Lixos orgânicos e Lixos inorgânicos”; “Lixos	Direção da escola Professores Representante dos pais/encarregados	

	tóxicos e não tóxicos”	de educação Técnicos do IBAP Pessoal não docente da escola	
JANEIRO	Modo de seleção, arrumação dos lixos consoante as suas diversas naturezas	Direção da escola Professores Representante dos pais/encarregados de educação Técnicos do IBAP Pessoal não docente da escola	
JANEIRO	Sensibilização sobre causas e consequências de um mau relacionamento com os lixos	Direção da escola Professores Representante dos pais/encarregados de educação Técnicos do IBAP Pessoal não docente da escola	

FEVEREIRO	Seleção/identificação de lixos adequados para o efeito de reaproveitamento	Direção da escola Professores Representante dos pais/encarregados de educação Técnicos do IBAP Pessoal não docente da escola	

2ª Fase: Actividades fora da escola

Data/período	Tema	Intervenientes	Resultados
FEVEREIRO	Dialogo com os moradores e feirantes do bairro sobre o tema: “ <i>Lixos orgânicos e Lixos inorgânicos</i> ”; “ <i>Lixos tóxicos e não tóxicos</i> ”	Direção da escola Professores Alunos Pessoal não docente da escola	
	Sensibilização e exibição de cartazes demonstrativos aos moradores e	Direção da escola Professores Alunos Pessoal não docente	

MARÇO	feirantes do bairro sobre o tema: <i>Modo de seleção, arrumação dos lixos consoante as suas diversas naturezas</i>	da escola	
ABRIL	Apresentação de peça de teatro, na feira e no campo do bairro, em sensibilização sobre <i>causas e consequências de um mau relacionamento com os lixos</i>	Direção da escola Professores Pessoal não docente da escola	
MAIO	Apresentação das técnicas de Seleção/identificação de lixos adequados para o efeito de reaproveitamento, aos moradores e feirantes do bairro.	Direção da escola Professores Alunos Pessoal não docente da escola	
	Palestra geral na escola com os	Direção da escola Professores	

JUNHO	técnicos do IBAP com tema: <i>“Gestão Ambiental”</i>	Representante dos pais/encarregados de educação Representação da comunidade/feirantes do bairro Técnicos do IBAP Pessoal não docente da escola	
-------	---	---	--

DIFICULDADES SENTIDAS DURANTE A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJECTO

Durante o período da implementação desta primeira fase do projecto as dificuldades com que nos deparamos, na escola, prende-se mais com a falta de materiais de trabalho para o efeito de reciclagem dos lixos e de alguns mecanismos de demonstração desses processos aos professores e alunos. Ao nível do bairro, as dificuldades vão mais no sentido da falta de espaços de armazenamento de lixos para o efeito da selecção dos mesmos, consoante as suas diversas naturezas, falta de água potável, e no próprio processo de sensibilização devido a pouco interesse dos populares sobre o tema.

PRINCIPAIS ALTERAÇÕES NA VIDA DA ESCOLA E NO BAIRRO

Verificou-se fortes mudanças na mentalidade dos professores e alunos sobre a forma de lidar com os lixos, assim como na comunidade/bairro.

Maior capacidade na distinção dos lixos orgânicos e inorgânicos para o efeito de selecção e reciclagem.

Maiores cuidados face ao relacionamento com os lixos tóxicos.

Interesse na conservação e aumento dos espaços verdes para qualificar ainda mais o

ambiente que se respira na escola e no bairro.

PRÓXIMOS PASSOS

Iniciar o processo de implementação da campanha de reflorestação da escola e do bairro com as crianças da escola e pessoas da comunidade. Continuar com mais acções de esclarecimento sobre as vantagens de uma maior preocupação com as questões de lixo e outros resíduos que prejudicam o meio ambiente. Dar mais formações sobre o tratamento da água, sua esterilização, conservação e modos de consumo.

CONCLUSÃO

A formação dos Directores e Subdirectores das escolas públicas e privadas por parte da FEC, proporcionou a possibilidade de criação e implementação de alguns projectos de sustentabilidade escolar e comunitária, factores que facilitaram os percursos de aplicação prática das estratégias do Projecto Educativo, sobretudo, da nossa escola.

Bissau, 28 de Setembro de 2019

Subdirector

O CTP

()

()

A Directora

()

Referências bibliográficas

Amado, J., (2014). *Manual de investigação em educação* (2ª ed.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Bell, J., (1993). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.

Cortezão, L. &, Stoer, S., (1997). Comunicação escola-família: Qual o papel da oralidade e da escrita. *Educação, Sociedade & Culturas*, 8, 121-133.

Documentário do 1º Encontro Internacional Educação 360. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 5 e 6 de Setembro de 2014. Rio de Janeiro: O GLOBO e Extra.

Einstein, A., (1953/1981). *Como vejo o Mundo* (H. P. de Andrade, Trad.). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Faria Filho, L. M., (2000). Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação. *São Paulo em Perspetiva*, 14 (2) 2000, 44-50.

Flick, U., (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes* (Magda Lopes, Trad.). Porto Alegre: Penso.

Gil, A.C., (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.

Gil, A.C., (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (6ª ed.). São Paulo: Atlas.

Goldenberg, M., (2011). *A Arte de Pesquisar* (12ª ed.). Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record.

Lakatos, E. M. & Marconi, M. A., (1990). *Sociologia Geral* (6ª ed.). São Paulo: Editora Atlas S. A.

Laville, C. & Dionne, J., (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (Heloísa Monteiro & Francisco Sottineri, Trad.). Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG.

Masschelein, J. & Simons, M., (2014). *Em defesa da educação, Uma questão pública* (Cristina Antunes, Trad.) (2ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 2013).

Preti, O., (2009). *Estudar a distância: uma aventura acadêmica*. Cuiabá, MT: Cebtral de texto: EdUFMT.

Prodanov, C.C. & Freitas, E. C., (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico* (2ª ed.). Novo Hamburgo, Rio de Grande do Sul, Brasil.

Roudinesco, E., (2003). *A família em desordem* (André Teles, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 2002).

Tozoni-Reis, M. F. de C., (2009). *Metodologia da Pesquisa* (2ª ed.). Curitiba: IESDE.

Vilelas, J., (2017). *Investigação – O Processo de Construção do Conhecimento* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

Anexos

Lista de anexos

Anexo 1: Autorização para o uso do nome da escola no corpo do trabalho (pág. 100)

Anexo 2: Carta-Acordo (pág. 101)

Anexo 3: Ficha da Instituição (pág. 102)

Anexo 4: Ficha sobre o Espaço Educativo (pág. 106)

Anexo 5: Ficha do/a Professor/a (pág. 108)

Anexo 6: Guião de Entrevista ao Diretor da Instituição (pág. 111)

Anexo 7: Guião de Entrevista aos Professores (pág. 115)

Anexo 8: Guião de Entrevista aos Pais (pág. 118)

Anexo 9: Guião de Entrevista aos Alunos (pág. 120)

Anexo 10: Transcrição de Entrevista com a Diretora da Instituição (pág. 122)

Anexo 11: Transcrição de Entrevista com o Professor (pág. 147)

Anexo 12: Transcrição de Entrevista com Encarregada de Educação (pág. 172)

Anexo 13: Transcrição de Entrevista com o Aluno (pág. 183)

Anexo 14: Estatuto/Regulamento Interno da Escola São Paulo (pág. 194)

Anexo 15: Modelo de Projeto Educativo da Escola São Paulo (não atualizado) (pág. 231)

Anexo 16: Mapa do Pessoal Docente e Administrativo (pág. 238)

Anexo 17: Modelo de Mapa de Extração de Faltas dos Professores (pág. 239)

Anexo 18: Lista de Presenças nas Reuniões da Escola (pág. 240)

Anexo 19: Lista de Contribuição de Solidariedade (pág. 241)

Anexo 20: Grelha de Poupanças Individuais dos Funcionários (pág. 243)

Anexo 21: Exemplar de Lista de Presenças dos Pais/Encarregados de Educação (pág. 244)

Anexo 22: Modelo de Planificação das Aulas, dos Professores (pág. 245)

Anexo 23: Dados Estatísticos Gerais dos Alunos (pág. 250)

Anexo 24: Grelha de Apreciação Diagnostica aos Alunos (pág. 251)

Anexo 25: Grelha de Apreciação do Desempenho dos Alunos (pág. 252)

Anexo 26: Calendário das Atividades da escola São Paulo (pág. 254)

Anexo 1: Autorização para o uso do nome da escola no corpo do trabalho**AUTORIZAÇÃO**

Eu, Antonieta N'Dequi, Diretora da Escola do Ensino Básico São Paulo venho, através deste documento, comunicar ao estudante Rui Pedro Mendes, inscrito e a cursar o Mestrado em Educação, na especialização de Supervisão e Orientação da Prática Profissional, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, sob orientação da Professora Doutora Maria João Mogarro e que está a desenvolver uma investigação nesta escola sob o título : « Relação Escola-Família: Um Estudo de Caso na Guiné-Bissau » que AUTORIZO O REFERIDO ESTUDANTE A UTILIZAR O NOME DA ESOLA SÃO PAULO NO CORPO DE SEU TRABALHO, BEM COMO NO TÍTULO DA INVESTIGAÇÃO, AUTORIZO AINDA A MESMA UTILIZAÇÃO EM FUTUROS ARTIGOS, SEMINÁRIOS E EVENTOS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS QUE O RUI VENHA A PARTICIPAR DEPOIS DE CONCLUIR ESTA INVESTIGAÇÃO TAL QUAL O MESTRADO EM EDUCAÇÃO.



A Diretora

Antonieta N'Dequi

Antonieta N'Dequi

02 de julho de 2020.

Anexo 2: Carta-Acordo



Carta-Acordo

Nome da Instituição: ESCOLA DO ENSINO BÁSICO SÃO PAULO

Morada: BAIRRO SÃO PAULO, BUBA

Tipo de Instituição: PRIVADA

Mestrando: RUI PEDRO MENDES

Data:

Serve a presente carta-acordo para assinalar o início do desenvolvimento do projeto sobre A Relação Escola-Família: Um Estudo de Caso, do Mestrado em Educação, na área de especialização em Supervisão e Orientação da Prática Profissional, na instituição educativa acima referida e explicar os compromissos de cada um dos intervenientes. Este projeto é da responsabilidade do diretor da instituição e do estudante de mestrado que assinam esta carta-acordo. É coordenado pelo orientador do projeto, que é um professor do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

O estudante compromete-se a responder a todas as questões e dúvidas levantadas pelos participantes, a dar informações credíveis sobre os objetivos do projeto, a apoiar a sua participação e a garantir a confidencialidade dos dados recolhidos e tratados, bem como garantir o anonimato dos participantes.

O Diretor da instituição bem como os restantes participantes devem dar acesso às informações solicitadas e a garantir as condições para a recolha de dados e o desenvolvimento das atividades inerentes ao projeto.

Devem ser assinados dois exemplares desta Carta-Acordo: um fica na instituição e outro é entregue ao estudante do mestrado (que deve figurar nos anexos do Relatório Final).

Rui Pedro Mendes

Estudante do Mestrado

Antonieta N'Dequi

Diretora da Instituição

Contatos: pedromendesrui@gmail.com

+245 96 661 13 12 / +245 95 520 13 12

Anexo 3: Ficha da InstituiçãoUNIVERSIDADE
DE LISBOA

Instituto de Educação

Ficha da Instituição

Nome: ESCOLA DO ENSINO BÁSICO SÃO PAULO

Morada: BAIRRO SÃO PAULO, BUBA

Diretora:

Estudante de Mestrado: RUI PEDRO MENDES

Data:

Tipo de Instituição (coloque uma Cruz X)

Pública _____ Pertencente a que Ministério? _____

Privada _____ Pertencente a que Organismo? _____

Há quanto tempo está a funcionar?

0-2 anos _____ b) 3-5 anos _____ c) 6-10 anos _____ d) + 10 anos

Em que tipo de instalações funciona?

Construção de raiz _____ b) Edifício adaptado _____ c) Escola Integrada _____ d) Outra situação

Explique: _____

Horário da Instituição

Abertura _____ b) Encerramento _____ c) Refeições _____

Alunos

A partir de que idade a instituição recebe alunos _____

Quantos alunos / género com as idades abaixo indicadas frequentam a instituição?

Idade		Género	
		Masculino	Feminino
0-12 meses			
1-2 anos			
3-4 anos			
5-6 anos			
6-7 anos			
8-9 anos			
10-11 anos			
12-13 anos			
14-15 anos			
16-17 anos			
18-19 anos			
+ 20 anos			

Quantos alunos frequentam à data a instituição? _____

Qual a lotação máxima permitida? _____

Quantos alunos ficaram este ano em lista de espera? _____

Quantos alunos têm necessidades educativas especiais? _____ Indique o tipo de necessidades? a) Cegos e ambliopes _____ b) Surdos-mudos _____ c) Paralisia cerebral e outras deficiências neuro-motoras _____ d) Deficiência mental _____ e) Mongoloidismo _____

f) Dificuldades de Aprendizagem? _____ Outra _____

Quantos pais / encarregados de educação não falam o português? _____

Que línguas são faladas em casa?

Língua	Número de alunos
Crioulo	
Balanta	
Fula	
Mandinga	
Manjaco	
Mancanha	

Papel	
Outra? Qual?	

Que línguas são faladas na instituição? a) Português _____ b) Língua étnica _____ Qual? _____
 Explique em que situações se fala o português e em que situações se fala a língua étnica

Quantas salas, n.º alunos por sala, professores e rácio Professor/alunos?

	Salas	Número	Nº Alunos por sala	N.º Professores por sala/turma	Rácio Professor/Aluno
Pré-escolar	Creche (0-1 anos)				
	Creche (1-2 anos)				
	J. Infância (3-5 anos)				
1.º Ciclo Ensino Básico	1.º ano				
	2.º ano				
	3.º ano				
	4.º ano				
2.º Ciclo EB	5.º ano				
	6.º ano				
3.º Ciclo EB	7.º ano				
	8.º ano				
	9.º ano				
Ensino Secundário	10.º ano				
	11.º ano				
	12.º ano				

Pessoal (Gestão)

Qual o tipo de gestão da instituição (conselho de escola, diretor nomeado, direção eleita...)

b) Quais as funções da gestão (o que compete a cada órgão/membro fazer e decidir)?

Pessoal Docente (Professores)

Quantos Professores do Quadro _____

Quantos Professores Novos Ingressos _____

Quantos Professores Contratados _____

Pais / Encarregados de Educação

Existe associação de pais? _____ b) Se respondeu sim diga que atividades realiza?

Que apoio individual podem prestar / prestam os pais à instituição _____

Estudantes

Existe associação de estudantes? _____ b) Se respondeu sim diga que atividades realiza? _____

Financiamento

Dê uma estimativa do custo por aluno /mês ou ano? Creche _____

Jardim Infância _____ 1.º Ciclo _____

2.º Ciclo _____ 3.º Ciclo _____

Secundário _____

Contribuição do estado por mês ou ano _____

Contribuição dos pais por mês ou ano _____

Outras fontes de financiamento? _____

Comunidade Local

Qual a localização geográfica da instituição?

Área urbana _____ b) Área suburbana _____ c) Área Rural _____

Quantos alunos

Vivem com ambos os pais _____ b) Vivem com apenas com a mãe _____ c) Vivem apenas com o pai _____ d) Vivem com outros familiares (tios, avós) _____

Observações (outras informações que ache por bem registrar):

Anexo 4: Ficha Sobre o Espaço Educativo



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Ficha Sobre o Espaço Educativo

Nome da Instituição: ESCOLA DO ENSINO BÁSICO SÃO PAULO

Morada: BAIRRO SÃO PAULO, BUBA

Estudante Mestrado: RUI PEDRO MENDES

Data:

Descreva o edifício em breves palavras (se é novo ou velho, se está em boas condições de conservação, quantos andares tem, se tem espaço exterior ou não, etc. Tire algumas fotografias ao edifício).....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Quantas salas tem? Quantas são salas de aula?

Existem salas suficientes para todos os alunos?

.....

.....

Faça um desenho/planta da sua sala de aula e tire fotografias (use uma folha por sala)

Explique porque organizou assim a sua sala (as mobílias e os materiais)

.....

.....

.....

.....

Dos seguintes materiais indique, colocando uma cruz, os que tem na sua sala:

Materiais	
Acessos para cadeiras de rodas e espaço para cadeiras especiais	
Computadores	
Instrumentos de música	
Jogos de mesa (puzzles, cubos, etc.)	
Livros	

Manuais escolares	
Materiais para jogar no exterior (bolas, arcos, cordas, etc.)	
Outros? Quais?	
Papel / cadernos	
Placares/Expositores (para dar informações e expor trabalhos dos alunos)	
Tintas e lápis de cor	
Um sítio (cabides ou caifos) para guardar as coisas dos alunos	

Observações (se quiser dizer algo mais sobre os materiais que existem ou não existem na sua sala):

.....

.....

.....

.....

A sua instituição tem (coloque uma cruz em caso de ter, deixe em branco em caso de não ter)

Acesso a água corrente	
Biblioteca/ludoteca/centro de recursos educativos	
Cozinha	
Ginásio	
Refeitório	
Sala de direção	
Sala de professores	
Sala destinado aos pais (e à comunidade)	
Sanitários para alunos	
Sanitários para adultos	

Observações (se quiser dizer algo mais sobre os materiais que existem ou não existem na sua sala):

.....

.....

.....

.....

Espaço exterior

A instituição tem espaço exterior? Sim: Não:

Em caso de ter, quantas vezes por dia é usado?

A área exterior é coberta? Sim: Não:

Quem vigia o recreio?

Que materiais existem no exterior (diga o que existe: bolas, baloiços, escorrega, campo de jogos, horta, jardim, etc.):

.....

.....

.....

Observações (se quiser dizer algo mais sobre o espaço educativo faco-o neste espaço):

Anexo 5: Ficha do/a Professor/aUNIVERSIDADE
DE LISBOA

Instituto de Educação

Ficha do/a Professor/a

Nome da Instituição: ESCOLA DO ENSINO BÁSICO SÃO PAULO

Morada: BAIRRO SÃO PAULO, BUBA

Género:

Estudante Mestrado: **RUI PEDRO MENDES**

Data:

Vínculo à Escola (quantos): Efetivos Novos Ingressos Contratados

Habilitações

Anos de escolaridade (Coloque um círculo de acordo com a sua situação)

3-4 5-6 9 11 12

Habilitações académicas

Bacharelato
Licenciatura
Pós-graduação
Mestrado
Doutoramento
Outra

	Na área de:.....
	Na área de:
	Na área de:
	Na área de:
	Na área de:
	Qual?

Anos de serviço

Total (desde que começou a trabalhar como professor/a):

Nesta instituição:

Que disciplinas leciona?

.....

.....

Tem experiência com alunos com NEE (Necessidades Educativas Especiais)? Explique?

.....

d) Teve formação para trabalhar com alunos com NEE?
 Explique?.....

.....

Descreva as funções que desempenha nesta instituição (O que faz):

.....

No seu trabalho

O que gosta mais de fazer (lhe dá mais satisfação)?

.....

b) O que gosta menos de fazer (lhe dá menos satisfação)?

.....

O que o/a levou a escolher a profissão de professor?

.....

Como gostaria de melhorar a sua atividade profissional?

.....

Que dificuldades encontra?

.....

O quê ou quem poderia contribuir para essa melhoria?.....

.....

Assinale os 5 temas, entre os abaixo indicados, em que gostaria de ter formação e que acha que contribuiriam para melhorar o trabalho que desenvolve na instituição, junto dos alunos, colegas e pais (Assinale com 1 o que acha mais importante, 2 como importante, e assim sucessivamente até 5, o que acha menos importante)

Temas	Importância
Aprendizagem e desenvolvimento do aluno na idade escolar	

Aprendizagem da leitura	
Atividades lúdicas e jogos	
Computadores	
Crianças em risco	
Educação para a saúde	
Expressão oral e expressão escrita	
Manuais escolares e outros recursos educativos	
Necessidades educativas especiais	
Organização do espaço e dos materiais	
Planear e organizar atividades educativas	
Português	
Trabalho com pais	
Trabalho em equipa (entre professores)	
Outro (escreva qual)	

Anexo 6: Guião da entrevista ao Diretor da instituição



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Instituto de Educação

Guião da entrevista ao Diretor da instituição

A entrevista deve durar cerca de 30 minutos. As questões devem ser adaptadas a cada entrevistado.

Devem ser tomadas notas durante a entrevista, podendo também ser gravada.

Bloco 1: Finalidades e Objetivos

Considera importante que as crianças /jovens frequentem a escola?

Considera que esta instituição dá resposta às necessidades dos alunos e dos pais?

Quais as principais preocupações face aos alunos e face aos pais?

A instituição tem um projeto educativo? Se sim como e por quem foi elaborado?

Quais as principais linhas orientadoras do projeto educativo? Como são concretizadas na prática?

Existe a preocupação de integrar alunos com NEE? Como é feita essa integração?

Bloco 2: Currículo/Experiências de Aprendizagem

O que acha que os alunos devem aprender na escola?

Que tipo de atividades /experiências são proporcionadas aos alunos?

Considera que as atividades desenvolvidas na escola respondem às necessidades dos alunos? Facilitam a passagem para o ano seguinte da escolaridade?

A instituição adota algum modelo / método pedagógico específico (ex: método tradicional, centrado no professor e expositivo; método centrado no aluno e em trabalhos de grupo; método misto: expositivo e trabalhos de grupo...)

Acha que as atividades proporcionadas aos alunos são adequadas às crianças com NEE? A integração destes alunos prejudica ou beneficia o trabalho realizado com todos os alunos?

Bloco 3: Estratégias de Ensino e Aprendizagem

Como são organizadas as turmas e os horários dos alunos e professores?

Quais são as disciplinas mais valorizadas na escola? E as menos valorizadas?

É dada a devida importância à aprendizagem da língua da escolarização, o português?

Como vê o trabalho dos professores? Como valoriza o trabalho dos professores?

Acha que as atividades e experiências de ensino que são propocinadas aos alunos são as mais adequadas?

Acha que existe uma preocupação com a aprendizagem de todos os alunos, de não deixar nenhum aluno ficar para trás?

Acha que os alunos com NEE estão integrados nas atividades das turmas?

Bloco 4: Planeamento, Avaliação e Registo

Como é planeado e avaliado o projeto educativo da instituição? Existe um plano anual?

Como é feito o planeamento e a avaliação em cada sala? Por cada professor? Quais são os critérios usados? Existe algum trabalho entre os professores e a direção?

Como é feita a sinalização e o encaminhamento dos alunos com NEE? Como é feito o registo e avaliação da sua evolução?

Bloco 5: Professores /Pessoal

Quantos professores e outro pessoal existe na instituição? Como são contratados? Quem contrata? Com que critérios?

Qual é o horário e como é feita a distribuição dos professores e outro pessoal?

Acha que é suficiente o número de professores e de outro pessoal para as necessidades? Há estabilidade do corpo docente? Que problemas encontra com a falta de estabilidade do corpo docente?

Como promove o desenvolvimento profissional dos professores e do outro pessoal? Quais os principais problemas que existem? Quais as ações de formação que os professores procuram mais? Acha

mais importante a frequência de ações de formação no exterior ou as que se realizam ou poderiam realizar na escola, aqui na instituição?

O que pensa das greves dos professores? Como atua face a estas greves?

Tem professores de apoio para os alunos com NEE? Como funciona esse apoio?

Bloco 6: Espaço e Materiais

Pensa que os espaços interiores e exteriores e as salas são suficientes e adequados para os alunos e professores e o acolhimento aos pais e outros elementos da comunidade educativa?

O que gostaria de ter e de melhorar em relação aos espaços e materiais e recursos educativos?

Os espaços, materiais e recursos são suficientes e adequados para alunos com NEE? Por exemplo, acesso de cadeiras de rodas?

Bloco 7: Relações e Interações

Que tipo de relações procura estabelecer entre todos os professores e restante pessoal?

Existem reuniões periódicas formais e informais, partilha de informações?

Como vê o seu papel na promoção de um bom clima relacional?

Bloco 8: Igualdade de Oportunidades

Há uma preocupação na instituição em criar uma maior igualdade de oportunidades: étnicas, deficiência física e mental, língua, de género? Como faz para a pôr em prática?

Acha que a escola pode ser um meio de criar maior igualdade de oportunidades? Porquê? E Como?

Bloco 9: Participação dos Pais e da Comunidade

Os pais e encarregados de educação (EE) participam na vida da escola? Como é assegurada a participação dos pais e dos EE? Que formas de participação são desenvolvidas?

Que relações existem com outras instituições existentes na comunidade? Serviços de saúde, associações, etc.?

Que relações existem com os pais das crianças como NEE? E com outras instituições de apoio.

Bloco 10: Monitorização e Avaliação

Existe uma preocupação em melhorar as condições de aprendizagem dos alunos? E as condições de trabalho dos professores? Como avaliam a melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos?

Acha que se tivesse acesso a informação e apoio especializada para os alunos com NEE isso promoveria a qualidade da aprendizagem destes alunos?

Para terminar: Como Diretor desta instituição quais são neste momento as suas maiores preocupações face aos alunos, face aos professores e face aos pais?

Anexo 7: Guião da Entrevista aos Professores



Guião da Entrevista aos Professores

Bloco 1: Finalidades e Objetivos

Considera importante que as crianças e jovens andem na escola? Porquê?

Considera que esta escola dá resposta às necessidades dos alunos e dos pais? Quais são as suas principais preocupações a estes níveis?

Esta escola tem um projeto educativo? Se sim como foi elaborado? Quem participou na sua conceção e redação?

Quais são as suas principais preocupações como professor?

Tem a preocupação de integrar alunos com NEE? Quantos alunos com NEE existem na sua sala? O que faz para os incluir?

Bloco 2: Currículo/Experiências de Aprendizagem

O que acha que os alunos devem aprender na escola? E na sua disciplina?

Que tipo de atividades organiza para que os alunos aprendam?

Considera que as atividades que organizam dão resposta às necessidades dos alunos?

Tem algum método de ensino/estratégias de ensino que usa com os seus alunos?

Acha que consegue criar atividades para os alunos com NEE? Estes alunos facilitam ou prejudicam o trabalho com os outros alunos?

Bloco 3: Estratégias de Ensino e Aprendizagem

Quais são as atividades que os alunos realizam todos os dias na sala de aula? Pensa que estas atividades contribuem para a aprendizagem dos alunos?

Como analisa o trabalho dos seus colegas professores?

Como são organizados os alunos, as turmas, os grupos? E os horários?

Existe uma preocupação com a aprendizagem dos alunos? De verificar se todos os alunos estão a aprender?

Acha que os alunos com NEE estão bem integrados na turma e na escola?

Bloco 4: Planeamento, Avaliação e Registo

Como planeia e avalia a sua atividade como professor?

Como faz o registo do trabalho e dos progressos dos alunos?

Como avalia os conhecimentos dos alunos?

Como regista/avalia a evolução dos alunos com NEE?

Bloco 5: Professores/Pessoal

Qual é o seu horário de trabalho semanal, mensal e anual? Quantas horas trabalhas por semana? E quantos meses por ano?

Quantos alunos tem na sua sala?

Acha que existem professores suficientes aqui na escola para responder às necessidades dos alunos?

Tem preocupação em se atualizar, quer dizer, em fazer formação?

Qual é a sua opinião sobre as greves dos professores? Costuma participar? Porquê?

Existe professor de apoio aos alunos com NEE?

Bloco 6: Espaço e Materiais

Pensa que os espaços interiores e exteriores são suficientes e adequados aos alunos e aos professores?

Tem materiais suficientes para trabalhar com os alunos? Papel, lápis, canetas, manuais, livros?

Existem computadores na escola? E os alunos têm computador ou telemóvel com acesso à Internet?

Se sim, faz uso pedagógico dos mesmos? Como?

Os espaços e os materiais existentes respondem às necessidades dos alunos com NEE? Ex: Cadeiras de rodas?

Bloco 7: Relações e Interações

Como avalia as suas relações com a direção, com os colegas, com os alunos e com os pais?

O que faz para gerar um bom clima relacional na escola?

Bloco 8: Igualdade de Oportunidades

Tem a preocupação de gerar igualdade de oportunidades na sua sala de aulas? Étnica, de género, de língua, etc.? O que faz para isso?

Acha que a escola é um bom meio para gerar maior igualdade de oportunidades? Porquê? Como?

Bloco 9: Participação dos Pais e da Comunidade

Como vê a relação entre a escola e os pais/encarregados de educação? Tens alguma sugestão sobre isso?

Como faz para assegurar a participação dos pais e encarregados de educação? Que atividades desenvolve?

Que relação estabelece com outras instituições da comunidade? Ex: Associações, serviços, autarquia?

Como avalia as suas relações com os pais dos alunos com NEE?

Bloco 10: Monitorização e Avaliação

Tem uma preocupação com a qualidade do que os alunos aprendem aqui na escola, sobretudo nas suas aulas? O que acha que podia fazer para melhorar?

Como acha que se poderia avaliar de ano para ano se a escola está a melhorar ou não?

Não sei se deseja dizer algo mais.

Anexo 8: Guião da entrevista aos Pais



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Instituto de Educação

Guião da entrevista aos Pais

A entrevista deve durar cerca de 30 minutos. As questões devem ser adaptadas a cada entrevistado.
Devem ser tomadas notas durante a entrevista, podendo também ser gravada

Bloco 1: Finalidades e Objetivos

Porque colocou o seu filho/filha nesta escola?

Bloco 2: Currículo/Experiências de Aprendizagem

Sabe o que as crianças /jovens fazem aqui na escola?

Está satisfeito/a com a educação que é feita aqui na escola? O que considera mais importante?

Bloco 3: Estratégias de Ensino e Aprendizagem

O que acha que os alunos aprendem nesta escola?

Como pensa que os professores apoiam os alunos a aprender?

Qual a sua opinião sobre o papel dos professores?

Bloco 4: Planeamento, Avaliação e Registo

Sabe como os professores trabalham com os alunos e como fazem os registos e avaliam os alunos?

É pedido o seu apoio para esse trabalho? É informado sobre os progressos do seu filho?

Bloco 5: Professores /Pessoal

Acha que há professores suficientes para todos os alunos aqui nesta escola?

Acha que é importante os alunos terem professores formados?

O que pensa das greves dos professores?

Bloco 6: Espaço e Materiais

Considera os espaços da escola suficiente e adequado (salas, recreio)?

Pensa que os materiais existentes são suficientes (mesas, cadeiras, quadro, manuais, livros, etc.)

Bloco 7: Relações e Interações

O seu filho fala dos professores em casa? E dos colegas?

O que pensa das relações entre os professores e os alunos? Devem ser mais carinhosas ou mais autoritárias? Devem incluir castigos corporais? Se sim, Porquê?

Bloco 8: Igualdade de Oportunidades

Acha que todos os alunos são tratados da mesma maneira pelos professores? Todos os alunos participam/fazem as mesmas atividades na escola?

Pensa que as crianças diferentes e que têm dificuldades em aprender estão integradas na turma, na escola?

Bloco 9: Participação dos Pais e da Comunidade

Os professores comunicam com os pais sobre o que se passa na escola? Os pais são chamados a participar na vida da escola em algumas ocasiões?

Há reuniões de pais? Se sim, costuma ir? Que assuntos são tratados nessas reuniões?

Sabe se a escola tem relações com outros serviços que existem na comunidade?

Bloco 10: Monotorização e Avaliação

Acha que a escola em que anda o seu filho/a tem qualidade? Porquê?

Quer dizer mais alguma coisa?

Anexo 9: Guião da Entrevista aos Alunos



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Instituto de Educação

Guião da Entrevista aos Alunos

A entrevista deve durar entre 15 e 30 minutos. As questões devem ser adaptadas a cada entrevistado.

Devem ser tomadas notas durante a entrevista, podendo também ser gravada.

Bloco 1: Finalidades e Objetivos

Sabes porque é que frequentas a escola?

Para que que é que estás aqui?

Bloco 2: Currículo/Experiências de Aprendizagem

O que fazes aqui na escola no dia-a-dia? O que gostas mais de fazer, que atividades? Que disciplinas?

E o que gostas menos? Que atividades? Que disciplinas?

Bloco 3: Estratégias de Ensino e Aprendizagem

O que aprendes aqui na escola?

Costumas trabalhar sozinho ou com outros colegas?

Como sabes o que podes ou não podes fazer?

Bloco 4: Planeamento, Avaliação e Registo

Quando chegas de manhã às aulas sabes o que vais fazer? E a seguir?

Os professores costumam combinar o que vão fazer? E no final conversam sobre o que foi feito?

Combinam também o que fazer em casa, so trabalhos de casa?

Bloco 5: Professores /Pessoal

O que fazem os professores aqui na escola? Dão aulas? Fazem algo mais?

O que pensas das faltas e das greves dos professores?

Bloco 6: Espaço e Materiais

Quais as matérias que gostas mais aqui na escola? E as que gostas menos? Porquê?

Tens materiais e livros suficientes para estudar e fazer as atividades da escola?

Se pudesses o que mudavas aqui na escola?

Bloco 7: Relações e Interações

Quem conheces aqui na escola (Professores e pessoas da tua idade)?

Com quem gostas mais de estar para trabalhar e para brincar?

O que é que acontece quando alguém se porta mal?

E o que acontece quando alguém se porta bem?

Gostas de andar na escola?

Bloco 8: Igualdade de Oportunidades

Todos os alunos fazem as mesmas coisa? Ou há coisas que só fazem os alunos/rapazes e outras que só fazem as alunas/raparigas?

Consegues fazer sempre tudo e bem ou há atividades/disciplinas em que tens dificuldade?

Há alunos que precisam de mais ou de muita ajuda para fazer os trabalhos da escola?

Bloco 9: Participação dos Pais e da Comunidade

O teu pai/mãe vêm à escola? A pedido de quem?

Os teus pais sabem o que fazes na escola?

Bloco 10: Monitorização e Avaliação

Quando fazes algo muito bem o que acontece? E Quando fazes algo mal?

Queres contar-me alguma coisa sobre a tua escola que ainda não falamos?

Anexo 10: Transcrição da Entrevista com a Diretora da Instituição.

Transcrição da Entrevista

LEGENDA	
RPM	RUI PEDRO MENDES
AN	AN

Data da entrevista: **17/04/2020**

Local: **Escola São Paulo** (Buba, bairro São Paulo)

Duração da entrevista: **00:33:47ss**

Hora de início e término da entrevista: **11h42mn a 12h16mn**

Identificação do sujeito entrevistado: **Anita Nalete**

Tipo de entrevista: **Oral e presencial**

Ferramenta utilizada: **Guião e telemóvel** (para gravação de áudio)

ENTREVISTA AO DIRETOR DA INSTITUIÇÃO (transcrição)

RPM: Bom dia, senhora diretora. Primeiramente..., quero agradecer profundamente, como diretora da escola São Paulo::, por ter aceitado conceder-me..., esta entrevista, eh::, que é destinada ao desenvolvimento do..., projeto de..., de mestrado a ser desenvolvido através da Universidade de Lisboa, concretamente..., através do Instituto de Educação da mesma Universidade. Então..., antes de mais..., eh..., pedia que se identificasse...

AN: Bom dia::, professor Rui::, ((sorrisos, ambos)). Primeiramente também agradeço por essa oportunidade, e..., começo já..., a desejar-lhe bom trabalho..., ah, no estudo (...). Então::, chamo-me AN. Sou professora..., e diretora da escola São Paulo. Sou professora na escola pública..., dou aula de português ((sorrisos))..., e também aqui na escola São Paulo sou diretora..., e..., e..., pronto..., de modo geral é...

RPM: Então::, passo já de seguida a..., ah..., fazer as questões (...). Então, a primeira questão::, é o seguinte: Considera importante que as crianças..., ou jovens frequentem a escola?

AN: Sim, considero sim..., e..., se o país está assim como está, é porque..., ((sorrisos)), precisamos ainda mais..., de gente formada para poder, eh..., contribuir..., no desenvolvimento do país. Considero, sim. Acho que é..., é muito bom..., e..., lutar, e trabalhar, para que haja bom ensino (...), na nossa Guiné-Bissau.

RPM: E..., considera que as crianças::, ou que..., que esta instituição, dá resposta às necessidades dos alunos e dos pais?

AN: Acho que sim..., acho que sim. Desde que a escola começou..., eh, eh, tamos a ver o seu desenvolvimento, vimos que dá resposta..., à necessidade dos pais...

RPM: A instituição tem um projeto..., educativo? Se sim, como e por quem foi elaborado (...)?

AN: Sim, a escola, a instituição tem (...), tem um projeto educativo..., e foi elaborado por..., equipa de professores..., aqui da escola que fazem parte..., em que faz parte o nosso professor Rui. Que está a frente desse..., eh ((sorrisos))..., e elaborou um bom projeto, por acaso, para a escola. A escola tem (...). Graças a Deus...

RPM: Quais as principais linhas orientadoras do projeto educativo::, como são concretizadas na pratica?

AN: Hum..., as linhas orientadoras desse projeto::, de..., melhoramento de..., do sistema educativo, qualificar..., a qualificação dos professores (...). Formação dos professores, e..., a reciclagem..., e..., também os trabalhos..., que, os professores

fazem na escola, para tentar melhorar um pouco a escola (...). Também, com o trabalho coletivo com os alunos...

RPM: Existe a preocupação de integrar alunos com necessidades educativas especial..., e como é feita essa integração?

AN: Sim, existe. Sim, porque todos os anos..., eh..., digo, todos os anos porque..., ((sorrisos)), até mesmo este ano ((sorrisos)) temos..., ((sorrisos)) meninos com deficiência (...). Então..., a escola recebe com todo o carinho esses meninos, e tenta colaborar (...). Também..., os pais..., pedimos os pais para..., deles para colaborarem também na escola, e os professores..., e os alunos também..., mesmos os colegas de turma (...). Ajudam, colaboram, assim..., assim para ajudá-los também..., a sentirem que fazem parte do sistema..., educativo..., e são bem acolhidos na escola...

RPM: O que..., acha que os alunos devem aprender na escola?

AN: Então, por além dos..., os conteúdos..., programa..., programados, os alunos também devem ((sorrisos)) aprender a conviver (...). Porque, a convivência ((sorrisos)) social é muito, muito, muito importante, sim. No respeito uns aos outros..., também..., esse, essa proximidade, essa colaboração..., e..., trabalhando juntos..., e..., projetando que hoje são alunos, colegas de turma, mas amanhã poderão ser colegas de trabalho ((sorrisos))...

RPM: Que, que tipo de atividades (...), ou experiencias são proporcionadas aos alunos...?

AN: Ah..., os alunos na escola, fazem trabalho de..., de..., de limpeza de lixo, de preservação do ambiente..., de saberem que não devem..., estragar..., pronto, as árvores que estão plantados na escola, regar e..., e cuidar bem, ter salas limpas..., e...,

ter um ambiente saudável (...). Isso também..., são sensibilizados nesse aspeto para..., para cuidar do ambiente e..., é muito importante (...). Da escola e também da casa...

RPM: Considera que as atividades..., de..., desenvolvidas na escola, respondem as necessidades dos alunos? E facilitam a passagem para o ano seguinte da escolaridade?

AN: Sim..., acho que sim...

RPM: A instituição adota algum modelo::, método pedagógico específico..., por exemplo, método tradicional..., centrado no professor e expositivo, ou método centrado no aluno..., e em trabalhos de grupo? Ou, ainda, método misto..., expositivos, e trabalhos de grupo?

AN: Acho que..., o método misto, expositivo, que estamos a usar na escola..., porque, naturalmente este método é um método que ajuda..., a todos em..., ah..., a integrarem no..., no, processo de ensino. Há mais interação nesse..., nesse método (...). Por isso nós, aqui na escola, usamos esse método. Porque achamos que é muito importante, para nós e para os nossos meninos.

RPM: Achas que as atividades proporcionadas aos alunos são adequadas às crianças com necessidades educativas especiais? A integração destes alunos prejudica ou beneficia os trabalhos realizados com todos os alunos?

AN: Acho que a integração desses meninos beneficia ambas as partes (...). Para os meninos que têm..., deficiência, ou dificuldade, e também os outros que não têm (...), para saberem que..., devem..., todos fazem parte, devem colaborar, deve..., deve existir o respeito mútuo entre eles. Porque na escola..., quando uma criança é bem preparada nesse âmbito (...), também, amanhã, se tiver uma pessoa deficiente na..., na

família, conseguirá também interagir ((sorrisos)) com a..., com essa pessoa. Esse aspeto é..., é importante para nós (...).

RPM: Como são organizadas as turmas..., e os horários..., dos alunos e dos professores?

AN: Bom..., as turmas, é..., é..., são organizadas..., por níveis (...). Por exemplo, de manhã temos os do primeiro ano. Duas turmas do primeiro ano, duas do segundo, e..., na..., na parte da tarde temos duas turmas do..., do terceiro ano e duas do quarto ano. E também, ainda, da parte de manhã, duas turmas do quinto e duas turmas do sexto ano. Porque são divididas assim por níveis de escola, de escolaridade.

RPM: Quais são as disciplinas mais valorizadas na escola, e as menos valorizadas?

AN: ((Sorrisos)) acho que... ((sorrisos)), para mim..., não há uma disciplina mais valorizada..., e outra menos valorizada. Porque..., todas as disciplinas estão interligadas, estão interligadas (...). Então..., trabalhando..., nesse..., âmbito de cooperação e que..., acabam todos ((sorrisos))..., as disciplinas a serem valorizadas. Todos têm valor..., e..., ajudam no desenvolvimento..., pessoal, e de, desenvolvimento de..., de capacidade do menino, e também dos professores (...). Quando há esse..., essa interligação assim, essa dinâmica..., que facilita no trabalho (...). Mesmo não querendo..., isso ajuda sempre, ajuda sempre...

RPM: É dada..., a devida importância a aprendizagem..., da língua da escolarização..., nesse caso, o português?

AN: Por acaso sim..., na nossa escola sim (...). Apesar de algumas vezes..., podemos ouvir um miúdo a falar crioulo..., ou uma outra língua..., étnica, isso também não podemos rejeitar isso, porque aqui também temos..., temos, varias línguas étnicas. Mas

valorizamos dentro de escola os meninos falarem a língua portuguesa. Porque é a nossa língua oficial..., a nossa língua de escrita..., eh..., a língua de trabalho..., hum..., apesar que há meninos que quando voltam para casa, falam crioulo, mas isso não impede a escola também tomar sua medida..., ajudar os alunos a gostarem..., ((sorrisos)), gostarem da língua portuguesa..., ((sorrisos)) como língua de trabalho. ((sorrisos)).

RPM: Eh..., como vê o trabalho dos professores (...)? Como valorizas o trabalho dos professores?

AN: Então..., valorizo bem o trabalho dos professores, porque..., vendo a programação que fazem, planificações..., vejo que há um..., interesse, uma..., colaboração entre eles (...). Então, valorizo o trabalho que fazem..., nesse caso sinto mesmos que estão empenhados ah..., ah..., a trabalharem entre, entreajuda. Fazem bem o trabalho, sim...

RPM: E..., achas que as atividades, e as experiencias de ensino que são proporcionadas aos alunos..., são as mais adequadas?

AN: Sim, acho que sim. São, são, são adequados. Hum..., no limite, ou naquilo que..., que programamos, são adequadas. Atingem todos os alunos, sim.

RPM: Acha que existe uma preocupação com a aprendizagem de todos os alunos, de não deixar nenhum aluno ficar para traz?

AN: Sim, acho que sim, porque isso é importante para todos..., com a idade de..., de ir para escola..., a idade escolar (...). Isso é muito importante. Acho que sim. E vale mesmo a pena lutar para isso. Mesmo aqueles que estão ainda ((sorrisos))..., nas..., nas aldeias, como aqui dizem tabanca, que não frequentam..., é sensibilizar esses pais também, para mandarem os filhos para escola. Porque é muito importante ((sorrisos)).

RPM: Acha que os alunos com necessidade educativa especial estão integrados nas atividades das turmas?

AN: Sim, sim, acho que sim. Mesmo..., mesmo integrados nas atividades das turmas..., participam nos trabalhos do grupo..., assim são apoiados ((sorrisos)), ajudados pelos colegas. Isso é importante..., têm sempre palavra quando trabalham..., até demais, ((sorrisos)) as vezes ((sorrisos)). Acho que sim... ((sorrisos)).

RPM: Como é planeado, e avaliado o projeto educativo da instituição? Existe um plano anual (...)?

AN: Sim. Existe um plano anual..., depois..., eh, o plano trimestral..., também..., vejo que há plano semestral. Tem tudo..., têm todos os planos. Depois, através do anual, semestral, trimestral..., fazem um plano semanal e diário. Acho que sim..., na escola, por enquanto ainda temos..., esse hábito de fazer..., planificação.

RPM: Como é feito o planeamento e a avaliação em cada sala (...), cada professor? Quais são os critérios? Existe algum trabalho entre os professores e a direção?

AN: Sim, existe. Existe trabalhos de..., de..., de cooperação, trabalho de entreajuda entre os professores e a direção..., também com os alunos. Assim, para facilitar mesmo no trabalho (...). Quando os professores dão fichas de trabalho aos..., aos meninos já..., já percebem que há uma linha de..., de elaboração do trabalho (...).

RPM: Como é feita a sinalização, e o encaminhamento dos alunos com necessidades educativas especiais? Como é feito o registo e a avaliação da sua evolução?

AN: Através também da..., das fichas..., do trabalho que fazem..., e também de..., têm registos, aliás, dos trabalhinhos que fazem todos (...). Quando os outros, por exemplo..., alguns não conseguem fazer mesmo o trabalho que..., os outros normais

fazem..., mas têm fichas normais que, adequados à competência deles (...). E..., fazem, e são encaminhados bem..., entreajuda..., e são adaptadas as mesas..., como é que se diz..., mesas, ou carteiras que dão para eles (...). Temos um que tem os ((sorrisos)) dois braços..., ((sorrisos, ambos)) é o nosso grande amigo (Domingos), não tem os dois braços, mas temos carteira..., eh..., mesmo, assim adaptado que..., ajuda-o a poder estar em boa posição, por causa da..., da coluna (...). Os outros que têm problema de..., de vista..., tentamos sempre pôr à frente..., o professor a acompanhar..., a ver se estão a escrever bem..., é assim (...), há, há essa ajuda (...).

RPM: Quantos professores, e outros pessoais existem na instituição? Como são contratados, quem contrata e com que critérios?

AN: Eh..., os professores::, são..., vinte e sete. Os professores são vinte e seis, e são contratados. E, a escola, como é privada, contrata..., os professores e os trabalhadores (...). É assim (...).

RPM: Qual é o horário, e como é feita a distribuição dos professores e outros pessoais?

AN: É..., através dos horários (...). Por exemplo, os do primeiro ciclo..., quem trabalha de manhã com os do primeiro ano, e do segundo ano é de manhã, e os da tarde..., quem trabalha com os do terceiro e quarto ano é..., à tarde. E..., os do ciclo, do segundo ciclo, quinto e sexto ano é de manhã..., professor de português, de matemática, ciências..., é assim por aí (...).

RPM: Acha que é suficiente o número de professores, e de outros pessoais..., para as necessidades? Há estabilidade do corpo docente? Que problemas encontras com a falta de estabilidade do corpo docente?

AN: Hem..., acho, por enquanto, ainda temos..., um número suficiente dos professores e dos trabalhadores da escola. Então..., os problemas encontrados ali é mais..., eh..., posso dizer, eh..., ter mais ajuda (...), dos materiais (...), ajuda..., externa, que não é só da..., escola, assim para ter mais alguns materiais, assim, para os trabalhos (...).

RPM: Como promove o desenvolvimento profissional dos professores, e dos outros pessoais? Quais os principais problemas que existem, quais as ações de formação e que..., o que é que os professores procuram mais? Acha mais importante a frequência de ações de formação no exterior, ou as que se realizam, ou poderiam realizar na escola, aqui na instituição?

AN: Acho mais aqui..., aqui na escola. Na instituição, nessa escola..., ou..., se houver a nível da Diocese, a nível nacional, a formação local (...). Acho que é muito importante, porque depois, recebendo a formação, reciclagem, depois trabalha no, num ambiente onde estão..., estão mais..., adaptam à realidade que..., em que estão. Recebendo fora..., eh..., isso também é bom ((sorrisos)), mas depois..., ((sorrisos)) quem, quem receber essa formação tem também que vir adaptar a novos métodos..., adaptar aí à realidade para poder trabalhar (...). ((Sorrisos)).

RPM: O que pensa das greves dos professores? Como atua face a estas greves?

AN: Para mim..., acho que..., a greve é um..., é um direito (...). Mas aquele também da nossa Guiné ((sorrisos))..., é demais ((sorrisos)). Então..., prejudica (...). Prejudica bastante o sistema educativo. Prejudica os meninos, mesmo aqueles que..., fazem aqui o décimo segundo ano, para concorrer com as outras escolas..., mesmo aqui na sub-região..., tornam um pouco mais..., fraquinhos, não é (...). Mas não..., não é por culpa mesmo deles, mas é..., a culpa é..., todo o sistema (...). Por causa das greves recebem

poucas matérias, e não conseguem..., eh, e ficam sempre com lacunas, nê. Não conseguem captar tudo para poderem enfrentar também os outros (...).

RPM: Pensa que os espaços interiores e exteriores, e as salas, são suficientes e adequados para os alunos e professores, e o acolhimento aos pais e outros elementos da comunidade educativa?

AN: Acho que sim. Temos a escola São Paulo, podemos agradecer a Deus que temos um..., um espaço enorme que dá para acolher..., temos árvores, cajueiro, temos muitas árvores ((sorrisos)) que dão ((sorrisos)), que dão mesmo para..., que convida a pessoa para entrar e respirar um ar..., assim, da natureza, não é ((sorrisos)). Por enquanto ainda temos..., temos espaço.

RPM: O que gostaria de ter..., e de melhorar em relação aos espaços, materiais e recursos educativos?

AN: É..., para mim, até este ponto, gostaria de ter ..., um salão polivalente, com..., para ajudar quando houver, assim, alguma festa, por exemplo, do dia da criança. Para ter as crianças todas dentro do salão, dentro do espaço para poder as atividades (...). Mas, eh..., é este o meu sonho desde o início..., embora ((sorrisos)) não..., não conseguimos ((sorrisos))..., é bom sonhar, mas..., não consegui realizar ainda esse sonho (...). Acho, também, que é o sonho dos professores, para termos um salão polivalente na escola.

RPM: Os espaços, materiais, e recursos são suficientes e adequados para os alunos com necessidades educativas especiais? Por exemplo, acesso de cadeiras de rodas?

AN: Sim, acho que sim, acho que sim. Há acesso para...

RPM: Que tipos de relações procuras estabelecer entre os professores e o restante pessoal?

AN: Procuramos sempre..., sempre estabelecer um..., uma relação de amizade, uma relação de interajuda, hum. Para podermos ter uma boa convivência entre..., entre nós, entre os trabalhadores. Isso também acaba por ajudar os pais a sentirem também..., que fazem parte da..., parte da escola. E os miúdos..., realmente na escola São Paulo estamos a ver que..., eh, como que posso dizer, os professores têm esse..., como é que se diz (...). Esse..., eh..., sentido de..., de colaboração. De relação boa e de..., de relação de amizade.

RPM: Existem reuniões periódicas, formais, partilhas de informações...?

AN: Sim, sim, sim. Existe, existe essas reuniões periódicas. E..., isso também ajuda muito em perceber quando há alguma coisa..., quando há trabalho..., quando há..., para poder resolver..., sim, sim, existe...

RPM: Como vê o seu papel na promoção de um bom clima relacional?

AN: Hum..., bom, ((sorrisos)) primeiro, como diretora da escola..., eh..., tenho que, primeiro, ter que..., bô, esse sentido de ter..., de saber relacionar bem com, com todos..., de criar esse ambiente positivo. Para facilitar o convívio normal, na base de respeito, entre os professores e comigo também.

RPM: Há uma preocupação na instituição em criar uma maior igualdade de oportunidades? Por exemplo, étnica, de deficiência física e mental, de língua, de género. Como faz para..., para a pôr em prática?

AN: Sim, há. Para pôr isso em prática tentamos todos a ver se há uma boa colaboração entre todos os professores e todo o pessoal de serviço da escola. Para pôr isso em prática...

RPM: Acha que a escola pode ser um meio de criar maior igualdade de oportunidades...? Porquê, e como?

AN: Sim, acho que sim. Porque na escola a pessoa aprende..., para..., para poder, depois de aprender, tem de pôr na pratica ((sorrisos)) aquilo que aprendeu, não é..., ((sorrisos)). Isso também faz parte..., é..., é um meio para isso. É um meio que..., ajuda..., assim. Para a pessoa aprender, para depois pôr na prática. Para ajudar os outros..., mesmo não só da escola, mas também da comunidade. Dentro da escola e fora da..., da escola, sim.

RPM: Os pais e encarregados de educação participam na vida da escola? Como é assegurada a participação dos pais e encarregados de educação, e que formas de participação são desenvolvidas?

AN: Sim, eles participam, e são asseguradas através..., através das reuniões..., reuniões trimestrais..., depois, se houver mais situação urgente, para chamar os pais, aparecem logo na escola para responder. Assim participam, através das reuniões...

RPM: Que relações existem com outras instituições da comunidade, serviços de saúde, associações, etc.?

AN: Acho que a relação de..., de colaboração (...). Entre eles e a escola, entre outros, quando há sensibilização na área de saúde pedem a escola, não é..., para poderem..., realizar os encontros (...). Os jovens pedem espaço na escola para poderem..., para

realizarem os encontros (...). E..., acho que há uma relação de interajuda e de colaboração...

RPM: Que relações existem com os pais das crianças com necessidades educativas especiais, e com outras instituições de apoio?

AN: Com os pais de..., dessas crianças temos também uma, uma boa relação (...), que é da participação na escola, e..., da relação de interajuda (...). Também..., posso dizer..., também essa relação de amizade ((sorrisos)), já passam a ter ((sorrisos))..., mais amizade na escola, porque são chamados sempre a virem..., há..., a levarem alguns trabalhos também para casa, para poderem apoiar os meninos..., os filhos deles em casa..., uma palavrinha, de respeito (...). Isso também já consola os pais..., ((sorrisos)) e também, para nós..., ((sorrisos)).

RPM: Existe alguma preocupação em melhorar a aprendizagem dos alunos, e as condições de trabalho dos professores? Como avaliam a melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos?

AN: Hem..., através dos trabalhos que eles fazem (...). Mas existe também essa..., essa vontade mesmo de melhorar..., melhorando..., também as coisas não vão ficar parados..., tentamos sempre..., sempre mudanças..., programas novos (...). Assim temos que acompanhar também com a evolução..., para tentar melhorar o sistema de avaliação e do ensino.

RPM: Acha que, se tivesse acesso a informação e apoio especializado para os alunos com necessidade educativa especial, isso promoveria a melhoria da aprendizagem destes alunos?

AN: Sim ((sorrisos)), acho que sim...

RPM: E, para terminar, como diretora desta instituição, quais são neste momento as suas maiores preocupações face aos alunos, face aos professores e face aos pais..., ((sorri)) tendo em conta também essa situação atual que estamos a viver, aliás, que o mundo inteiro está a viver de..., de..., de COVID-19, essa..., doença de Coronavírus, até já obrigou quase todos os países a ficarem parados, sobretudo, e em particular as escolas?

AN: Acho que..., como responsável da escola, devo ter esse espírito de..., de ser uma facilitadora da relação (...), de uma boa vivência, no espírito de interajuda, de cooperação, de respeito..., de ser sincera para com todos os alunos..., os professores..., e os pais. Também para os alunos (...), acho que..., a minha preocupação é melhorar..., o sistema de aprendizagem de..., dos alunos..., para, para::, sim, a terem mais outras condições, para gostarem mais da escola, para trabalharem mais no sentido de aprender para o futuro deles. Para os professores, acho que também é para terem uma::, como já fazem..., mas..., não é demais sempre terem reciclagem, reciclagem, isso ajuda muito (...). Para os pais..., incentivá-los a..., à maior participação dos pais na escola..., fazê-los perceber que a relação entre a escola e a família..., complementa-se. Saber..., saber também acolher os pais na escola (...). Se chegam a escola..., se gostam de participar na escola..., é porque sentem-se que fazem parte da escola. São bem acolhidos, esse espírito de acolhimento também..., acho que é..., é, é muito importante. E..., para poder fazer os pais sentirem..., que fazem parte do sistema, do sistema educativo. E..., face ao problema do mundo, COVID-19, e..., nesse período..., acho que... ((sorrisos)), o mundo parou praticamente (...). E..., ((sorrisos)) nós também aqui..., ((sorrisos)) tudo tá, tá parado, não é..., ((sorrisos)) não temos aulas..., pronto, mas, e..., tamos a tentar também em..., em ajudar na sensibilização de..., de pôr água, a água e sabão no

portão da escola..., e..., mesmo não havendo escola, mas de vez em quando passa alguém ((sorrisos))..., então, para lavar as mãos..., temos os cartazes colados aí, de sensibilização para quem passa (...). Pode ser um pai, e..., também..., estamos a tentar ajudar nesse, nesse aspeto..., comprando lixívia, colocando assim para..., para..., assim, pronto (...). Esse é um inimigo comum, todos nós devemos preocupar (...). Também sensibilizar os pais de terem as crianças sempre em casa, não estarem sempre a andar de um lado para outro. Também..., de estudarem, não temos meios como noutros países de europa..., também como outros países de África que têm condições..., de terem as aulas através de televisão, ou através de internet..., aqui não temos isso, por há zonas..., o pais que não têm mesmo computador (...). Há escolas que nem têm luz elétrica ((sorrisos)), há casas que nem têm também eletricidade ((sorrisos)), e..., como é que vamos atingir esse patamar (...). Isso também nos dói muito, muito, muito. É muita pena..., acompanhando a situação..., a evolução ((sorrisos)) a pessoa também triste, um pouco triste com isso. Então..., não sabemos, não sabemos o que fazer (...). Vamos limitar em ajudar as pessoas assim..., mas faz pena..., porque as crianças estão em casa (...). Quando os pais ligam tentamos dizer assim, olha, é sempre pôr os miúdos a estudarem..., a lerem alguma coisa em casa, também incentivar à leitura que é..., positivo também. Assim..., pronto, vamos colaborar todos..., porque é para o bem de todos.

RPM: Então, sendo assim, terminamos aqui (...). Mais uma vez, agradeço profundamente por teres aceitado conceder-me essa entrevista. Então, muito obrigado ((sorri)).

AN: Obrigado, obrigado..., ((sorrisos)).

Análise de Conteúdo

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo
<ul style="list-style-type: none"> Finalidades e Objetivos da escola e da educação (B-1) Currículo/Experiências de aprendizagem (B-2) Estratégias de Ensino e Aprendizagem (B-3) Planeamento, Avaliação e Registo (B-4) Professores/Pessoal (B-5) Espaço e Materiais (B-6) Relações e Interações (B-7) Igualdade de Oportunidades (B-8) Participação dos pais e da comunidade (B-9) Monotorização e Avaliação (B-10) 	<ul style="list-style-type: none"> vimos que dá resposta..., à necessidade dos pais...(B-1) Sim, a escola, a instituição tem (...), tem um projeto educativo..., e foi elaborado por..., equipa de professores ... (B-1) Sim, existe. Sim, porque todos os anos..., eh..., digo, todos os anos porque..., ((sorrisos)), até mesmo este ano ((sorrisos)) temos..., ((sorrisos)) meninos com deficiência (...). Então..., a escola recebe com todo o carinho esses meninos, e tenta colaborar 	<ul style="list-style-type: none"> Sim, considero sim..., e..., se o país está assim como está, é porque..., ((sorrisos)), precisamos ainda mais..., de gente formada para poder, eh..., contribuir..., no desenvolvimento do país. Considero, sim. Acho que é..., é muito bom..., e..., lutar, e trabalhar, para que haja bom ensino (...), na nossa Guiné-Bissau. (B-1) melhoramento de..., do sistema educativo, qualificar..., a qualificação dos professores (...). Formação dos professores, e..., a reciclagem..., e..., também os trabalhos..., que, os professores fazem na

	<p>(...).</p> <p>Também..., os pais..., pedimos os pais para..., deles para colaborar e também na escola, e os professores ..., e os alunos também..., mesmos os colegas de turma (...). Ajudam, colaboram, assim..., assim para ajudá-los também..., a sentirem que fazem parte do sistema..., educativo..., e são bem acolhidos na escola...(B-1)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ah..., os alunos na escola, fazem trabalho de..., de..., de limpeza de lixo, de preservação do ambiente... ▪ ((Sorrisos)) acho que... ((sorrisos)), para mim..., não há uma disciplina 	<p>escola, para tentar melhorar um pouco a escola (...).</p> <p>Também, com o trabalho coletivo com os alunos...(B-1)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Então, por além dos..., os conteúdos..., programa..., programados, os alunos também devem ((sorrisos)) aprender a conviver (...). Porque, a convivência ((sorrisos)) social é muito, muito, muito importante, sim. No respeito uns aos outros..., também..., esse, essa proximidade, essa colaboração ..., e..., trabalhando juntos..., e..., projetando que hoje são alunos, colegas de turma, mas amanhã poderão ser colegas de trabalho
--	---	--

	<p>mais valorizada ... e outra menos valorizada. Porque..., todas as disciplinas estão interligadas, estão interligadas (...). Então..., trabalhando ..., nesse..., âmbito de cooperação e que..., acabam todos ((sorrisos)) ..., as disciplinas a serem valorizadas. (B-3)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Por acaso sim..., na nossa escola sim (...). Apesar de algumas vezes..., podemos ouvir um miúdo a falar crioulo..., ou uma outra língua..., étnica, isso também não podemos rejeitar isso, porque aqui também 	<p>((sorrisos))... (B-2)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Acho que..., o método misto, expositivo, que estamos a usar na escola..., porque, naturalmente este método é um método que ajuda..., a todos em..., ah..., a integrarem no..., no, processo de ensino. Há mais interação nesse..., nesse método (...).(B-2) ▪ Acho que a integração desses meninos beneficia ambas as partes (...). Para os meninos que têm..., deficiência, ou dificuldade, e também os outros que não têm (...), para saberem que..., devem..., todos fazem parte, devem colaborar, deve..., deve existir o respeito mútuo entre
--	---	--

	<p>temos..., temos, varias línguas étnicas. Mas valorizamos dentro de escola os meninos falarem a língua portuguesa. Porque é a nossa língua oficial..., a nossa língua de escrita..., eh..., a língua de trabalho..., hum..., apesar que há meninos que quando voltam para casa, falam crioulo, mas isso não impede a escola também tomar sua medida..., ajudar os alunos a gostarem...</p> <p>, ((sorrisos)), gostarem da língua portuguesa ..., ((sorrisos)) como língua de trabalho. ((sorrisos)). (B-3)</p>	<p>eles. Porque na escola..., quando uma criança é bem preparada nesse âmbito (...), também, amanhã, se tiver uma pessoa deficiente na..., na família, conseguirá também interagir ((sorrisos)) com a..., com essa pessoa. Esse aspeto é..., é importante para nós (...).(B-2)</p> <p>▪ Sim, existe. Existe trabalhos de..., de..., de cooperação, trabalho de entreajuda entre os professores e a direção..., também com os alunos. Assim, para facilitar mesmo no trabalho (...). Quando os professores dão fichas de trabalho aos..., aos meninos já..., já percebem que há uma linha de..., de elaboração do</p>
--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ valorizo bem o trabalho dos professores, porque..., vendo a programação que fazem, planificações..., vejo que há um..., interesse, uma..., colaboração entre eles (...). (B-3) ▪ Sim, sim, acho que sim. Mesmo..., mesmo integrados nas atividades das turmas..., participam nos trabalhos do grupo..., assim são apoiados ((sorrisos)), ajudados pelos colegas. Isso é importante ..., têm sempre palavra quando trabalham ..., até demais, ((sorrisos)) as vezes ((sorrisos)). 	<p>trabalho (...).(B-4)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sim. Existe um plano anual..., depois..., eh, o plano trimestral..., também..., vejo que há plano semestral. Tem tudo..., têm todos os planos. Depois, através do anual, semestral, trimestral..., fazem um plano semanal e diário. Acho que sim..., na escola, por enquanto ainda temos..., esse hábito de fazer..., planificação. (B-4) ▪ Acho mais aqui..., aqui na escola. Na instituição, nessa escola..., ou..., se houver a nível da Diocese, a nível nacional, a formação local (...). Acho que é muito importante, porque
--	---	---

	<p>(B-3)</p> <ul style="list-style-type: none"> os professores: ;, são..., vinte e seis. Os professores são vinte e seis, e são contratados. E, a escola, como é privada, contrata..., os professores e os trabalhadores (...). É assim (...).(B-5) Hem..., acho, por enquanto, ainda temos..., um número suficiente dos professores e dos trabalhadores da escola. Então..., os problemas encontrados ali é mais..., eh..., posso dizer, eh..., ter mais ajuda (...), dos materiais (...), ajuda..., externa, que não é só da..., escola, 	<p>depois, recebendo a formação, reciclagem, depois trabalha no, num ambiente onde estão..., estão mais..., adaptam à realidade que..., em que estão. Recebendo fora..., eh..., isso também é bom ((sorrisos)), mas depois..., ((sorrisos)) quem, quem receber essa formação tem também que vir adaptar a novos métodos..., adaptar aí à realidade para poder trabalhar (...). ((Sorrisos)). (B-5)</p> <ul style="list-style-type: none"> Acho que sim. Temos a escola São Paulo, podemos agradecer a Deus que temos um..., um espaço enorme que dá para acolher..., temos arvores, cajueiro, temos muitas
--	--	---

	<p>assim para ter mais alguns materiais, assim, para os trabalhos (...).(B-5)</p> <p>▪ Para mim..., acho que..., a greve é um..., é um direito (...). Mas aquele também da nossa Guiné ((sorrisos)) ..., é demais ((sorrisos)). Então..., prejudica (...). Prejudica bastante o sistema educativo. Prejudica os meninos, mesmo aqueles que..., fazem aqui o décimo segundo ano, para concorrer com as outras escolas..., mesmo aqui na sub-região..., tornam um pouco mais..., fraquinhos, não é (...). Mas não..., não é por</p>	<p>árvores ((sorrisos)) que dão ((sorrisos)), que dão mesmo para..., que convida a pessoa para entrar e respirar um ar..., assim, da natureza, não é ((sorrisos)). Por enquanto ainda temos..., temos espaço. (B-6)</p> <p>▪ Sim, sim, sim. Existe, existe essas reuniões periódicas. E..., isso também ajuda muito em perceber quando há alguma coisa..., quando há trabalho..., quando há..., para poder resolver..., sim, sim, existe... (B-7)</p> <p>▪ Sim, acho que sim. Porque na escola a pessoa aprende..., para..., para poder, depois de aprender, tem de pôr na prática ((sorrisos))</p>
--	---	---

	<p>culpa mesmo deles, mas é..., a culpa é..., todo o sistema (...). Por causa das greves recebem poucas matérias, e não conseguem ..., eh, e ficam sempre com lacunas, nê. Não conseguem captar tudo para poderem enfrentar também os outros (...).(B-10)</p> <p>▪ É..., para mim, até este ponto, gostaria de ter ..., um salão polivalente, com..., para ajudar quando houver, assim, alguma festa, por exemplo, do dia da criança. Para ter as crianças todas dentro do salão, dentro do espaço para</p>	<p>aquilo que aprendeu, não é..., ((sorrisos)). (B-8)</p> <p>▪ Sim, eles participam, e são asseguradas através..., através das reuniões..., reuniões trimestrais..., depois, se houver mais situação urgente, para chamar os pais, aparecem logo na escola para responder. Assim participam, através das reuniões...(B-9)</p> <p>▪ Acho que a relação de..., de colaboração (...). Entre eles e a escola, entre outros, quando há sensibilização na área de saúde pedem a escola, não é..., para poderem..., realizar os encontros (...). Os jovens pedem espaço na escola para poderem...,</p>
--	---	---

	<p>poder as atividades (...). Mas, eh..., é este o meu sonho desde o início..., embora ((sorrisos)) não..., não conseguimos ((sorrisos)) ..., é bom sonhar, mas..., não consegui realizar ainda esse sonho (...). Acho, também, que é o sonho dos professores, para termos um salão polivalente na escola. (B-6)</p>	<p>para realizarem os encontros (...). E..., acho que há uma relação de interajuda e de colaboração ... (B-9)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Com os pais de..., dessas crianças temos também uma, uma boa relação (...), que é da participação na escola, e..., da relação de interajuda (...). Também..., posso dizer..., também essa relação de amizade ((sorrisos)), já passam a ter ((sorrisos))..., mais amizade na escola, porque são chamados sempre a virem..., há..., a levarem alguns trabalhos também para casa, para poderem apoiar os meninos..., os filhos deles em casa..., uma
--	--	---

		<p>palavrinha, de respeito (...). Isso também já consola os pais..., ((sorrisos)) e também, para nós..., ((sorrisos)). (B-9)</p> <p>▪ Sim ((sorrisos)), acho que sim... (apoios, informações, formações para trabalhar com crianças com NEE) (B-10)</p>
--	--	---

Anexo 11: Transcrição de Entrevista com o Professor

Transcrição da Entrevista

LEGENDA	
RPM	RUI PEDRO MENDES
CC	CC

Data da entrevista: **31/03/2020**

Local: **Escola São Paulo** (Buba, bairro São Paulo)

Duração da entrevista: **00:30:34ss**

Hora de início e término da entrevista: **09h37mn a 10h07mn**

Identificação do sujeito entrevistado: **Cesaltino da Costa**

Tipo de entrevista: **Oral e presencial**

Ferramenta utilizada: **Guião e telemóvel** (para gravação de áudio)

ENTREVISTA AO PROFESSOR (transcrição)

RPM: Sim, bom dia professor, antes de mais..., agradeço por teres aceitado conceder-me essa entrevista relacionada com o projeto de pesquisa para o curso de mestrado, a ser desenvolvido para a Universidade de Lisboa. E, primeiro também, pedia que se identificasse.

CC: Sim, chamo-me professor CC, sou professor de São Paulo já há vinte anos de serviço, vinte e seis anos de serviço. Hum, espero que vou dar alguns pontos sobre a entrevista, porque acho que é importante. Hum... (interrompi-o).

RPM: Então. Sendo assim, hum, muito obrigado mais uma vez. Vou passar, ah, ah, a fazer as, ah, ah, as questões. Então, a primeira questão, que gostava de te colocar é o seguinte: eh, o senhor considera importante que as crianças e jovens andem na escola, e por quê?

CC: Sim, é importante, porque todas as crianças têm direito de ir a escola. É muito importante. Como aqui na Guiné, é muito importante, como em toda a parte do mundo.

Porque todas as crianças têm a necessidade, quando nascem, crescem, têm direito de ir a escola. Porque necessitam também de aprender, como..., as outras pessoas...

RPM: Eh..., considera que esta escola dá resposta às necessidades dos alunos e dos pais?

CC: Sim, dá resposta. No final do ano dá resposta, porque, através do aproveitamento do aluno é que..., eh, eh, que a escola acha que dá resposta, no final do ano. Dá resposta.

RPM: Eh, quais são as suas principais preocupações a estes níveis?

CC: A nossa grande preocupação. É que a escola, praticamente, está com falta de materiais, (...), que pode, que pode dar, por exemplo, a maneira de trabalhar com os alunos. Porque é na..., é importante quando o professor tem materiais, é importante, quando..., digamos assim, quando tem os recursos que ajuda os professores nos seus trabalhos.

RPM: Esta escola tem um projeto educativo?

CC: Eh, eh, posso dizer que não, só que, aquele projeto, como dizem..., aquele vosso projeto. Que é do, Como? (interrompi).

RPM: Iniciamos, mas ainda..., não tem fim..., (interrompeu-me).

CC: Fim..., não é?

RPM: Sim.

RPM: E..., quais são as suas principais preocupações, como professor?

CC: A minha principal..., eh, eh, principal preocupação que eu tenho, é que..., a escola, como eu como professor, a escola deve ter materiais que podem ajudar o professor no

desenvolvimento da sua aula. E, que a escola não tem materiais, não tem materiais completos, por isso que..., eh, não podemos fazer nada. E fazemos aquilo que nós podemos..., porque tudo aquilo que nós podemos, fazemos..., como é que se diz...? Os manuais que nós temos na escola, eh, eh, é, são a partir daí que nós conseguimos trabalhar..., com esses manuais.

RPM: Tem a preocupação de interagir..., de integrar alunos com NEE?

CC: Como, não estou a perceber...

RPM: Se tem a preocupação de integrar..., de integrar na sua turma, alunos com NEE, que têm dificuldades em aprender..., tipo surdos e mudos.

CC: Tem, tenho. Tenho.

RPM: Quantos alunos com NEE tens na sua sala?

CC: Bom, na minha sala quase não há, só um aluno que, talvez com a vista. Eh, eh, que, por exemplo, com o ouvido. Tenho um aluno...

RPM: Eh, o que tens feito para incluir esse aluno, por exemplo, que tem dificuldade de vista?

CC: Aproximo, eu aproximo esse aluno perto de mim, para lhe ajudar, e..., e não fica afastado, aproxima perto do professor, e o livro também está sempre perto dele. Eh, para fazer um trabalho no quadro, para fazer um trabalho no quadro, ele deve aproximar perto do quadro para poder escrever. Assim é que faço para ajudar esse aluno.

RPM: O que acha que os alunos devem aprender na escola, e nas disciplinas que..., por exemplo, ensinas?

CC: Eu acho que, em cada disciplina, os alunos devem aprender aquilo que o professor transmite. Eh, eh, se nós dentro da turma entendemos que, que se o alunos não está a aprender nada, o professor é obrigado de repetir a sua aula. Pode ser de três ou quatro dias, para que esse aluno possa entender o que não entendeu. Ou mandar o aluno ao quadro para ver se ele aprendeu, aquilo que o professor transmitiu, ou não. Por exemplo na matemática, matemática o aluno deve ir ao quadro para ver se ele aprendeu aquilo que o professor explicou, ou não aprendeu. Na escrita também, ortografia que nós aplicamos sempre, para ver aqueles que têm boas letras e aqueles que não têm boas letras. Ali é que nós descobrimos aqueles que escrevem bem e aqueles que escrevem mal.

RPM: Que tipo de atividades organiza, para que os alunos aprendam?

CC: Atividades dentro da turma? As vezes, nós fazemos trabalho de grupo, dividimos em grupo dentro da turma, e arranjamos um secretário dentro da turma para poder escrever aquilo que os colegas..., falam, discutem dentro da turma. Agrupamos em grupo, para fazer esse trabalho. Depois, apresentam o resultado e..., corrigimos, dentro..., através do quadro. Eh, eh, cada grupo, o secretario é que escreve, no, no, seu grupo e cada qual a tentar falar e o professor corrigi. O professor corrige os erros...

RPM: Eh, consideras que as atividades que organizam, tem algum método..., estratégia de ensino que usa com os alunos, de modo específico?

CC: Como..., não estou a perceber qual é a pergunta...

RPM: Se tem um método de ensino, ou estratégia em concreto que usa com os alunos.

CC: Tenho, hum..., algum método que eu tenho sempre..., é que preparo sempre através do plano, plano diário, eu organizo sempre antes de começar a dar aula, eu tenho

que organizar o meu plano antes, preparar um plano de aula, e depois é dentro desse plano que começo a executar a minha aula.

RPM: Eh, como já falamos atrás sobre alunos, por exemplo, com dificuldades educativas..., com NEE. Estes alunos facilitam ou prejudicam os trabalhos com outros alunos em condições normais?

CC: Então..., eu posso dizer que..., não pode prejudicar, isso depende..., de como é que o professor deve trabalhar. Depende do professor. Para facilitar àqueles que não percebem, é através do professor, o professor é que tenta fazer para que aqueles que não..., que não percebam, para lhes facilitar também a entender aquilo que é melhor como os outros.

RPM: Quais são as atividades que os alunos realizam todos os dias na sala de aula?

CC: Atividades que eles realizam..., se, se é..., se atividade de, como eu posso dizer, nos últimos tempos dentro da turma, sempre trabalhamos, às vezes através de desenhos, apenas não temos cartazes dentro da turma, se nós tivéssemos cartazes dentro da turma seria bom..., seria fácil. Se temos cartazes dentro da turma, ou dentro da escola. Por isso, o trabalho que nós fazemos sempre é de desenho nos seus cadernos e depois fazemos também desenhos no quadro, para facilitar aqueles que não sabem fazer desenho.

RPM: E pensas que estas atividades contribuem para a aprendizagem dos alunos?

CC: Penso, penso que aprendem, contribuem. Porque aqueles que não sabem fazer desenho, aqueles que não sabem fazer o trabalho, se forem, por exemplo, se um for fazer demonstração, então aqueles que ficaram sentados vão aprender através disso, a fazer desenho, para poder facilitar aqueles que não aprendem.

RPM: E, como analisa o trabalho dos teus colegas professores?

CC: Hum, o trabalho hum..., eu analiso o trabalho dos meus colegas através das dificuldades, alguns às vezes sentem dificuldades, como nós aqui, na nossa escola não costumamos fazer comissão de estudos, organizar aquele que se diz comissão de estudo, os professores costumam reunir no sábado, às vezes alguns têm dúvidas, como na classe que trabalho, às vezes, alguns têm duvidas mas não apresentam. Só quando, eu começo..., quando passo numa sala é que pedem-me para explicar, para dar resposta, para lhes ajudar, como é que podemos trabalhar numa área..., por exemplo, matemática, não percebem, por isso que eu passo dentro da sala para facilitar, mas alguns não..., por exemplo, caso da redução, reduzir os números, não..., alguns não compreendem por isso, passo nas outras..., turmas, turmas mais próximo de mim, para eu poder facilitar eles..., de entender como é que se faz.

RPM: Como é que são organizados os alunos..., as turmas, os grupos e os horários também?

CC: Hum..., o nosso horário sempre, antes, a diretora entrega-nos o horário, de cada turma, nós organizamos a turma através de, de, como é que se diz..., aqueles mais altos ficam por traz e aqueles mais baixos ficam à frente, os menores ficam para frente e os mais crescidos ficam para atrás e os mais pequenos a frente, para dar facilidade ao quadro, ah..., quando passamos trabalho no quadro aqueles que estão mais crescidos ficam atrás para dar facilidade de copiar aquilo que está no quadro.

RPM: Existe uma preocupação com a aprendizagem, dos alunos, quer dizer, de verificar se todos os alunos estão a aprender?

CC: Existe. Principalmente na matemática. Alguns aprendem facilmente, alguns têm dificuldade, mas àqueles que têm dificuldade passamos sempre passamos trabalho, hum..., quando estamos no momento de saída, no último tempo, passamos trabalho de grupo, um trabalho, por exemplo, de casa, um TPC, damos, damos sempre TPC, para poderem fazer matemática em casa. Se não compreenderam, quando trouxerem esse exercício noutro dia, eh..., mandamos sempre um a um ao quadro para ver se aprenderam. Alí é que nós descobrimos aqueles que aprenderam e aqueles que não aprenderam nada, é assim mesmo...

RPM: Como planeia e avalia a sua atividade como professor?

CC: Hum..., cada atividade..., na cada trabalho que eu faço, durante uma semana, eu avalio, avalio esse aluno para ver se aprenderam aquilo que nós fizemos durante uma semana. Se não aprenderam nada eu continuo, continuo a fazer o trabalho através do meu plano. Se o plano não foi cumprido, eu continuo a trabalhar até quando aprenderam aquilo que nós planificamos, e mudamos para um outro...

RPM: Mas fazes avaliação da tua própria pessoa, enquanto professor, se, se desempenhas bem, por exemplo, essa função como professor?

CC: Sim, eu avalio-me..., avalio a minha pessoa. Como é que eu avalio a minha pessoa? É através de livro. Porque se eu..., quando não percebo alguma coisa, vou aproximar perto daqueles que percebem alguma coisa..., na comissão de estudo, como disse, acabei de dizer, comissão de estudo, peço sempre a explicação aos colegas, e transmitem aquilo que eu não percebi. Assim, talvez facilita. Isso faz com que avalio mesmo a minha cabeça.

RPM: Qual é o seu horário de trabalho..., semanal, mensal e anual, quer dizer, quantas horas trabalhas por semana, quantos por meses ou por ano?

CC: Hum..., bom..., ((risos)) praticamente posso dizer por semana, eu trabalho cada dia quatro horas de tempo, por semana, seis dias dá vinte e quatro horas, vinte e quatro horas. Agora vinte quatro horas por..., ((risos)), talvez é preciso fazer outros cálculos para poder chegar a esses meses e ano...

RPM: E..., e, e quantos alunos tem na sua sala, este... (interrompeu-me)?

CC: Tenho trinta e oito alunos, sendo..., dezanove masculinos e dezanove femininos. Trinta e oito no terceiro ano.

RPM: Achas que existem professores suficientes aqui na escola para responder as necessidades dos alunos?

CC: Eh..., bom, isso já depende ((risos)), depende ((risos)) ..., de, de, como, depende, depende, de..., como é que posso dizer..., isso já depende do..., mesmo o professor Rui já sabe disso..., eh (interrompi-o).

RPM: Por exemplo..., neste caso, tens trinta e oito alunos. Achas que..., um professor só..., nesse caso, é suficiente para dar resposta a todas as necessidades dos alunos?

CC: Não..., não é suficiente. Se eu..., se, se, se em cada sala, se tivéssemos vinte, era melhor. Facilita o professor..., a responder as necessidades dos alunos..., mas..., com trinta e tal..., o professor sempre tem dificuldade em corrigir, tem dificuldade de fazer outros trabalhos. As vezes..., aqueles que não aprendem..., o professor perde o tempo através daqueles que não aprendem. Para facilitar na maneira de aprender, assimilar a matéria. E..., aqueles que aprenderam, estão lá à espera do professor, e, através da dificuldade daqueles que ainda não aprenderam nada.

RPM: Tem preocupação em se atualizar..., quer dizer, em fazer formação?

CC: Sim..., tem..., o seminário, por exemplo, eu fiz, eu fiz a formação, mas não..., não é suficiente..., é preciso seminário em cada ano..., para dar facilidade aos professores. Isso ajuda aos professores na maneira de..., de fazer o seu trabalho..., durante o dia.

RPM: E..., bom, já de modo geral, eh..., que não é só o caso particular, mas de modo geral, hum..., falando da educação, a nível do país. Qual é a sua opinião sobre as greves dos professores..., costumas participar, porquê?

CC: Então..., greves dos professores, acho que é importante..., como o nosso, já trabalhei a muitos anos, e com aquele montante..., que..., importância de sessenta, setenta, oitenta mil..., não dá para um professor. Um professor que trabalha há já quantos anos. Então..., se houver..., por exemplo greve, o professor que tem esse mínimo..., com oitenta, noventa mil, tem que aderir. Se um professor ficar três meses, quatro meses sem receber..., tem que aderir nessa greve. Se não..., então..., fica, por isso que nós professores aderimos sempre na greve de sindicato..., no caso de atraso de salário, e..., como é que podemos dizer..., essa carreira docente que dizem, que se diz, desde a quantos anos..., desde dois mil e treze até a data presente nada foi aplicado. Então, o professor é obrigado aderir naquela greve. Para dar facilidade, por exemplo, na reforma. Como nós agora que estamos na reforma, com sessenta, setenta mil, não dá na Guiné. Por isso que..., nós professores aderimos sempre na greve.

RPM: Existe..., professor de apoio aos alunos com NEE?

CC: Aqui, na escola?

RPM: Sim.

CC: Como..., como, não estou a perceber...

RPM: Se existe professores na escola..., que, que dão apoio..., aos alunos com necessidades educativas especiais?

CC: Bom..., aqui..., parece que não existe..., não existe, não existe, não existe.

RPM: Pensa que os espaços interiores..., e exteriores são suficientes e adequados aos alunos, e aos professores?

CC: Acho que é suficiente, é, é..., temos espaço para frente e temos um campo atrás. É suficiente..., onde os alunos..., ainda com árvores e sombra..., os alunos vão alí..., no intervalo vão lá descansar..., até no momento da entrada, entram. Temos espaço suficiente, temos espaço.

RPM: Têm materiais suficientes para trabalhar com os alunos..., por exemplo, papel, lápis, canetas, manuais, livros e outros..., instrumentos necessários para uma escolar funcionar?

CC: Praticamente..., aqui..., ainda não..., só que no início do ano a diretora dá a cada professor um caderno, e..., uma caneta para o plano diário, ou para o plano..., sim, para o plano. Eh..., depois mais nada. Os livros que..., anteriormente recebíamos livros..., de apoio, mas esses dois anos não há livros. Os pais compram os livros..., e até então alguns alunos ainda não têm livros. Essa é a grande dificuldade na leitura, por exemplo. Não temos livros, esse ano não recebemos materiais. Só no ano atrás que recebemos materiais.

RPM: Existem computadores na escola? Eh os alunos têm computador ou telemóvel com acesso a internet? Se sim, fazem uso pedagógico dos mesmos, como?

CC: ((risos)) Praticamente não existe..., não existe, não existe. Na nossa escola..., não temos hum..., computador, não temos nada. Não é só livros, alguns alunos tem, por

exemplo, telemóvel que os pais dão, mas nós os professores não admitimos para terem esse telemóvel dentro da turma, porque perturbam..., perturbam os outros..., por isso que nós não permitimos fazer isso..., o telefone dentro da turma.

RPM: Os espaços..., e os materiais existentes..., correspondem às necessidades dos alunos, com necessidades educativas especiais..., por exemplo, ah, ah, cadeira de rodas, por exemplo, rampa, rampa?

CC: Não existe, não existe. Só existe, só existe essas escadarias para subir..., mais nada. Não temos isso dentro...

RPM: Como avalias as suas relações com a direção..., com os colegas..., com os alunos, e com os pais ou encarregados de educação?

CC: Avaliamos através de..., das reuniões, ou..., por exemplo, se nós tivermos, tem algum pedido, tem que ir à direção da escola, pedir à diretora da escola, e a diretora aceita..., cumpre o seu pedido, então..., é só isso. A relação é..., quando o professor tem dúvida dentro da turma vai diretamente à direção da escola. Ah..., para informar tudo aquilo que se passa dentro da turma.

RPM: E, o que..., faz, para gerar um bom clima, relacional, na escola?

CC: Hum..., ((risos)) para gerar um bom clima..., é um bom entendimento com os professores, dentro da turma..., no momento, por exemplo, de intervalo..., sempre estamos juntos..., sentamos juntos, e discutimos sempre juntos, e..., também estamos sempre prontos a ver os alunos, que quando estão fora a brincar. Essa é a relação que existe entre nós professores. Não há nada mais de mal. Quando alguém tem alguma coisa a informar ao colega transmite. Se a direção da escola tem alguma coisa a informar aos professores, informam os colegas..., assim sucessivamente.

RPM: Tens a preocupação de gerar igualdade de oportunidades..., na sua sala de aula, por exemplo, igualdade étnica, de género, de língua? O que faz para isso?

CC: Tenho ((risos)), porque nós sabemos na disciplina de..., matemática, é preciso fazer o aluno saber contar, da sua etnia, por isso que nós passamos..., por exemplo, eu sou da etnia Balanta, e outra é etnia Papel, e outra é etnia Felupe, sempre dentro da turma nós, quando há contagem, sempre levanta, eu como professor, mando levantar um aluno para contar na sua etnia, como se conta na sua etnia. E como cumprimenta, maneira de cumprimentar na sua etnia. Assim, sucessivamente, cada um faz, e todos que estão dentro da turma..., eh, eh, escutam e percebem também como é que cada etnia pronuncia, por exemplo, eh..., o número um, número dois, por exemplo, três, até chegando dez. Assim é que nós costumamos fazer dentro da turma. Contagem de matemática.

RPM: Acha que a escola..., é um bom meio para gerar igualdade de oportunidades? Porquê, e como?

CC: Ah..., a escola é..., é, é..., a escola é melhor..., como diz?

RPM: Para gerar igualdade...

CC: Sim, acho que a escola é importante..., eh, é importante, para os alunos, é importante. Porque é através da escola que os alunos conhecem uns aos outros. Alí é que têm amigos, têm irmãos, têm tudo. Através do professor também, através da informação do professor dentro da turma. Dentro da turma somos iguais, não há diferença. Já estamos dentro da turma, não há raça, não há etnia, não há nada. Nós somos duma só etnia. Também dentro da turma o professor deve saber transmitir isso. Dentro da turma, agora como estamos dentro da turma, agora somos irmãos, somos

tudo. Hum..., até ao fim, final. Dou sempre um exemplo, quando..., terminamos o nosso..., a nossa formação, se nós encontramos, por exemplo, no interior, vamos estar como irmãos, estar juntos porque já estávamos dentro de uma turma. É um exemplo mais concreto, que eu costumo dar dentro da turma.

RPM: Como vê a relação..., entre a escola e os pais, ou encarregados de educação, tem alguma sugestão sobre isso, sobre essa relação?

CC: Tenho, tenho. Porque, eh..., informação ..., reunião que nós sempre temos, de..., nossa escola, comunicamos sempre os pais. As vezes se nós..., hum..., houve alguma dificuldade, ou se algum aluno está se sentir mal dentro da turma..., comunicamos através de móvel, hum..., por exemplo, no início dos anos nós costumamos dar o nosso número de móvel no caderno, passar, no caderno dos alunos para mostrar os pais, ou encarregado de educação de que, quando tem alguma dificuldade devem ligar através desses números. Isso, essa é a relação que nós temos sempre com os pais. Se um aluno estiver, por exemplo, doente dentro da turma, dentro da sala nós comunicamos aos pais. E eles também, quando um aluno..., no dia em que o aluno estiver doente, o pai comunica o professor: olha, o meu filho hoje não está a sentir bem. Então, hum..., através do nosso número de móvel, que têm dentro do caderno, é que os pais nos informam que o meu filho hoje não está bem, e nós dissemos está bem, e o professor já tomou conhecimento de que esse aluno está doente.

RPM: E..., além disso..., fazes mais alguma atividade, alguma coisa assim para..., aproximar os pais da escola, dos professores, saber da vida da escola..., contribuir, por exemplo, para a melhoria das atividades da escola?

CC: Sim, alguns pais..., quando temos algumas atividades..., convidamos os pais, apoiam. Quando a direção da escola tem algumas coisas..., informam os pais, os pais

apoiam. Apoiam, por exemplo, nas festas da escola, nas festas..., como se diz, como aquele em que fomos sempre a Varela. Fizemos sempre pedidos aos pais, fazem. Por isso que nós também achamos que os pais apoiam os professores em qualquer atividades que nós fazemos na escola.

RPM: Eh..., uma vez que a escola encontra-se..., inserida num bairro, numa comunidade, de modo geral. Que relação estabelece com outras instituições da comunidade, por exemplo, associações, serviço...

CC: ((risos)) A maneira de estabelecer com outras ((risos)) instituições e serviços, sempre podemos preocupar, temos de dar informações de tudo o que acontece na nossa escola, temos de dar informações àquelas instituições. Por exemplo, barrulho, fazer barrulho perto de uma sala, onde fazem barrulho, temos que avisar. Aqui temos uma sala de aula. Eh..., nós pedimos que vocês fazem mais silencio, quando estão a fazer barrulho..., isso significa que. Apenas que a nossa instituição, a escola, aqui, está perto da estrada, está afastado um bocadinho, com o ruido dos carros, mas aqui dentro da nossa sala, da escola, não temos ruido de nada. Só lá fora da estrada, a escola está vedada.

RPM: Eh..., como, por exemplo, disseste atrás..., que tens eh..., um aluno que tem, por exemplo, apresenta alguma dificuldade, alguma NEE. Nesse caso, por exemplo, qual é a relação, ah, ah, a tua relação com os pais desse aluno, por exemplo?

CC: Sempre a relação..., nós mandamos, chamamos sempre..., ligamos aos pais, pedimos aos pais para que venham na escola. Até muitos dos pais, no..., não apresentam isso, só depois. Como, por exemplo, um dos..., nosso aluno, filho do professor Sana. Mais tarde o professor Sana veio dizer que ((risos)) ..., a vista do seu filho não está bem. Então, a professora mudou a maneira de trabalhar com essa criança,

mandou a criança vir a frente, perto dele, sempre por estar..., depois mandar ao quadro, e ele está sempre em cima do seu caderno, para escrever, e essa dificuldade já melhorou. Só que a vista, ainda..., que o pai disse que vai fazer esse tratamento. Aqui dentro da nossa escola, não houve, só este ano que esse único filho do nosso colega.

RPM: Tem..., uma preocupação com a qualidade do que os alunos aprendem aqui na escola, sobretudo nas suas aulas, o que achas que podia fazer para melhorar?

CC: Acho que..., através de materiais. Como eu tinha dito, se houver..., se todos os alunos têm materiais, principalmente de leitura. Um aluno, o que é importante é saber ler..., saber ler e saber escrever. Parte mais importante. Matemática, e outras atividades..., mas importante é que o aluno deve ter materiais. Todos os alunos devem estar munidos com os seus materiais. Mas há alunos até então que não têm livros.

RPM: Como acha, que se poderia avaliar, de ano para ano, se a escola está a melhorar ou não?

CC: Avaliar, ano por ano, que..., eu posso pegar no meu registo, como costumo registar dentro da minha turma. Pegar no meu registo e registar, tudo aquilo que a escola tem em cada ano. Eu registo. Se a escola tem materiais, que..., se entregaram os professores materiais para trabalhar, nós registamos, se os alunos, professores não têm materiais, se os alunos têm materiais incompletos, registamos. Estamos sempre, como por exemplo, estamos este ano, não temos diário, diário de frequência. A escola, ainda não nos entregou o diário de frequência. Como costumam entregar diário, diário é registar faltas dos alunos. Como o nosso livro de ponto, se o professor faltar marcam..., a direção marca falta. É preciso também que a escola..., deve haver, deve ter registo diário, como todas as escolas. Para registar faltas dos alunos. Assim, na reunião dos pais, os pais

serão informados de que..., os filhos cometem falta. Para aqueles que cometem falta. Na reunião..., nós apresentamos, só isso.

RPM: Eh..., antes de terminarmos, não sei se deseja dizer mais alguma coisa..., para fecharmos.

CC: Eh, eh, som, eu fiquei muito contente com essa entrevista, porque..., é muito importante, um professor deve ser entrevistado..., e quando tiver alguma dúvida..., na sua escola ou na sua atividade diária, ou temporária. Então, portanto, nessa entrevista nós aproveitamos para informar tudo isso. Porque..., com essa escassez de..., dos materiais escolares, nós sempre trabalhamos com dificuldade. Mas se a escola tem materiais completos, os professores costuma reunir, de quinze em quinze dias, na coordenação como outras escolas públicas, como noutras escolas públicas, é muito importante. Então, é isso que eu queria..., quero reforçar que a escola deve ter sempre materiais completo, que facilita o professor na sua atividade diária. Para terminar..., digo sempre, muito obrigado pelo professor Rui, quanto a esta entrevista. No entanto, para a próxima vez, eu acho que..., temos que mudar muitas coisas, na minha, na minha entrevista...

RPM: Sim, tá bom..., agradeço também..., mais uma vez, do fundo do coração, por essa colaboração. É um trabalho muito útil. Não só para mim, mas que, penso também que..., futuramente pode ajudar muito ah, a nossa escola, não só a nossa escola, mas..., o nosso próprio país, falando do sistema educativo. Então, muito, muito obrigado.

Análise de Conteúdo

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo
<ul style="list-style-type: none"> Finalidades e Objetivos da escola e da educação (B-1) 	<ul style="list-style-type: none"> Sim, é importante, porque todas as 	<ul style="list-style-type: none"> Sim, dá resposta. No final do ano dá resposta,

<ul style="list-style-type: none"> • Currículo/Experiências de aprendizagem (B-2) • Estratégias de Ensino e Aprendizagem (B-3) • Planeamento, Avaliação e Registo (B-4) • Professores/Pessoal (B-5) • Espaço e Materiais (B-6) • Relações e Interações (B-7) • Igualdade de Oportunidades (B-8) • Participação dos pais e da comunidade (B-9) • Monitorização e Avaliação (B-10) 	<p>crianças têm direito de ir à escola. É muito importante. Como aqui na Guiné, é muito importante, como em toda a parte do mundo. Porque todas as crianças têm a necessidade, quando nascem, crescem, têm direito de ir à escola. Porque necessitam também de aprender, como..., as outras pessoas...(B-1)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ é que preparo sempre através do plano, plano diário, eu organizo sempre antes de começar a dar aula(B-2) ▪ passamos trabalho de grupo, um trabalho, por exemplo, 	<p>porque, através do aproveitamento do aluno é que..., eh, eh, que a escola acha que dá resposta, no final do ano. Dá resposta. (B-1)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A nossa grande preocupação. É que a escola, praticamente, está com falta de materiais, (...), que pode, que pode dar, por exemplo, a maneira de trabalhar com os alunos. (B-1) ▪ Tem, tenho. Tenho. (preocupação de integrar alunos com NEE) (B-1) ▪ Aproximo, eu aproximo esse aluno perto de mim, para lhe ajudar, e..., e não fica afastado, aproxima perto do professor, e o livro também está
---	---	---

	<p>de casa, um TPC, damos, damos sempre TPC, para poderem fazer matemática em casa. (B-2)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Se não aprenderam nada eu continuo, continuo a fazer o trabalho através do meu plano. Se o plano não foi cumprido, eu continuo a trabalhar até quando aprenderam aquilo que nós planificamos, e mudamos para um outro...(B-2) ▪ Tenho trinta e oito alunos, sendo..., dezanove masculinos e dezanove femininos. Trinta e oito no terceiro ano. (B-1) ▪ greves dos professores, acho que é importante 	<p>sempre perto dele. Eh, para fazer um trabalho no quadro, para fazer um trabalho no quadro, ele deve aproximar perto do quadro para poder escrever. Assim é que faço para ajudar esse aluno. (B-1)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Eu acho que, em cada disciplina, os alunos devem aprender aquilo que o professor transmite. Eh, eh, se nós dentro da turma entendemos que, que se o alunos não está a aprender nada, o professor é obrigado de repetir a sua aula. Pode ser de três ou quatro dias, para que esse aluno possa entender o que não entendeu. Ou mandar
--	--	---

	<p>...(B-5)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ essa carreira docente que dizem, que se diz, desde a quantos anos..., desde dois mil e treze até a data presente nada foi aplicado. (B-5) ▪ Acho que é suficiente, é, é..., temos espaço para frente e temos um campo atrás. É suficiente ..., onde os alunos..., ainda com árvores e sombra..., os alunos vão ali..., no intervalo vão lá descansar ..., até no momento da entrada, entram. Temos espaço suficiente, temos espaço. (B-6) ▪ Essa é a grande dificuldade na leitura, 	<p>o aluno ao quadro para ver se ele aprendeu, aquilo que o professor transmitiu, ou não. Por exemplo na matemática, matemática o aluno deve ir ao quadro para ver se ele aprendeu aquilo que o professor explicou, ou não aprendeu. Na escrita também, ortografia que nós aplicamos sempre, para ver aqueles que têm boas letras e aqueles que não têm boas letras. Ali é que nós descobrimos aqueles que escrevem bem e aqueles que escrevem mal. (B-2)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ nós fazemos trabalho de grupo (B-2) ▪ eu analiso o trabalho dos meus colegas através das dificuldades, alguns às
--	---	---

	<p>por exemplo. Não temos livros, esse ano não recebemos materiais. Só no ano atrás que recebemos materiais. (B-6)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ ((risos)) Praticament e não existe..., não existe, não existe. Na nossa escola..., não temos hum..., computador , não temos nada. Não é só livros, alguns alunos tem, por exemplo, telemóvel que os pais dão, mas nós os professores não admitimos para terem esse telemóvel dentro da turma, porque perturbam ..., perturbam os outros..., por isso que nós não permitimos 	<p>vezes sentem dificuldades, como nós aqui, na nossa escola não costumamos fazer comissão de estudos (B-3)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ alguns (professores) têm dúvidas mas não apresentam (B-3) ▪ Sim, eu avalio-me..., avalio a minha pessoa. (B-3) ▪ Não..., não é suficiente. (o número de professores por sala) (B-5) ▪ se tivéssemos vinte, era melhor. (número de alunos por turma) (B-5) ▪ eu fiz a formação, mas não..., não é suficiente..., é preciso seminário em cada ano..., para dar facilidade aos
--	--	--

	<p>fazer isso..., o telefone dentro da turma. (B-6)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Não existe, não existe. Só existe, só existe essas escadarias para subir..., mais nada. Não temos isso dentro... (B-6) ▪ Hum..., ((risos)) para gerar um bom clima..., é um bom entendimento com os professores, dentro da turma..., no momento, por exemplo, de intervalo..., sempre estamos juntos..., sentamos juntos, e discutimos sempre juntos, e..., também estamos sempre prontos a ver os alunos, que quando 	<p>professores. (B-5)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A relação é..., quando o professor tem dúvida dentro da turma vai diretamente à direção da escola. Ah..., para informar tudo aquilo que se passa dentro da turma. (B-7) ▪ Tenho ((risos)), porque nós sabemos na disciplina de..., matemática, é preciso fazer o aluno saber contar, da sua etnia, por isso que nós passamos..., por exemplo, eu sou da etnia Balanta, e outra é etnia Papel, e outra é etnia Felupe, sempre dentro da turma nós, quando há contagem, sempre levanta, eu como professor, mando levantar um
--	--	---

	<p>estão fora a brincar.</p> <p>Essa é a relação que existe entre nós professorarmos. Não há nada mais de mal. (B-7)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sim, alguns pais..., quando temos algumas atividades ..., convidamos os pais, apoiam. Quando a direção da escola tem algumas coisas..., informam os pais, os pais apoiam. (B-9) ▪ ((risos)) A maneira de estabelecer com outras ((risos)) instituições e serviços, sempre podemos preocupar, temos de dar informações de tudo o que acontece na nossa escola, temos de dar 	<p>aluno para contar na sua etnia, como se conta na sua etnia. E como cumprimenta, maneira de cumprimentar na sua etnia. (B-8)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sim, acho que a escola é importante ..., eh, é importante, para os alunos, é importante. Porque é através da escola que os alunos conhecem uns aos outros. Alí é que têm amigos, têm irmãos, têm tudo. Através do professor também, através da informação do professor dentro da turma. Dentro da turma somos iguais, não há diferença. Já estamos dentro da turma, não há raça, não há etnia, não há nada.
--	--	--

	<p>informações àquelas instituições. Por exemplo, barrulho, fazer barrulho perto de uma sala, onde fazem barrulho, temos que avisar. Aqui temos uma sala de aula. (B-10)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Avaliar, ano por ano, que..., eu posso pegar no meu registo, como costume registar dentro da minha turma. Pegar no meu registo e registar, tudo aquilo que a escola tem em cada ano. Eu registo. Se a escola tem materiais, que..., se entregaram os professores materiais para trabalhar, nós 	<p>Nós somos duma só etnia. Também dentro da turma o professor deve saber transmitir isso. (B-8)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Tenho, tenho. Porque, eh..., informação..., reunião que nós sempre temos, de..., nossa escola, comunicamos sempre os pais. As vezes se nós..., hum..., houve alguma dificuldade, ou se algum aluno está se sentir mal dentro da turma..., comunicamos através de móvel, hum..., por exemplo, no início dos anos nós costumamos dar o nosso número de móvel no caderno, passar, no caderno dos alunos para mostrar os
--	---	---

	<p>registamos, se os alunos, professores não têm materiais, se os alunos têm materiais incompletos, registamos. Estamos sempre, como por exemplo, estamos este ano, não temos diário, diário de frequência. A escola, ainda não nos entregou o diário de frequência. (B-10)</p>	<p>pais, ou encarregado de educação de que, quando têm alguma dificuldade devem ligar através desses números. Isso, essa é a relação que nós temos sempre com os pais. Se um aluno estiver, por exemplo, doente dentro da turma, dentro da sala nós comunicamos aos pais. Eles também, quando um aluno..., no dia em que o aluno estiver doente, o pai comunica o professor: olha, o meu filho hoje não está a sentir bem. Então, hum..., através do nosso número de móvel, que têm dentro do caderno, é que os pais nos informam que o meu</p>
--	---	---

		<p>filho hoje não está bem, e nós dissemos está bem, e o professor já tomou conhecimento de que esse aluno está doente. (B-9)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sempre a relação..., nós mandamos, chamamos sempre..., ligamos aos pais, pedimos aos pais para que venham na escola. Até muitos dos pais, no..., não apresentam isso, só depois. (B-9)
--	--	--

Anexo 12: Transcrição da Entrevista com Encarregada de Educação.

Transcrição da Entrevista

LEGENDA	
RPM	RUI PEDRO MENDES
SEN	SEN

Data da entrevista: **04/03/2020**

Local: Residência própria da entrevistada (Buba, bairro Brá)

Duração da entrevista: **00:11:55ss**

Hora de início e término da entrevista: **18h24mn a 18h35mn**

Identificação do sujeito entrevistado: **Sindatche Eta Nhoma**

Tipo de entrevista: **Oral e presencial**

Ferramenta utilizada: **Guião e telemóvel** (para gravação de áudio)

ENTREVISTA AO ENCARREGADO de EDUCAÇÃO (transcrição)

RPM: Boa tarde..., muito obrigado senhora Eta..., como encarregada de educação, por teres aceitado conceder-me essa entrevista:::, eh..., destinada ao nosso curso de mestrado. Eh..., pela Universidade..., a ser desenvolvida pela Universidade de Lisboa, ou, Instituto de Educação. Então, passo de imediato ah..., colocar-te as questões..., que perfilam aqui no guião de entrevista. Primeiramente, ainda também, peço-te que se apresente e depois podemos prosseguir (...).

SEN: Sim, boa tarde, obrigado pela oportunidade também (...). Sou..., mãe de um dos alunos da Escola São Paulo:::, e..., pronto, Rui me pediu para fazer essa entrevista..., vou fazer o possível..., que eu posso dar (...). Para responder algumas questões.

RPM: Mais uma vez, obrigado. Então passo, assim, a colocar as..., questões. Primeira questão (...). É..., o seguinte: Por que é que colocou o seu filho..., nesta escola?

SEN: Olha, coloquei o meu filho nesta escola..., porque acho..., é uma escola muito bem organizada, com os conteúdos que eles dão também, que faz parte de..., desenvolvimento das crianças. Acho que é uma escola muito interessante. Por, tive interesse de colocar o meu filho nesta escola (...).

RPM: E..., a senhora sabe o que as crianças..., ou jovens fazem aqui na escola?

SEN: Sim..., sei. Sei, porque..., uma criança, vindo para escola, ou jovem, ele veio ou foi para lá para aprender alguma coisa, nê..., escrever, ler, desenvolver..., em fim, os conhecimentos que tem (...). Para aprender mais coisas na escola.

RPM: E a senhora esta satisfeita com a educação..., que é feita aqui na escola? O que considera mais importante?

SEN: Olha. Tou..., tou satisfeita, sim, com a educação das crianças..., nesta escola. Aqui..., não posso dizer que..., tem algo assim, que eu posso considerar de importante, mas todos os conteúdos, ou então..., todos os ensinamentos são importantes para..., as crianças.

RPM: E..., o que achas que os alunos aprendem nesta escola?

SEN: Bom..., aprendem muita coisa..., aprendem a escrever, ler, ah..., bom: brincadeiras..., muita coisa, nê, que podem aprender aqui na escola.

RPM: E como pensa que os professores apoiam os alunos a aprender?

SEN: Ah..., de forma que eu vejo, penso que os professores podem apoiar as crianças através dos conteúdos que têm..., eh..., também apoia-los assim diretamente, de uma forma de..., de participação ativa e..., participação ativa e..., participativa (...). Desculpa. Quer dizer..., duma forma assim..., direta e indiretamente..., na sala de aula, desenvolvendo os conhecimentos também.

RPM: E, qual é a sua opinião sobre o papel dos professores?

SEN: Olha..., pelo que eu vejo, os professores..., estão em bom caminho, e..., porque também vejo que na escola, nas salas também, têm dois professores em cada sala. Então, penso que..., o papel do professor ali é muito importante, com as crianças.

RPM: Sabe como os professores trabalham com os alunos, e como fazem os registos e avaliam os alunos (...)?

SEN: Eu penso que fazem através de..., eh..., conteúdos que têm, nê. Ensinam e depois:, e depois fazem através de..., essas perguntas que vão..., que vão ser depois feitas através de..., provas. Eu penso que é assim.

RPM: E..., é pedido o seu apoio para esse trabalho..., e também, pergunto, se é informado sobre os progressos do seu filho?

SEN: Eh..., sobre os apoios..., então, nunca me pediram. Mas, sobre..., não percebi (...), desculpa, a pergunta, a última...

RPM: Se..., se é informado sobre os progressos do seu filho.

SEN: Sim, sou informado. Porque quando levo a criança..., a professora sempre procura falar comigo sobre o desenvolvimento da criança. Se tiver também algum problema, ele informa sempre, ela, aliás. Informa sempre.

RPM: Achas que há professores suficientes, para todos os alunos nesta escola?

SEN: Sim. Acho, acho, porque..., por exemplo, no ensino..., hum, no ensino básico, pelo que eu vejo, têm em cada sala duas professoras, e já no segundo ciclo..., mais ou menos, penso que está tudo bem.

RPM: Achas que é importante os alunos terem professores formados?

SEN: Claro que é importante. Porque..., um professor sem formação, claro que é um professor limitado. Então, sendo um professor formado na área, desenvolve mais os conteúdos, tem mais probabilidade de..., de fazer bons trabalhos para as crianças.

RPM: E..., já..., desviando um pouco para as escolas públicas nacionais. O que pensa das greves dos professores, que têm fustigado o sistema..., educativo público, a nível nacional?

SEN: Olha, como pai..., mesmo não sendo como pai, é algo..., digo, fora do normal, já nesse país. Porque greve, não só causa problema aos estudantes, como os alunos também. Atrasa o país, porque..., nada desenvolve com essa greve. Então, acho que não é nada importante, nada fundamental na..., no::, n desenvolvimento das crianças na escola. Então, é preciso..., que..., ultrapassa essa fase de greve, todos os dias, cada mês e greve. Não é nada fácil. Não é nada fácil.

RPM: Considera os espaços da escola suficientes, e adequados, por exemplo, salas de aula, espaço de recreio (...)?

SEN: Eh, eh..., eles têm um espaço bem grande. Bem suficientes para as crianças brincarem. O espaço é bem grande. Então é, é boa coisa.

RPM: Pensas que os materiais existentes são suficientes? Por exemplo, mesas, cadeiras, quadros, manuais, livros, etc.

SEN: São, são sim. São, por exemplo, em cada sala vejo muitas mesas..., penso que chegam para as crianças. Enquanto..., essa parte de materiais, vejo que cada sala tem armários, e alunos também têm materiais na escola. Apesar também, têm que levar os seus materiais para escola, para poderem trabalhar com eles. Mas eles têm materiais suficientes.

RPM: O seu filho fala dos professores em casa, e dos colegas?

SEN: Por acaso, fala um pouco dos professores, mas mais fala dos colegas assim..., dos momentos do recreio..., pronto, na aula também. Fala mais dos colegas.

RPM: O que pensas das relações entre os professores e os alunos? Devem ser mais carinhosos, ou mais autoritários, devem incluir castigos corporais? Sim, e porquê?

SEN: Não. Uma relação de um professor com..., aluno, claro que é algo muito fundamental, por que se um professor..., tiver que castigar um aluno, mas, esse aluno nunca vai conseguir aprender alguma coisa. Vai ficar com medo. Então..., não deve haver esses castigos corporais com os alunos. Pode-se castigar, de uma forma mais..., simples, por exemplo, mandar ficar de joelhos, ficar no cantinho, mas assim, não com..., uma forma já de bater, castigar de outra..., de outro jeito.

RPM: Achas que todos os alunos são tratados da mesma maneira pelos professores? Todos os alunos participam, ou fazem as mesmas atividades na escola?

SEN: Por acaso não sei. Mas penso que..., já que os alunos estão na mesma sala, devem aprender juntos e fazer as mesmas atividades. E sobre essa parte..., não sei explicar...

RPM: Pensa que as crianças, diferentes, e que têm dificuldades em aprender estão integradas nas turmas, na escola?

SEN: Sim. Penso que sim, porque..., havendo essas crianças, não podem ser excluídas, devem estar junto com as outras. Aprender na mesma sala (...).

RPM: Os professores comunicam os pais sobre o que se passa na escola? Os pais são chamados a participar nas atividades da escola, em algumas ocasiões?

SEN: Sim, sim, porque..., quando têm alguma reunião, algum encontro com os pais comunicam sempre. Mandam os papéis, e os pais depois aparecem (...). Eles comunicam, sim.

RPM: Há reunião de pais? Se sim, costuma ir? Que assuntos são tratados nessas reuniões?

SEN: Sim, há reuniões de pais. E eu costumo sempre participar. Os assuntos que são tratados aí..., pronto, dependem já do calendário que eles têm..., para..., informar ou, informação que eles têm para informar aos pais. Têm sempre..., por exemplo, entrega das notas..., eh..., se haver assim alguma alteração, por exemplo, na última reunião tivemos falado sobre o aumento da propina para o próximo ano letivo (...). Então, têm vários assuntos para serem tratados lá.

RPM: Sabe se escola tem alguma relação com outros serviços que existem na comunidade, ou no bairro?

SEN: Por acaso não sei. Apesar de ser uma escola católica, privada..., não sei se tem outra relação com outra..., parte, não sei. Pode ser.

RPM: Acha, que a escola:::, em que anda o seu filho, tem qualidade? Porquê?

SEN: Eu penso que tem qualidade, sim. Porque..., a maioria dos professores que eu vejo, que eu conheci, são formados. Então..., penso que a escola tem qualidade, sim. Também vejo no desenvolvimento do meu filho. Ele tá sempre bem. Sai sempre bem. Então..., penso que a escola tem qualidade.

RPM: A última questão. Queria que falasses sobre..., a relação que a escola estabelece com as famílias, na, na..., tua opinião, como vê essa..., essa relação?

SEN: Então..., eh, eu penso é muito importante a relação. Porque..., se um pai tiver um filho numa escola, é claro que esse pai tem que estar sempre atento à escola. E a escola também..., terá também a mesma opinião com o pai. Se tiver algo a informar..., alguma informação..., pronto, muita coisa, então. Esses dois partes têm sempre..., ou as duas partes têm sempre que..., têm que estar a colaborar sempre. Penso que é isso.

RPM: E..., antes de terminarmos..., não sei se quer dizer ((sorri))..., acrescentar mais alguma coisa...

SEN: Não..., não tenho nada a dizer..., mas, digo que..., se essas perguntas sempre aparecer assim aos pais..., seriam muito importantes. A abordarem alguma coisa sobre..., o..., o..., os filhos, nê..., a escola. Sim, para saber mais sobre informações. Então é muito ((sorriu)) importante.

RPM: Então..., terminamos aqui..., agradeço profundamente por ter..., teres aceiteado..., colaborar nessa entrevista. Muito obrigado.

Análise de conteúdo

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo
<ul style="list-style-type: none"> Finalidades e Objetivos da escola e da educação (B-1) Currículo/Experiências de aprendizagem (B-2) Estratégias de Ensino e Aprendizagem (B-3) Planeamento, Avaliação e Registo (B-4) Professores/Pessoal (B-5) Espaço e Materiais (B-6) Relações e Interações (B-7) Igualdade de Oportunidades (B-8) 	<ul style="list-style-type: none"> Escola muito interessante (B-1) Aprender mais coisas na escola (B-2) Tou..., tou satisfeita, sim, com a educação das crianças..., nesta escola. (B-2) fora do normal, já nesse país. Porque greve, não só causa problema aos estudantes, como os alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Escola bem organizada (B-1) Conteúdos para o desenvolvimento das crianças (B-1) Escrever, ler, desenvolver..., em fim, os conhecimentos que têm (B-3) Todos os ensinamentos são importantes para..., as crianças. (B-3) os professores podem apoiar as crianças através dos conteúdos que têm..., eh..., também apoia-los assim diretamente, de uma forma de..., de

<ul style="list-style-type: none"> • Participação dos pais e da comunidade (B-9) • Monitorização e Avaliação (B-10) 	<p>também. Atrasa o país, porque..., nada desenvolv e com essa greve. (B-5)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Fala mais dos colegas. (B-7) 	<p>participação ativa e..., participação ativa e..., participativa (...).</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolvend o os conhecimentos também. (B-3) ▪ nas salas também, têm dois professores em cada sala. (B-5) ▪ Sim, sou informado (sobre a avaliação dos alunos). (B-4) ▪ Um professor sem formação, claro que é um professor limitado. Então, sendo um professor formado na área, desenvolve mais os conteúdos, tem mais probabilidade de..., de fazer bons trabalhos para as crianças. (B-5) ▪ eles têm um espaço bem grande. Bem suficientes para as crianças brincarem. O espaço é bem grande. Então é, é boa coisa. (B-6) ▪ Mas eles têm
---	--	--

		<p>materiais suficientes. (B-6)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Não. Uma relação de um professor com..., aluno, claro que é algo muito fundamental, por que se um professor..., tiver que castigar um aluno, mas, esse aluno nunca vai conseguir aprender alguma coisa. Vai ficar com medo. Então..., não deve haver esses castigos corporais com os alunos. Pode-se castigar, de uma forma mais..., simples, por exemplo, mandar ficar de joelhos, ficar no cantinho, mas assim, não com..., uma forma já de bater, castigar de outra..., de outro jeito. (B-7) ▪ Por acaso não sei. Mas penso que..., já que os alunos estão na mesma sala, devem aprender
--	--	---

		<p>juntos e fazer as mesmas atividades. E sobre essa parte..., não sei explicar... (B-8)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sim. Penso que sim, porque..., havendo essas crianças, não podem ser excluídas, devem estar junto com as outras. Aprender na mesma sala (...). (B-8) ▪ quando têm alguma reunião, algum encontro com os pais comunicam sempre. (B-9) ▪ aumento da propina para o próximo ano letivo (B-9) ▪ eu penso é muito importante a relação. (B-9) ▪ as duas partes têm sempre que..., têm que estar a colaborar sempre. (B-9)
--	--	---

Anexo 13: Transcrição da Entrevista com o Aluno.

Transcrição da Entrevista

LEGENDA	
RPM	RUI PEDRO MENDES
EN	EN

Data da entrevista: **05/03/2020**

Local: **Escola São Paulo** (Buba, bairro São Paulo)

Duração da entrevista: **00:10:58ss**

Hora de início e término da entrevista: **10h19mn a 10h29mn**

Identificação do sujeito entrevistado: **Eduardo Nangonha**

Tipo de entrevista: **Oral e presencial**

Ferramenta utilizada: **Guião e telemóvel** (para gravação de áudio)

ENTREVISTA AO ALUNO (transcrição)

RPM: Sim:::, bom dia, caro aluno. Eh:::, agradeço imenso por teres aceiteado..., conceder-me esta entrevista (...). Eh:::, ligado..., ao meu trabalho de projeto, destinada

(...), a ser desenvolvida para a Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. Primeiramente..., peço-te que se identifique, para..., depois, podermos prosseguir (...).

EN: Eu chamo-me EN. Tenho catorze anos de idade. Tou a andar na escola de São Paulo.

RPM: Bô:::, muito obrigado. Então..., sabes por quê que frequentas..., a escola?

EN: Sim, sei. Porque a escola é muito importante.

RPM: Para quê que estás aqui?

EN: Eu quero dizer mais primeiro que..., a escola é muito importante. A escola também é futuro:::, para um ser humano.

RPM: Eh:::, o que fazes aqui na escola..., eh:::, no dia a dia?

EN: Bom..., no dia a dia..., eu gostaria de fazer os meus trabalhos (...). É isso.

RPM: O que gostas mais de fazer (...). Que atividades..., aqui na escola...?

EN: Bom:::, atividades que eu gostaria de fazer aqui na escola..., quando eu..., quando eu acabei de fazer os meus trabalhos..., gostaria:::, de sentar com os meus colegas..., contar como eu passei no campo de futebol.

RPM: E..., que disciplinas gô..., aprecias mais, ou gostas mais..., na escola?

EN: É disciplina de inglês. Porque eu gosto da disciplina de inglês.

RPM: E:::, o que gostas menos..., o que aprecias menos aqui na escola?

EN: O que eu aprecio aqui na escola é a disciplina de..., francês (...).

RPM: Gostas ou não gostas?

EN: Não:::, eu não (...). Eu gosto..., mas..., não é aquele tanto.

RPM: Há..., algum motivo (...)?

EN: Sim, há. Porque..., eu tenho dificuldade muito (...).

RPM: Eh:::, em aprender francês?

EN: Sim.

RPM: E..., que outras atividades..., ou (...), disciplinas ainda gostas, mais aqui..., na escola?

EN: Eu gosto da disciplina de..., muitas, muitas disciplinas que eu gosto aqui..., como, por exemplo, eh:::, visual, inglês, moral..., muitas disciplinas que eu gosto.

RPM: E..., o que aprendes aqui na escola, de modo geral?

EN: Aqui na escola, de modo geral, eu aprendo..., ler, escrever..., muitas coisas.

RPM: Costumas trabalhar sozinho, ou, ou..., com outros colegas?

EN: Não..., eu costumo trabalhar sozinho.

RPM: Como sabes..., o que podes, ou não podes fazer?

EN: Bom:::, o que eu não sei, eu fui perguntar para ele me..., eu fui perguntar ao professor para ele me exp:::. (INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO)

RPM: Sim..., Eduardo, para continuarmos (...), após a interrupção na gravação..., eh:::, gostava que voltasses, eh..., gostava que voltasses ah..., responder ah..., última questão que fiz (...). Como é que sabes..., o que podes..., ou não podes fazer (...)?

EN: Se eu não pudesse alguma coisa..., eu fui perguntar o professor..., que eu não percebo esta coisa (...).

RPM: E..., quando chegas de manhã as aulas..., sabes o que vais fazer (...), e a seguir (...)?

EN: Sim, eu sei o que devo fazer. Eu sei que..., devo fazer os meus trabalhos..., depois, a seguir, quando o professor entrar, eu vou prestar atenção nas aulas.

RPM: Os professores costumam combinar ..., o que vão fazer (...)?

EN: Sim..., eles costumam fazer:::, eles costumam combinar o que vão fazer (...).

RPM: E, no final, conversam..., sobre o que foi feito?

EN: Sim..., no final conversam sobre o que foi feito.

RPM: E combinam também o que fazer em casa? Os:::, Só os trabalhos de casa?

EN: Sim..., e no final..., combinam fazer os trabalhos de casa.

RPM: O que fazem os professores aqui na escola? Dão aulas..., (...)? Fazem algo mais (...)?

EN: Os professores aqui na escola somente dão as aulas, não fazem algo mais.

RPM: O que pensas das faltas..., e das greves dos professores..., nas escolas públicas, em termos gerais, por exemplo, ah..., para, para os alunos que estudam nas escolas do estado, que têm sofrido nos últimos anos com a situação de greve, e..., especialmente neste ano? O que é que tu pensas disso tudo (...)?

EN: Hum, bom..., eu não penso bem. Porque isso é muito grave também. Mas..., eu também conformo que..., os professores também..., não é..., não fez isso de propósito, mas..., é..., eles sabem que, se professores, se não receberam dinheiro não podem continuar a dar aulas. Eu também sei que..., que os alunos devem *sofrir*.

RPM: Quais..., são as matérias de que gostas mais..., aqui na escola, e as que gostas menos, e por quê?

EN: Bom, eu gosto de..., mais de matéria de inglês. Eu gosto menos de matéria de francês. Porque..., eu não consigo ler bem..., também não consigo escrever bem.

RPM: Tens materiais e livros suficientes ..., para poder estudar e fazer as atividades da escola?

EN: Sim, eu tenho, mas não tenho muito para fazer os trabalhos..., da escola.

RPM: E..., se pudesses..., o que mudava aqui na escola?

EN: Se eu pudesse..., eu vou mudar tantas coisas aqui na escola. Aqui na escola de São Paulo, não é só aqui na escola de São Paulo, mas aqui também na Guiné-Bissau.

RPM: Por exemplo...?

EN: Por exemplo, casas..., escolas..., hospitais, etc.

RPM: Quem conheces aqui na escola..., entre professores..., pessoas da tua idade...?

EN: Eu conheço mais as pessoas da minha idade.

RPM: Com quem gostas mais de estar, para trabalhar e para brincar?

EN: Eu gostaria de estar com Ebinezzer, para trabalhar e para brincar.

RPM: Ebinezzer e o teu colega de turma?

EN: Sim.

RPM: O que é que acontece quando alguém se porta mal?

EN: Quando alguém porta mal comigo..., eu fico nervoso. Mas eu disse para ele que não volte mais a fazer isso comigo, porque eu não gosto.

RPM: E o que acontece quando alguém se porta bem?

EN: Quando alguém se porta bem comigo..., eu também fico feliz, mas eu..., eu também comporto bem com ele.

RPM: E gostas de andar na escola..., de estar..., no espaço da escola?

EN: Sim.

RPM: Todos os alunos fazem as mesmas coisas..., ou há coisas que só fazem os alunos..., rapazes, e outras..., que só fazem as alunas..., as raparigas?

EN: Sim, não é todas as coisas que fazem os alunos. Há coisas só que fazem os alunos e há coisas só que fazem as raparigas.

RPM: Mas vocês não gostam de estar..., a trabalhar sempre..., juntos, ambos os sexos?

EN: Não.

RPM: Consegues fazer sempre tudo..., e bem (...)? Ou há atividades, disciplinas em que tens dificuldades?

EN: Sim. Eu, eu consigo fazer tudo bem. Mas há disciplinas em que eu tenho dificuldades.

RPM: Por exemplo (...)?

EN: Por exemplo, francês.

RPM: Há alunos que precisam de mais..., ou..., de muita ajuda para fazer os trabalhos na escola?

EN: Sim. Há alunos que precisam muita ajuda para fazer o trabalho da escola (...).

RPM: E essa ajuda deve vir, eh..., deve vir de quem?

EN: Dos professores.

RPM: E só dos professores?

EN: Também..., também das suas colegas. Das tuas colegas também.

RPM: E dos familiares?

EN: Também...

RPM: O teu pai..., e mãe, vêm a escola? E a pedido de quem?

EN: Meu pai, a minha mãe, vêm a escola com o pedido da diretora.

RPM: E..., os teus pais sabem o que fazes na escola?

EN: Sim, eles sabem (...).

RPM: Quando fazes algo muito bem..., o que é que acontece?

EN: Quando eu fiz algo muito bem..., eu fico feliz. Por exemplo, se eu apanhei..., boas notas aqui em escola..., eu fico feliz. Mas quando eu fiz algo de mal, eu não..., fico feliz porque..., eu não fiz algo de bem, por exemplo, se apanhei doze eu não fico feliz.

RPM: E quando..., fazes algo de..., de, de, de mal, ou, por exemplo, ou apanhas notas negativas, sofres alguma..., alguma consequência, algum castigo. Tanto dos professores..., como dos pais lá em casa?

EN: Sim. Sim, eu recebo muito castigo. E dos professores também.

RPM: E costumam dar conselhos, orientações..., ajuda..., para que possas fazer bem os teus trabalhos?

EN: Sim, eles costumam fazer isso tudo...

RPM: Apoiam em casa?

EN: Sim, apoiam.

RPM: Mas, os pais só vêm a escola..., quando a direção, ou a diretora manda chamar..., ou, de vez em quando passam para saber alguma coisa de ti..., e da escola?

EN: Sim. Passam aqui para saber alguma coisa de..., da minha escola.

RPM: Não sei..., queres contar-me alguma coisa sobre a tua escola..., que ainda não falamos?

EN: Sim, eu quero. Primeiro, eu quero dizer que a escola é muito importante. Para mim a escola é esforço, porque o meu pai me dizia:::, que..., para eu esforçar na escola. Porque a escola é futuro. Para eu posso ser amanhã também..., o futuro da Guiné-Bissau.

RPM: E..., esta tua escola, comparado com outras escolas... como vê..., qual é a tua opinião..., sobre esta escola?

EN: Bom, eu sei que esta escola é muito..., importante. Porque..., com o ensino que eles fazem aqui na escola..., é muito bom.

RPM: Então..., mais uma vez, obrigado. Muito obrigado, Eduardo. Então, terminamos por aqui..., agradeço imenso, imensamente por teres..., aceitado colaborar comigo e conceder-me essa entrevista. Obrigado.

Análise de Conteúdos

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo
<ul style="list-style-type: none"> Finalidades e Objetivos da escola e da educação (B-1) Currículo/Experiências de aprendizagem (B-2) Estratégias de Ensino e Aprendizagem (B-3) Planeamento, Avaliação e Registo (B-4) Professores/Pessoal (B-5) Espaço e Materiais (B-6) Relações e Interações (B-7) Igualdade de Oportunidades (B-8) Participação dos pais e da comunidade (B-9) Monotorização e Avaliação (B-10) 	<ul style="list-style-type: none"> eu gostaria de fazer os meus trabalhos (B-1) contar como eu passei no campo de futebol. (B-2) Porque eu gosto da disciplina de inglês. (B-2) O que eu aprecio aqui na escola é a disciplina de..., francês (...). (B-2) Porque..., eu tenho dificuldade muito (...). (B-2) Sim..., no final conversam sobre o que foi feito. (B-4) Hum, bom..., eu não penso bem. Porque isso é muito grave também. Mas..., eu também conformo que..., os professores também..., não é..., 	<ul style="list-style-type: none"> A escola também é futuro:::, para um ser humano. (B-1) Aqui na escola, de modo geral, eu aprendo..., ler, escrever..., muitas coisas. (B-1) Não..., eu costumo trabalhar sozinho. (B-3) Se eu não pudesse alguma coisa..., eu fui perguntar o professor..., que eu não percebo esta coisa (...). (B-3) Sim, eu sei o que devo fazer. Eu sei que..., devo fazer os meus trabalhos..., depois, a seguir, quando o professor entrar, eu vou prestar atenção nas aulas. (B-4) Sim..., e no final..., combinam fazer os

	<p>não fez isso de propósito, mas..., é..., eles sabem que, se professores, se não receberam dinheiro não podem continuar a dar aulas. Eu também sei que..., que os alunos devem <i>sofrir</i>. (B-5)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Se eu pudesse..., eu vou mudar tantas coisas aqui na escola. Aqui na escola de São Paulo, não é só aqui na escola de São Paulo, mas aqui também na Guiné-Bissau. (B-6) ▪ Por exemplo, casas..., escolas..., hospitais, etc. (B-7) ▪ Quando alguém porta mal comigo..., eu fico nervoso. 	<p>trabalhos de casa. (B-4)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os professores aqui na escola somente dão as aulas, não fazem algo mais. (B-5) ▪ Sim, eu tenho, mas não tenho muito para fazer os trabalhos..., da escola. (B-6) ▪ Eu conheço mais as pessoas da minha idade. (B-7) ▪ Sim, não é todas as coisas que fazem os alunos. Há coisas só que fazem os alunos e há coisas só que fazem as raparigas. (B-8) ▪ Sim. Há alunos que precisam muita ajuda para fazer o trabalho da escola (...). (B-8) ▪ Dos professores. (B-8) ▪ Também..., também das suas colegas. Das tuas colegas
--	---	--

	<p>Mas eu disse para ele que não volte mais a fazer isso comigo, porque eu não gosto. (B-7)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Quando alguém se porta bem comigo..., eu também fico feliz, mas eu..., eu também comporto bem com ele. (B-7) ▪ Sim. Sim, eu recebo muito castigo. E dos professores também. (B-10) ▪ Sim, eu quero. Primeiro, eu quero dizer que a escola é muito importante. Para mim a escola é esforço, porque o meu pai me dizia:::, que..., para eu esforçar na escola. Porque a escola é futuro. Para eu posso ser amanhã também..., 	<p>também. (B-8)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Também... (dos familiares) (B-8) ▪ Meu pai, a minha mãe, vêm a escola com o pedido da diretora. (B-9) ▪ Quando eu fiz algo muito bem..., eu fico feliz. Por exemplo, se eu apanhei..., boas notas aqui em escola..., eu fico feliz. Mas quando eu fiz algo de mal, eu não..., fico feliz porque..., eu não fiz algo de bem, por exemplo, se apanhei doze eu não fico feliz. (B-10) ▪ Sim, apoiam. (em casa) ▪ Sim. Passam aqui para saber alguma coisa de..., da minha escola. (B-10)
--	--	--

	o futuro da Guiné- Bissau. (B- 10)	
--	---	--

Anexo 14: Estatuto/Regulamento Interno da Escola São Paulo.



DIOCESE DE BISSAU

ESCOLA «SÃO PAULO»

REGULAMENTO INTERNO

BISSAU, SETEMBRO DE 2019

PREÂMBULO

O presente Regulamento Interno foi elaborado pela direção da escola.

A elaboração do Regulamento Interno extrapolou os capítulos, seções e artigos descritos no presente documento e foi muito para além de meramente descrever os procedimentos e funcionamento, se refletiu sobre as práticas educativas, missão e prioridades da escola, políticas educativas, gestão e administração escolar, processo de ensino e aprendizagem e tantos outros temas que resultam na definição clara do que é educar e das metas de uma instituição escolar na Guiné-Bissau.

HISTORIAL DA ESCOLA

A Escola Católica São Paulo localiza-se no setor Autónomo de Bissau, concretamente no bairro São Paulo. Foi fundada em 1994 pelo Padre Dionísio Ferraro, missionário do PIME, com o objetivo de diminuir a alta taxa de analfabetismo que havia nesta zona, visto que há uma grande distância entre o bairro e o centro da cidade onde a maioria dos estabelecimentos do ensino se situam. É uma escola reconhecida pelo Ministério da Educação Nacional da Guiné-Bissau em 4 de Abril de 1994, faz parte das escolas diocesanas de Bissau. De construção definitiva, com oito salas de aulas e doze turmas, com capacidade de albergar 450 alunos, aproximadamente pode receber 40 alunos por turma, número suficiente para atender todas as crianças da zona em idade escolar, numa média de

250 meninos/as. É vedada, sem pavimentação, com coberturas de zinco. Tem latrinas e uma sala para os professores, uma direção, secretaria e cantina. Os pais/ encarregados da educação das crianças têm um razoável poder económico, noventa por cento (90%) deles sabem ler, com atividades laborais variáveis. As crianças, além das atividades escolares, participam nas atividades de comércio e outras atividades profissionais tais como carpintaria, mecânica, construção civil e atividades religiosas. Por se tratar de um bairro periférico de Bissau, os habitantes frequentam os centros sociais e de lazeres, entre outras, visto que o bairro oferece muitas opções nessa área. A população, na sua maioria, é da etnia papel e com mistura de outras etnias. E têm como referências, principalmente, os líderes religiosos, governantes, políticos e associação dos moradores, etc. Existem também movimentos sociais atuando no bairro e uma ONG que apoia as populações mais carentes. Na nossa escola lecionam cerca de 40 professores, quase todos com formação pedagógica. A escola abrange o primeiro e segundo ciclo do ensino básico (do 1º ano ao 6º ano). Funciona em dois períodos. O período de manhã: das 8h00 às 12h45' para 1º ciclo e tarde: das 14h00 às 18h30' para o 2º ciclo. Sendo uma escola de autogestão, consegue garantir-se financeiramente através de pagamento das propinas dos alunos. Mas, insuficiente para cobrir todas as despesas da escola. A escola católica São Paulo não vive isolada do meio em que se insere, tendo toda vantagem em estabelecer laços e parcerias. Nesta perspetiva, pretende-se continuar a promover contatos, procurar a colaboração e apoios junto dos organismos com afinidade. Assim, a escola mantém contato e colaboração com as seguintes entidades:

- Companhia Missionaria do Coração de Jesus apoia financeiramente a escola.
- FEC- Apoia na formação dos professores/Diretor na promoção e elevação do ensino e aprendizagem.

MISSÃO E VALORES DA ESCOLA

Para além da família, a escola continua a ser um dos principais agentes de formação das crianças e jovens, concorrendo hoje com outros agentes educativos, que dão também o seu contributo para este setor, especialmente os meios de comunicação social, a Internet e outras organizações de carácter religioso, social e de lazer. A formação integral do ser humano, em pleno século XXI, tem que prever a resposta às múltiplas necessidades.

A nós cabe-nos a pergunta: que missão e valores estão reservados à escola de hoje?

Na Constituição¹ da Guiné-Bissau, relativamente à educação, podemos ler no Art.º16 n.º1

“A educação visa a formação do homem. Ela deverá manter-se estreitamente ligada ao trabalho produtivo, proporcionar a aquisição de qualificações, conhecimentos e valores que permitam ao cidadão inserir-se na comunidade e contribuir para o seu incessante progresso.”

Podemos fazer um paralelismo entre a concepção educativa transcrita no ponto anterior e os quatro alicerces educativos, identificados no relatório para a UNESCO da Comissão Internacional da Educação para o Século XXI: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser². “Aprender” é o objetivo e é a palavra-chave por excelência do processo educativo:

- a) *Aprender a conhecer*
- b) *Aprender a fazer*
- c) *Aprender a ser*
- d) *Aprender a viver juntos*

a) Aprender a conhecer

Em primeiro lugar é preciso *aprender a conhecer*, ou seja, é preciso que cada indivíduo disponha de saberes e de meios para se especializar num determinado tipo de saber, sem deixar de se interessar pela cultura geral e pelo trabalho em cooperação com os outros. O processo de conhecimento nunca está acabado e, neste sentido, *aprender a conhecer* é simultaneamente um meio e uma finalidade, para que cada indivíduo possa compreender o mundo que o rodeia, possa ter capacidades profissionais e comunicativas que o qualifiquem, que lhe abram oportunidades e lhe permitam viver dignamente.

b) Aprender a fazer

¹ Constituição da Guiné-Bissau, Assembleia Nacional Popular, Dezembro de 1996.

² Delors, Jacques (1996), Educação, um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional para o Século XXI.

Ora, a consumação deste objetivo constitucional só será possível se, através da educação, as crianças e os jovens forem ensinados a valorizar a cultura e a identidade uns dos outros, aprendendo a viver juntos e em cooperação. Por um lado, conhecer outras formas de ser e de estar enriquece-nos e permite uma melhor compreensão, valorização e preservação da nossa própria identidade, história e cultura. Por outro lado, a escola deve promover oportunidades para os alunos participarem e contribuírem para a expressão e desenvolvimento da sua própria identidade, história e cultura.

A escola tem hoje a missão de preparar, ao nível científico, técnico e humano, pessoas capazes de construir a sua própria evolução individual e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento da humanidade e do país, auxiliando a implementação da paz, da estabilidade e do progresso.

É função da escola a promoção e implementação dos seguintes valores:

- a) Conhecimento especializado e geral;
- b) Dignidade na vida individual, profissional e social;
- c) Formação integral do indivíduo;
- d) Igualdade de oportunidades no acesso e processo escolares;
- e) Integração do ser humano no mundo globalizado;
- f) Desenvolvimento sustentável;
- g) Paz e estabilidade;
- h) Empenho nos estudos;
- i) Cooperação e troca de experiências no trabalho;
- j) Envolvimento das famílias e da comunidade no processo educativo;
- k) Liberdade de ensino, nos termos da Constituição da República;
- l) Defesa dos valores consignados na Declaração Universal dos Direitos do Homem, promovendo a cidadania, a democracia e os princípios moral e ético que orientem a vida e a comunidade.

INFRAESTRUTURAS E CAPACIDADE DA ESCOLA

1. A Escola «São Paulo» neste momento tem 08 salas de aulas, que funcionam em 2 períodos, os quais são distribuídos pelos alunos do 1º ao 6ºano.
2. A escola dispõe de uma sala de professores, local de encontro e de troca de experiências dos cerca de 26 docentes a lecionar nesta instituição escolar católica.
3. Desde o ano letivo 1994/1995 que a escola inicia a sua atividade, está equipada com uma biblioteca, sala de informática à disposição de alunos, professores e demais interessados.
4. A escola dispõe de várias repartições de apoio à gestão e administração escolar: gabinete do/a diretor/a, do Subdiretor/a, seção da estatística, finanças, secretaria, gabinete do conselho técnico e pedagógico, um gabinete para o conselho disciplinar.
5. A escola tem uma casa de banho com três latrinas, para alunos, professores e pessoal administrativo.

OFERTA EDUCATIVA

1. A Escola Católica «São Paulo» admite alunos do 1º ao 6ºano com a tendência de estender para os níveis seguintes.
2. A distribuição de turmas por períodos varia em função da decisão da Direção.

CAPÍTULO I: DISPOSIÇÕES GERAIS

Seção I

Natureza jurídica e princípios gerais

Artigo 1º

Objeto

1. O presente regulamento interno define o regime de funcionamento interno da Escola «São Paulo», cada um dos seus órgãos e agentes educativos, dos serviços administrativos, técnico-pedagógicos e auxiliares.
2. Estabelece o caráter estrutural e organizacional da escola, os direitos e deveres da comunidade educativa, e informa sobre questões de caráter técnico-pedagógico e disciplinar.

Artigo 2º

Âmbito de aplicação

O regulamento interno aplica-se a todos os alunos, docentes, pessoal não docente, pais e encarregados de educação e outros utilizadores dos serviços e instalações.

Natureza jurídica

Artigo 3º

A Escola «São Paulo» é um estabelecimento de ensino privado, pertencente a Igreja Católica Guineense que ministra o ensino básico e no futuro próximo, ensino secundário que, entre outros, visa atingir os seguintes objetivos:

- a) Encaminhar adequadamente as crianças e os jovens rumo ao seu desenvolvimento integral: físico, psicológico, social, moral, profissional e cultural;
- b) Ministrando uma formação geral aos seus destinatários, de modo a poderem descobrir e expandir as suas vocações, atitude crítica, capacidade de aprendizagem e raciocínio, criatividade e sensibilidade estética, numa dimensão de *saber fazer*;
- c) Inspirar nos educandos a valorização e salvaguarda da identidade cultural guineense;
- d) Formar, em liberdade de consciência, cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária, proporcionando aos alunos experiências favoráveis à sua maturidade cívica, social e afetiva, bem como a aquisição de atitudes autónomas;
- e) Contribuir para a preservação do ambiente, com vista à melhoria da qualidade de vida;
- f) Preconizar a aquisição sistemática de conhecimentos nas vertentes humanísticas, literária, artística, física, desportiva, científica, religiosa e tecnológica, indispensáveis ao ingresso consciente e voluntário na vida ativa, ao ingresso na formação profissional ou rumo ao prosseguimento de estudos;
- g) Favorecer o aprofundamento de um saber alicerçado na observação, estudo, reflexão crítica e experimentação;
- h) Conferir uma formação que, assente nas nossas realidades, seja capaz de sensibilizar os alunos para a resolução dos problemas nacionais e internacionais.

Artigo 4º

Vigência

1. O regulamento interno da escola aprovado em Assembleia Geral por maioria absoluta, é revisto ordinariamente três anos após a sua aprovação; podendo ser alterado quando necessário for, proposta pelo conselho diretivo, e levada a aprovação por maioria absoluta na Assembleia Geral.

Artigo 5º

Comunidade educativa

1. A comunidade educativa integra os alunos, os docentes, o pessoal não docente, os pais e encarregados de educação, outras entidades de carácter educativo, social, económico, religioso e cultural.
2. Iniciativa da revisão compete ao conselho diretivo e podendo ser propostada pelos docentes em número maioritário.
3. A matrícula confere ao aluno os direitos e deveres que lhe são consagrados pela lei e pelo presente regulamento interno.
4. Os docentes são os principais responsáveis pelo processo de Ensino-aprendizagem, sendo-lhe consagrados os direitos e deveres previstos na lei e no presente regulamento interno. Devem promover medidas de carácter pedagógico que estimulem o desenvolvimento educativo, quer nas atividades realizadas em salas de aulas, quer noutras atividades da escola.
5. Os pais e encarregados de educação são responsáveis pela educação dos seus educandos e pelo desenvolvimento físico, intelectual e moral dos mesmos. Têm o direito e o dever de participar na vida da escola e de acompanhar o percurso escolar dos seus educandos, para além de todos os direitos e deveres consagrados na lei e no presente regulamento.
6. Os elementos que compõem os órgãos de gestão e administração escolar são responsáveis pela criação de condições para a concretização dos objetivos educativos e escolares.
7. Os trabalhadores são responsáveis pela manutenção e higiene da escola, em colaboração com os restantes elementos da comunidade educativa. Devem ainda incentivar aos alunos respeito pelas regras de convivência e promover a prevenção de problemas comportamentais.
8. Ao pessoal não docente é reconhecido o conjunto de direitos e deveres previstos no presente regulamento, nomeadamente os referentes a toda a comunidade escolar e às suas funções específicas, bem como na lei.

Artigo 6º

Património

1. Constituem património da escola, todos os equipamentos ou bens móveis ou imóveis recebidos ou adquiridos legalmente pela direção da escola.

2. O património da escola é inalienável, salvo autorização prévia da Diocese em consonância com a Companhia Missionária ou **Assembleia Geral** da escola.

CAPÍTULO II: FUNCIONAMENTO E ORGANIZAÇÃO

Seção II

Funcionamento e Organograma da escola

Artigo 7º

Funcionamento das aulas

O funcionamento harmonioso das aulas exige o cumprimento das seguintes regras:

- a) Os alunos devem entrar e sair das salas de aulas de forma disciplinada;
- b) No primeiro tempo de cada período, os alunos têm a tolerância de 5 minutos e docentes têm uma tolerância de 10 minutos, após os quais deve ser registada a falta. Nos restantes tempos, os alunos e os docentes devem estar na aula à hora do início;
- c) Quando não têm aulas, os alunos devem permanecer na sala durante o período correspondente ao horário da aula, a estudar, sem fazer barulho;
- d) Os alunos não podem permanecer junto às salas e no recreio, durante os períodos letivos. Apenas podem permanecer no recreio durante os intervalos;
- e) Sempre que uma atividade extra-escolar interfira no normal funcionamento das aulas, é necessária a autorização do/a Diretor/a, e deste fato tem de ser dado conhecimento atempado aos outros docentes da turma;
- f) Os alunos não podem comparecer com chinelos de banho;
- g) Os alunos devem apresentar-se na escola com o respetivo uniforme:

<i>ENSINO BÁSICO 1º CICLO</i>	
1º Ano	Calças ganga azul; camisola branca com o símbolo da escola
2º Ano	Calças ganga azul; camisola branca com o símbolo da escola
3º Ano	Calças ganga azul; camisola branca com o símbolo da escola
4º Ano	Calças ganga azul; camisola branca com o símbolo da escola
<i>ENSINO BÁSICO 2º CICLO</i>	
5º Ano	Calças ganga azul; camisola branca com o símbolo da escola
6º Ano	Calças ganga azul; camisola branca com o símbolo da escola
<i>ENSINO BÁSICO 3º CICLO</i>	

7º Ano	Calças ganga a definir; camisola a def...com o símbolo da escola...
--------	---

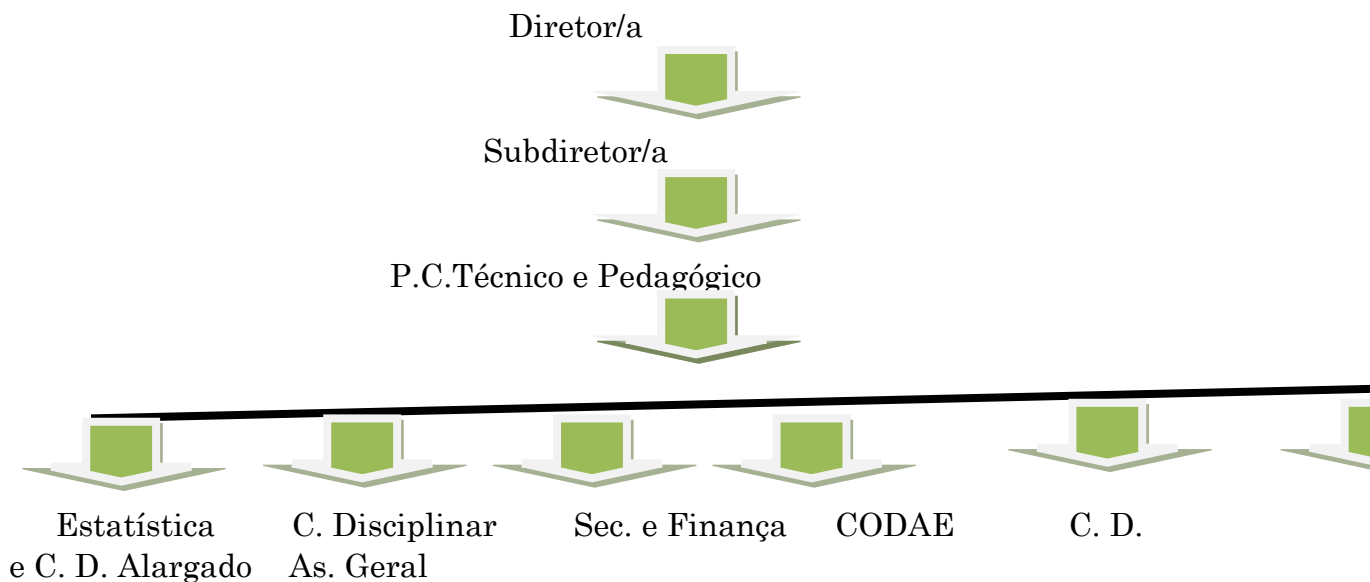
Artigo 8º

Aulas de substituição

1. Caso seja possível confirmar atempadamente a falta de um docente, outro docente da turma pode aproveitar o tempo letivo para lecionar a sua disciplina, devendo para o efeito avisar o contínuo.
2. No caso de ausência, de curta duração (uma semana antes), por parte de um docente responsável por uma disciplina, este pode ser substituído nos seguintes termos:
 - a) Por permuta entre docentes habilitados para a leção da disciplina, no âmbito do mesmo coletivo, que estejam a par do programa;
 - b) A permuta deve ser autorizada pelo presidente do conselho técnico e pedagógico e dar conhecimento ao subdiretor;
 - c) O docente substituto deve ser avisado com a antecedência necessária e ter horário disponível para a permuta.

Artigo 9º

Organograma



Seção III

Órgãos e funcionários da comunidade escolar

Designação, competências e funcionamento

Subseção I

Diretor/a

Artigo 10º

Designação do/a diretor/a

O/a Diretor/a é o/a responsável máximo/a de administração e gestão da escola nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial.

Artigo 11º

Competências do/a diretor/a

1. No plano da gestão pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial, compete exclusivamente ao/à Diretor/a:
 - a) Exercer as competências que lhe forem delegadas pela Companhia Missionária e outras entidades da administração educativa;
 - b) Nomear, por ordem de serviço, os responsáveis de todos os órgãos da escola;
 - c) Presidir à Comissão de Gestão de Fundos, às reuniões do Conselho Diretivo, Conselho Diretivo Alargado e às reuniões da Assembleia Geral;
 - d) Elaborar o relatório anual de execução das atividades;
 - e) Assinar e autenticar os certificados e declarações passadas pela secretaria, bem como outros documentos relativos à escola;
 - f) Estabelecer parcerias com outras escolas, associações ou instituições, de âmbito nacional ou internacional;
 - g) Proceder à seleção e recrutamento do pessoal não docente contratado, nos termos das orientações dadas pela Diocese ou pela Companhia Missionária;
 - h) Fazer os contratos com outras entidades, públicas ou privadas, para a construção e manutenção das infraestruturas e materiais da escola.
2. No plano da gestão pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial, compete ao/à Diretor/a em geral:
 - a) Dirigir, orientar e coordenar as atividades e serviços da escola;
 - b) Garantir e supervisionar o desenvolvimento das atividades técnico-pedagógicas da escola;
 - c) Zelar pelo cumprimento das leis e do regulamento interno;
 - d) Representar a escola em todos os atos em que esta intervenha;
 - e) Supervisionar a constituição de turmas e a elaboração de horários;
 - f) Superintender o serviço docente e não docente;
 - g) Exercer o poder hierárquico em relação aos docentes e pessoal não docente;
 - h) Manter e promover o relacionamento cooperativo de trabalho com os docentes, os alunos, os pais e com os demais elementos da comunidade escolar;
 - i) Exercer o poder disciplinar em relação aos alunos, em articulação com o Conselho Disciplinar; apreciando e decidindo sobre os recursos interpostos contra as decisões do Conselho Disciplinar;
 - j) Garantir ou proceder à avaliação de desempenho do pessoal docente e não docente, conforme as orientações do Ministério da Educação;

- k) Gerir as instalações, espaços e equipamentos, bem como os outros recursos educativos, em articulação com os órgãos envolvidos;

Artigo 12º

Funcionamento

1. O/a Diretor/a é nomeado/a, por tempo indeterminado, em regime de comissão de serviço, pela Companhia Missionária;
2. O/a Diretor/a pode delegar ao Subdiretor ou a um dos membros do conselho diretivo as competências não exclusivas referidas no nº 2 do artigo anterior atendendo a matéria em causa;
3. Na sua falta ou impedimento definitivo, o/a Diretor/a é substituído/a por outra pessoa indigitada pela Companhia Missionária para assegurar as competências deste/a;

Subseção II

Subdiretor/a

Artigo 13º

4. O/a Subdiretor/a substitui o/a Diretor/a nas competências delegadas.

Subseção III

Conselho Técnico e Pedagógico

Artigo 14º

Designação

1. O Conselho Técnico e Pedagógico é o órgão responsável pelo processamento, publicação e arquivo das classificações dos alunos em articulação com o/a Subdiretor/a ou com o/a Diretor/a, fazem a coordenação, supervisão pedagógica e orientação educativa da escola, acompanhando os alunos e o pessoal docente.

Artigo 15º

Composição

1. O Conselho Técnico e Pedagógico tem a seguinte composição:
 - a) Presidente;
 - b) Secretário.
2. Estão também sob a coordenação do Conselho Técnico e Pedagógico, as seguintes estruturas de organização pedagógica:
 - a) Coordenadores dos níveis;
 - b) Diretores de turmas;

Artigo 16º

Competências

1. Compete ao presidente do Conselho Técnico e Pedagógico:
 - a) Representar o Conselho Técnico e Pedagógico nas reuniões de Conselho Diretivo;

- b) Organizar e coordenar o trabalho de confecção, publicação e arquivo das pautas com as classificações dos alunos;
- c) Trabalhar em articulação com a seção de Estatística e Secretaria, fornecendo e confirmando os dados relativos às notas dos alunos, nomeadamente para efeitos de reconhecimento das declarações ou certificados requeridos na Secretaria;
- d) Organizar e coordenar a elaboração dos horários das turmas e dos professores;
- e) Distribuir tarefas pelos diferentes elementos do órgão que preside, com vista à execução das competências técnicas atribuídas;
- f) Reunir com os professores no sentido de organizar, deliberar e esclarecer diferentes questões de carácter pedagógico-didático, como a organização das planificações, acompanhamento pedagógico ou a avaliação de alunos;
- g) Coordenar a definição de critérios gerais nos domínios da informação e da orientação escolar, do acompanhamento pedagógico e da avaliação dos alunos;
- h) Identificar necessidades de formação e propor medidas de apoio ao exercício das atividades dos professores;
- i) Reunir com os professores por forma a definir e esclarecer diferentes questões relativas à conduta e deontologia profissional do pessoal docente;
- j) Deliberar sobre a reclamação de notas dos alunos, em conjunto com o diretor de turma ou coordenador de nível depois de ouvir o professor da disciplina;
- k) Ordenar a extração das faltas dadas pelos professores para efeitos de reclamação;
- l) Exigir aos professores a entrega atempada das fichas de avaliação.

2. Compete ao secretário:

- a) Elaborar a ata das reuniões do conselho técnico e pedagógico;
- b) Afixar avisos, comunicados ou outras informações emitidas pelo Conselho Técnico e pedagógico;
- c) Coadjuvar o presidente do Conselho Técnico e Pedagógico, no exercício das suas funções.

Artigo 17º

Funcionamento

1. O presidente do Conselho Técnico e Pedagógico é nomeado pelo/a Diretor/a de entre os docentes, que tenham pelo menos cinco anos de tempo de serviço e se encontrem em exercício de funções na escola.
2. O presidente do Conselho Técnico e Pedagógico faça a proposta de nomeação ao/à diretor/a do secretário deste órgão.
3. O exercício do mandato de cada elemento do Conselho Técnico e Pedagógico pode cessar antes do termo previsto, no final do ano letivo,

a pedido do elemento referido ou por proposta fundamentada ao/à Diretor/a da escola, depois de ouvido o Conselho Diretivo.

4. O horário letivo do presidente do Conselho Técnico e Pedagógico e dos seus colaboradores deve ser reajustado, de forma a permitir o exercício eficaz das suas funções.

Subseção IV

Estatística

Artigo 18º

Designação

O órgão de Estatística é responsável pelo processo de matrículas, bem como pelo tratamento e sistematização dos dados relativos às turmas e aos processos dos alunos e docentes da escola.

Artigo 19º

Composição

Compõem o órgão de Estatística e, os seguintes elementos:

- a) Presidente;
- b) Secretário.

Artigo 20º

Competências

1. Compete ao presidente da Estatística:
 - a) Representar o órgão a que preside no Conselho Diretivo;
 - b) Coordenar o processo de elaboração de matrículas, designando para o efeito uma comissão de matrículas;
 - c) Coordenar os trabalhos respeitantes ao órgão.
2. Compete o secretário:
 - a) Atender os alunos para solucionar problemas relativos às matrículas, às listas de alunos por turma e aos cartões de aluno;
 - b) Elaborar as listas de alunos por turmas;
 - c) Tratar e sistematizar os dados relativos às turmas e aos processos dos alunos da escola, ou outros pedidos pela Direção, pela Diocese ou pelo Ministério da Educação.

Artigo 21º

Funcionamento

1. O presidente da Estatística é nomeado pelo/a Diretor/a de entre os docentes, que tenha pelo menos três anos de tempo do serviço e se encontra em exercício de função na escola.
2. O presidente da Estatística propõe a nomeação ao/à diretor/a de secretário.

Subseção V**Secretaria****Artigo 22º****Designação**

A Secretaria existe no âmbito de atendimento aos alunos, encarregados de educação, professores e ao público, para tratamento de questões de carácter administrativo (documentação). A Secretaria abrange ainda a seção de recursos e património, a seção de higiene e saneamento e a seção dos funcionários auxiliares da escola.

Artigo 23º**Composição**

- a) Chefe de Secretaria;
- b) Operadores de secretaria:
 - i. Exator/a;
 - ii. Pessoal de limpeza;
 - iii. Contínuos.

Artigo 24º**Competências**

Cabe ao chefe de Secretaria:

- a) Representar, junto do/a Diretor/a e nas reuniões de Conselho Diretivo, todas as seções e trabalhadores afetos à Secretaria;
- b) Coordenar o trabalho das diferentes seções de Secretaria;
- c) Coordenar o trabalho realizado pelos trabalhadores auxiliares (serventes, e contínuos);
- d) Comunicar aos trabalhadores auxiliares qualquer informação superior;
- e) Comunicar ao/à Diretor/a qualquer anomalia ao funcionamento, por si observada na escola ou pelos trabalhadores;
- f) Mobilizar a comunidade escolar para desenvolver hábitos de limpeza, manutenção e embelezamento do espaço;
- g) Mobilizar a comunidade escolar para a utilização dos caixotes do lixo disponíveis na escola;
- h) Trabalhar em colaboração com outros elementos da comunidade escolar: docentes, alunos, pais e encarregados de educação;
- i) Trabalhar em parceria com as autoridades Camarárias, de forma a criar condições à condução de resíduos para locais próprios de armazenamento e tratamento;
- j) Incentivar à redução, reutilização e reciclagem de materiais;
- k) Sensibilizar a comunidade escolar para a necessidade de implementar práticas de carácter ambiental;
- l) Sensibilizar as vendedoras, instaladas junto à escola, sobre a necessidade de manter a higiene e limpeza nas proximidades da escola;

- m) Controlar o cumprimento, por parte dos alunos, das regras de higiene;
- n) Elaborar e propor um plano de limpeza do recinto escolar e zelar pelo seu cumprimento;
- o) Organizar periodicamente campanhas de sensibilização para a limpeza e ornamentação do espaço escolar, em coordenação com a Direção, e com os restantes órgãos e elementos da comunidade escolar;
- p) Cuidar dos materiais disponíveis para limpeza da escola;
- q) Criar e zelar pelos espaços verdes no recinto escolar;
- r) Fazer o inventário de todo o material existente na escola, de carácter imóvel e móvel;
- s) Proceder ao levantamento das necessidades de recuperação das Infraestruturas existentes, sempre que necessário;
- t) Zelar pela conservação dos recursos e do património escolar, comunicando à Direção qualquer atentado à referida conservação;
- u) Mobilizar a comunidade escolar para a necessidade de desenvolverem boas práticas ao nível da preservação e manutenção do património escolar;

Artigo 25º

Funcionamento da Secretaria

1. A seção de Secretaria Geral tem um representante geral, nomeado pelo/a Diretor/a.
2. Os diferentes elementos da Secretaria devem comparecer às reuniões convocadas pelo Chefe de Secretaria.

Subseção VI

Conselho Disciplinar

Artigo 26º

Designação

O Conselho Disciplinar é um órgão deliberativo, com competência para instaurar processos disciplinares e tomar medidas ou decisões adequadas para a resolução de incidentes disciplinares.

Artigo 27º

Composição

O Conselho Disciplinar é composto por:

- a) Presidente;
- b) Secretário;

Artigo 28º

Competências

1. É função do conselho disciplinar, sob a coordenação do seu presidente:

- a) Evitar que o normal funcionamento das aulas, de qualquer outro serviço ou atividade, seja perturbado por qualquer elemento da escola ou exterior à mesma;
 - b) Analisar e decidir os processos instaurados contra os alunos;
 - c) Registrar e aplicar as decisões tomadas;
 - d) Em casos considerados mais graves, em que uma advertência ou repreensão escrita não sejam considerados suficientes, convoca o encarregado de educação do aluno que cometeu infrações, bem como o/a subdiretor/a ou o/a diretor/a, para que estes participem nas deliberações.
2. Compete ao presidente do conselho disciplinar:
- a) Representar o órgão no conselho diretivo;
 - b) Convocar e dirigir as reuniões do conselho disciplinar;
 - c) Zelar pelo bom funcionamento do conselho disciplinar;
 - d) Zelar pela ordem disciplinar entre a comunidade escolar.
3. Compete ao secretário:
- a) Coadjuvar o presidente nas suas funções;
 - b) Substituir o presidente nas suas funções e impedimentos.
 - c) Secretariar as reuniões do conselho e elaborar as respetivas atas, bem como os processos disciplinares movidos contra alunos infratores.

Artigo 29º

Funcionamento

- 1. Reuniões e convocatórias: o conselho disciplinar deve reunir duas vezes por mês, para analisar os processos e casos pendentes.
- 2. Reunirá extraordinariamente:
 - a) Para decidir processos instaurados;
 - b) Sempre que o seu presidente entenda ser necessário.
- 3. Todas as decisões tomadas no âmbito do processo disciplinar são suscetíveis de recurso, exceto as advertências e repreensão registada. Os recursos serão analisados pelo/a Subdiretor/a ou pelo/a Diretor/a.

Subseção VII

Departamento de Finanças

Artigo 30º

Designação

O departamento das Finanças é a seção responsável pela manutenção dos fundos da escola, sob as decisões tomadas pelo Conselho Diretivo ou pela Companhia Missionária.

Artigo 31º

Competências

- a) Fazer a manutenção dos fundos da escola, obedecendo às ordens de pagamentos, depósitos e levantamentos dados pelo/a Diretor/a;
- b) Fazer o registo de todas as despesas, bem como entradas de dinheiro (relativas a propinas e outros honorários), preenchendo uma grelha mensal, que pode ser consultada pela Companhia Missionária;
- c) Remunerar as atividades realizadas internamente.

Subseção VIII

CODAE

Comissão Organizadora das Atividades Extra-Curriculares

Artigo 32º

Designação

A Comissão para o Desenvolvimento das Atividades **Extra-Curriculares** é a estrutura dinamizadora e executora das atividades desta natureza, a implementar pela escola ao longo do ano.

Artigo 33º

Composição

A Comissão para o Desenvolvimento das Atividades Extra-Curriculares é composta por:

- a) Presidente;
- b) Secretário;
- c) Membros – elementos do pessoal docente e não docente da escola que, em cada ano, sejam nomeados para a dinamização das atividades. Podem ser integrados membros de outra natureza (por exemplo, ex- docentes) desde que sob autorização expressa do Conselho Diretivo).

Artigo 34º

Competências

Sob a coordenação do presidente, compete ao órgão CODAE:

- a) Coordenar e fazer o acompanhamento das atividades extra-curriculares da sua responsabilidade;
- b) Propor, no início do ano letivo, a realização de atividades extra-curriculares, relativas a:
 - i. Assuntos culturais e desportivos;
 - ii. Promoção feminina;
 - iii. Intercâmbios;
 - iv. Incerramento ou passeio.
- c) Propor o orçamento para as atividades a realizar;
- d) Apresentar à Direção o relatório final das atividades;
- e) Articular esforços de coordenação com as demais associações (de estudantes, de pais), órgãos, docentes e alunos, para a mobilização

e participação máxima da comunidade escolar nas atividades promovidas pela escola.

Artigo 35º

Funcionamento

1. O presidente da CODAE é nomeado pelo/a Diretor/a.
2. O presidente da CODAE propõe a nomeação ao/à diretor/a de um secretário e definir o conjunto de membros que irá integrar a Comissão em cada ano letivo.
3. O presidente da CODAE é responsável por representar este órgão no Conselho Diretivo.
4. Os elementos constituintes da CODAE devem reunir sempre que necessário para a execução das atividades.
5. A CODAE deve ser informada das atividades com antecedência mínima necessária à preparação das mesmas.
6. O exercício de qualquer função da CODAE é gratuito, sem qualquer justificativo por trabalho extra-escolar prestado em dias de descanso semanal, feriado ou férias.

Subseção IX

Conselho Diretivo

Artigo 36º

Definição

O Conselho Diretivo é o órgão deliberativo em matéria pedagógica e administrativo-financeira da escola.

Artigo 37º

Composição

O Conselho Diretivo tem a seguinte composição:

- a) O/a Diretor/a, que o preside;
- b) O/a Subdiretor/a;
- c) Os responsáveis de cada órgão (Conselho Técnico e Pedagógico; Conselho Disciplinar; Estatística; Departamento de Finanças; CODAE e Secretaria).

Artigo 38º

Competências

O Conselho Diretivo tem as seguintes competências:

- a) **Discutir, deliberar e aprovar os planos de atividades propostos pelos diferentes órgãos de administração e gestão escolar;**
- b) **Definir o calendário anual interno, a partir das orientações da Diocese e do Ministério;**
- c) **Aprovar o projeto de orçamento anual da escola;**

- d) **Aprovar o relatório de contas de gerência;**
- e) **Autorizar a realização de despesas e o respectivo pagamento, fiscalizar a cobrança de receitas e verificar a legalidade da gestão financeira da escola;**
- f) **Zelar pela atualização do cadastro patrimonial da escola.**

Artigo 39º

Funcionamento

1. O Conselho Diretivo **reúne ordinariamente uma vez por mês** e extraordinariamente sempre que o presidente o convoque, por sua iniciativa ou a requerimento de qualquer dos restantes membros.
2. As deliberações / decisões levadas a votação são aprovadas por maioria absoluta (50% mais 1).

Artigo 40º

Conselho diretivo alargado

1. Quando necessário, o Conselho Diretivo pode ser alargado aos restantes membros de cada órgão, nomeadamente aos, secretários, representante de pais e encarregados de educação, representante de professores, e de alunos, constituindo-se neste caso um Conselho Diretivo Alargado.
2. As deliberações / decisões levadas a votação são aprovadas por maioria absoluta (50% mais 1).

Seção IV

Assembleia Geral

Artigo 41º

Definição e competências

1. A Assembleia Geral consiste numa reunião anual entre todo o pessoal docente e não docente, realizada com o objetivo de discutir todos os aspetos administrativos, pedagógicos, disciplinares e financeiros relativos à escola.
2. A Assembleia Geral é responsável pela aprovação do regulamento interno da escola, bem como de outros documentos submetidos.

Artigo 42º

Composição

1. Para além do pessoal docente e não docente, podem ser convocados os representantes dos pais e encarregados de educação e dos alunos.
2. Após a aprovação do presente instrumento de regulação interna, é necessário a sua disseminação junto dos demais parceiros.

Artigo 43º

Funcionamento

1. A Assembleia Geral é convocada pelo/a Diretor/a, com a afixação da respetiva convocatória com a antecedência mínima de 48 horas;

podendo ser extraordinariamente convocada por um terço do pessoal docente e não docente.

2. As deliberações / decisões levadas a votação são aprovadas por maioria absoluta (50% mais 1).

CAPÍTULO III: ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA

Seção V

Coordenadores do 1º ciclo e Diretores de turma

Artigo 44º

Designação

Os diretores de turma e responsável da biblioteca devem colaborar com o Conselho Técnico e Pedagógico e com o/a Subdiretor/a ou ainda com o/a Diretor/a, no sentido de assegurarem respetivamente a coordenação, o acompanhamento e a dinamização das atividades pedagógicas.

Artigo 45º

Composição

- a) Chefes do 1º ciclo;
- b) Coordenadores de grupo disciplinar;
- c) Diretores de turma;
- d) Responsável da biblioteca.

Artigo 46º

Diretor/a de Turma

Competências:

- a) Informar os alunos da sua direção de turma, no início do ano, sobre as questões pedagógicas e disciplinares que enquadram o funcionamento da escola e das aulas;
- b) Reunir com os pais e encarregados de educação, no início do ano, para informá-los sobre as questões pedagógicas, disciplinares e financeiras que enquadram o funcionamento da escola e das aulas;
- c) Resolver casos disciplinares que ocorram na sua direção de turma. Em casos mais graves, deve encaminhá-los para o Conselho Disciplinar;
- d) Receber e arquivar as justificações de faltas entregues pelos alunos da sua direção de turma;
- e) Comunicar aos encarregados de educação as faltas não justificadas dadas pelos alunos, pelo menos quando o aluno atingir metade do limite de faltas e a totalidade;
- f) Reservar uma hora semanal para receber os pais;
- g) Extrair as faltas dos alunos, que deverão acompanhar as pautinhas de notas em cada período.

Artigo 47º

Bibliotecário

1. O bibliotecário é responsável pelo funcionamento, manutenção e dinamização da biblioteca, devendo para o efeito ter o seguinte perfil:
 - a) Comunicar fluentemente em língua portuguesa;
 - b) Ter conhecimento de informática (Word; Excel; PowerPoint; Internet Explorer);
 - c) Saber desenvolver pesquisas bibliográficas e na Internet;
 - d) Saber organizar e gerir atividades formativas;
 - e) Ser uma pessoa responsável, rigorosa e sociável.
2. Competências:
 - a) Zelar pela organização e preservação do espaço do centro (biblioteca, sala de informática, sala de formação);
 - b) Gerir os recursos e fazer a manutenção do centro, em coordenação com a Direção;
 - c) Promover a dinamização cultural do espaço do centro;
 - d) Coordenar e orientar o trabalho dos colaboradores do centro;
 - e) Coordenar as atividades incluídas no Plano Anual de Atividades, desenvolvidas pelos grupos disciplinares (coletivos) e/ ou aprovadas pelo Conselho Diretivo ou pela Direção, no que respeita à utilização da biblioteca;
 - f) Comunicar à Direção as dificuldades e necessidades sentidas neste espaço;
 - g) Fazer relatórios trimestrais/ anuais, que incluam a avaliação das atividades;

Artigo 48º

Funcionamento

Chefes do 1º ciclo, diretores de turma e responsável da biblioteca.

1. O chefe do 1º ciclo é indigitado ao cargo pelo conselho técnico e pedagógico;
2. Os diretores de turma do 2º ciclo são indigitados ao cargo pelo Conselho Técnico e Pedagógico;
3. As atas das reuniões feitas pelo/a Diretor/a de Turma devem ser apresentadas ao Conselho Técnico e Pedagógico;
4. Deve proceder-se à redução da carga horária dos coordenadores e dos diretores de turma.

Seção VI

Atividades de enriquecimento curricular ou de complemento educativo

Artigo 49º

Plano anual de atividades pedagógicas, recreativas e culturais

1. Todos os elementos da escola (docentes, coletivos, associação de estudantes e outros) que pretendam desenvolver atividades de enriquecimento curricular ou extra-curriculares, que decorram fora do contexto de sala de aulas, devem apresentar as suas propostas ao Conselho Técnico e Pedagógico durante o primeiro mês de aulas.
2. O conjunto de atividades propostas que forem aceites, em conselho diretivo, constituirá o plano de atividades pedagógicas, recreativas e culturais da escola, em cada ano letivo.
3. As propostas devem ser apresentadas através do preenchimento de um formulário próprio, onde deverão identificar: os objetivos da atividade, os recursos necessários (físicos, materiais, financeiros), a calendarização, os responsáveis, o público-alvo/ os participantes.
4. A deliberação sobre as atividades propostas é da responsabilidade do conselho diretivo e deverá considerar a conjugação com o calendário das atividades pedagógicas curriculares, especialmente no que respeita aos momentos de avaliação.
5. Outras atividades que venham a ser propostas após a aprovação do plano anual de atividades pedagógicas, recreativas e culturais, estarão sujeitas à aprovação da direção.
6. Algumas das atividades habitualmente realizadas na escola, pela sua natureza e implicações, exigem a definição prévia de algumas regras de execução. Nomeadamente as atividades referentes a:
 - a) Festa de Natal;
 - b) Dia da escola;
 - c) Carnaval na Escola;
 - d) Visitas de estudo;
 - e) 1º de junho;
 - f) Prémio de mérito aos alunos destacados;
 - g) Festa de Finalistas;
 - h) Encerramento das atividades.

Artigo 50º

Dia da Escola

1. O Dia da Escola celebra-se anualmente, no dia 25 de janeiro, com o objetivo de homenagear o patrono da Escola, divulgar os objetivos e atividades da Escola, desenvolver campanhas de sensibilização para determinadas temáticas selecionadas, fomentar a participação de todos os elementos da comunidade educativa na vida da escola.
2. Esta atividade deve estar prevista no plano anual de atividades, sendo a sua organização da responsabilidade da direção.

3. Até uma semana antes do Dia da Escola, deve ser afixado o programa descritivo do tipo de atividades a realizar e respetivo horário.
4. É incentivada a participação de todos os docentes, pessoal não docente, alunos, pais e encarregados de educação.

Artigo 51º

Visitas de estudo e intercâmbio

1. A realização de visitas de estudo só pode fazer-se mediante a sua aprovação no Plano de Atividades, devendo enquadrar-se nos objetivos educativos da disciplina que promove a atividade.
2. Uma semana antes da realização da visita de estudo, o(s) docente (s) responsáveis pela visita de estudo, devem entregar na Direção um plano de trabalho da visita e a identificação dos elementos que nela vão participar (alunos e docentes responsáveis e acompanhantes).
3. Deve ser pedida autorização, por escrito, aos pais e encarregados de educação dos alunos menores.

Artigo 52º

Organização e realização das Festas

1. Os eventos constantes do artigo 50º nº 6 do presente Regulamento Interno, atribui poderes à CODAE e aos visados para a realização dos mesmos.
2. A CODAE e os visados, após a realização dos eventos, devem no prazo de 30 dias apresentar à Direção o relatório final das actividades e das despesas.

Artigo 53º

Prémio de Mérito aos Alunos destacados

1. O prémio de mérito para os melhores alunos deve ser encarado como uma forma simbólica de compensar o mérito, a excelência e o bom desempenho escolar dos alunos.
2. Entende-se por “mérito” a obtenção mínima pelo aluno de uma classificação média igual ou superior a 15 (Bom), numa escala de 0 a 20;
3. Será premiado o aluno de cada ano que tiver a melhor média no final do ano letivo;
4. Em caso de empate, será considerado como segundo critério a classificação obtida à disciplina de Português; como terceiro critério de desempate, será considerada a classificação obtida à disciplina de Matemática;

5. Qualquer processo disciplinar, registado por escrito, que o aluno candidato tenha sofrido durante o ano, será motivo de exclusão do prémio de mérito;
6. Caso se verifique a situação prevista no número anterior, será considerado o aluno que imediatamente a seguir obedeça aos critérios definidos;
7. Para o melhor aluno, do 1º ao 6º ano, será atribuído como prémio materiais escolares;
8. A proposta de atribuição do prémio de mérito, relativamente a cada ano, é da competência do conselho diretivo, precedida da apreciação das pautas por parte do Conselho Técnico e Pedagógico deste estabelecimento de ensino;
9. A proposta do conselho diretivo devidamente fundamentada deverá conter a cópia do boletim de matrícula e a “ficha de registo” do aluno. A ficha de registo do aluno inclui as respetivas classificações, a média final, o registo de assiduidade e o parecer do conselho disciplinar;
10. A decisão relativa ao prémio de mérito é tomada pelo conselho diretivo até ao final do ano lectivo;
11. Concessão dos prémios e dos diplomas:
 - a) É da competência da direção da escola a concessão dos prémios de mérito, bem como a entrega dos diplomas de mérito no final do ano letivo seguinte;
12. O prémio de quadro de honra é atribuído por trimestre.

CAPÍTULO IV: ESTRUTURAS DE APOIO EDUCATIVO

Seção VII

Biblioteca

Artigo 54º

Enquadramento

1. Cada utilizador deve solicitar ao bibliotecário ajuda para consultar livros.
2. Depois de escolher o livro que pretende consultar, deverá entregar um documento de identificação pessoal ao colaborador, de forma a proceder à requisição do mesmo.
3. Depois de terminada a consulta, o material requisitado deve ser entregue ao colaborador, de modo a que este registe a sua devolução e proceda à sua arrumação.

4. Em caso algum, o utilizador poderá levar o material para fora da biblioteca. As consultas são sempre efetuadas na biblioteca e não se efetuam empréstimos domiciliários.
5. Caso o utilizador não faça a devolução do material requisitado, será obrigado a pagar o valor do mesmo e poderá ser impedido de voltar a usar os recursos da biblioteca.

CAPÍTULO V: DIREITOS E DEVERES

Seção VIII

Direitos e Deveres da Comunidade Escolar

Artigo 55º

Enquadramento

Fazem parte da comunidade escolar todos os alunos e docentes, todos os responsáveis pela gestão e administração escolar, o pessoal não docente, os pais e encarregados de educação.

Artigo 56º

Direitos

Todo o elemento da comunidade escolar tem o direito de:

- a) Ser respeitado e tratado com correção pelos restantes elementos da comunidade escolar;
- b) Ser respeitado nas suas diferenças culturais, sociais e religiosas;
- c) Ver respeitada a sua segurança e integridade física;
- d) Beneficiar de espaços limpos, arejados e sem poluição;
- e) Participar, individualmente ou através dos seus representantes, na elaboração e revisão do regulamento interno;
- f) Participar nas atividades educativas, formativas, cívicas, culturais e recreativas desenvolvidas na escola;
- g) Beneficiar de condições – físicas, materiais, humanas, higiénicas, sanitárias e remuneratórias – para a realização das atividades letivas e não letivas, inerentes ao funcionamento da escola e necessárias ao cumprimento dos seus propósitos educativos e formativos;
- h) Ser informado sobre todos os procedimentos e alterações relativas ao funcionamento da escola e ao processo de ensino-aprendizagem;
- i) Conhecer as leis, bem como as normas de funcionamento dos serviços da escola e o regulamento interno da mesma;
- j) Aprender e comunicar em Língua Portuguesa;
- k) Dispor de todas as condições necessárias à execução das suas funções;
- l) Ser assistido de forma pronta e adequada em caso de acidente ou doença súbita, ocorrido ou manifestado no decorrer das atividades escolares;

- m) Ser tratado com equidade, sem favoritismos, pelos restantes elementos da comunidade escolar;
- n) Poder defender-se relativamente a qualquer falta de que seja acusado e ser ouvido relativamente a todos os casos disciplinares em que esteja envolvido;
- o) Gozar de quaisquer trâmites legais aplicáveis, em vigor ou que venham a ser aprovados, obedecendo ao espírito da lei;
- p) Ter um espaço definido, na escola, para afixação de informações, horários, avisos, etc.

Artigo 57º

Deveres

Todo o elemento da comunidade escolar tem o dever de:

- a) Ser assíduo, pontual e empenhado no cumprimento do seu trabalho;
- b) Tratar com respeito e correção qualquer membro da comunidade escolar;
- c) Contribuir para a harmonia da convivência escolar e para a plena integração na escola de todos os alunos, docentes e demais pessoal não docente, respeitando as diferenças sociais, culturais e religiosas;
- d) Participar nas atividades educativas, formativas, cívicas e culturais desenvolvidas na escola;
- e) Respeitar a integridade física e moral de todos os membros da comunidade, prestando auxílio e assistência sempre que necessário;
- f) Zelar pela preservação, conservação e asseio das instalações, do material didático, do mobiliário e dos espaços verdes da escola, fazendo uso correcto dos mesmos;
- g) Respeitar todas as condições necessárias à realização das actividades letivas (evitando especialmente o ruído junto às salas) e não letivas;
- h) Conhecer e cumprir as leis, bem como as normas de funcionamento dos serviços da escola e do regulamento interno;
- i) Aprender e comunicar em Língua Portuguesa;
- j) Não possuir e não consumir drogas, tabaco ou bebidas alcoólicas, não usar chapéus e fones nem promover qualquer forma de tráfico, facilitação e consumo das mesmas;
- k) Não praticar qualquer ato ilícito;
- l) Prestar auxílio e assistência aos restantes membros da comunidade escolar e educativa, de acordo com a circunstância de perigo para a sua integridade moral e física;
- m) Manter intacto o espaço definido pela Direção para a afixação de informações, horários, avisos, etc.

Seção IX
Direitos e deveres dos alunos
Artigo 58º

Direitos

Para além dos direitos aplicados a toda a comunidade escolar, qualquer aluno tem o direito de:

- a) Beneficiar de uma educação de qualidade, conforme previsto na lei, em condições de igualdade de oportunidades, de forma a poder realizar aprendizagens bem sucedidas;
- b) Usufruir de um ambiente escolar e educativo que proporcione as condições para o seu desenvolvimento físico, intelectual, moral cultural e cívico;
- c) Ver reconhecido e valorizado o mérito, a dedicação e o esforço no trabalho e no desempenho escolar;
- d) Usufruir de um horário escolar adequado ao ano frequentado, bem como de uma planificação equilibrada das actividades curriculares e extra-curriculares;
- e) Beneficiar dos apoios e serviços auxiliares necessários às suas aprendizagens;
- f) Ver garantida a confidencialidade das informações sobre o seu processo individual, de natureza pessoal e familiar;
- g) Conhecer o regulamento interno da escola e ser informado sobre todos os assuntos do seu interesse, nomeadamente sobre os planos de estudo em curso, o progresso e objetivo de cada disciplina, os critérios de avaliação, bem como questões ligadas a matrículas, a apoios sócio-educativos, sobre normas de funcionamento e utilização das instalações, sobre todas as atividades e iniciativas na escola que respeitem aos alunos;
- h) Ter participação activa nas aulas, expor as suas dúvidas e ser atendido convenientemente;
- i) Propor, organizar ou participar em iniciativas que promovam a sua formação, o desenvolvimento cultural ou a ocupação de tempos livres;
- j) Participar na vida da escola, designadamente através dos seus representantes: chefes de turma e associação de estudantes;
- k) Eleger os seus representantes, nomeadamente o chefe de turma no início do ano e na presença do diretor de turma, e o presidente da associação de estudantes por altura destas eleições;
- l) Apresentar críticas e sugestões relativamente ao funcionamento da escola e ser ouvido pelos docentes, diretores de turma, órgãos de gestão e administração da escola, em todos os assuntos que justificadamente forem do seu interesse;

Artigo 59º

Deveres

Para além dos deveres aplicados a toda a comunidade escolar, qualquer aluno tem o dever de:

- a) Estudar;
- b) Ser assíduo, pontual e empenhado no cumprimento de todos os seus deveres escolares;
- c) Respeitar o decorrer harmonioso das aulas, evitando interrompê-las inoportunamente;
- d) Apresentar-se na escola com o respetivo uniforme;
- e) Seguir as orientações dos docentes relativos ao seu processo de aprendizagem;
- f) Agir com seriedade na execução das provas e trabalhos escolares;
- g) Apresentar-se nas aulas com todo o material recomendado pelos docentes;
- h) Justificar as suas ausências;
- i) Respeitar as instruções da direção, do pessoal docente e dos funcionários;
- j) Ter um comportamento exemplar, cumprindo todas as regras de funcionamento da escola e respeitando docentes, funcionários e restante comunidade educativa;
- k) Colaborar na conservação e asseio de todo o património, recursos e espaços verdes da escola: não danificar carteiras, mesas, paredes e demais equipamentos;
- l) Participar, sem prejuízo das atividades letivas, nas atividades educativas, cívicas, recreativas, desportivas e culturais desenvolvidas pela escola, bem como nas demais atividades organizativas que requeiram a participação dos alunos;
- m) Falar a língua portuguesa, dentro da sala de aula e no recinto escolar;
- n) Participar na eleição do presidente da associação de estudantes e podendo participar na vida associativa.

Artigo 60º

Proibições

Qualquer aluno está proibido de:

- a) Usar telemóveis durante as aulas, bem como jogos, máquinas fotográficas ou outros elementos perturbadores;
- b) Comer ou mastigar qualquer coisa dentro da sala de aula;
- c) Sujar ou riscar as carteiras, as paredes ou o quadro informativo;
- d) Deixar lixo e restos espalhados pelo chão;
- e) Danificar ou usar os materiais ou equipamento de forma incorreta;
- f) Usar qualquer objeto cortante ou considerado perigoso, na sala de aula, no recinto escolar ou nas aulas de educação física.
- g) Usar vocabulário grosseiro, em qualquer circunstância;
- h) Entrar na escola embriagado;
- i) Usar qualquer forma de discriminação, nomeadamente discriminação por questões sociais, familiares, de género, de religião ou de política.
- j) Vender no recinto escolar e na sala de aula.

Seção X
Direitos e deveres do pessoal docente
Artigo 61º

Direitos

Para além dos direitos aplicados a toda a comunidade escolar, qualquer professor tem o direito de:

- a) Ver garantidos todos os direitos estabelecidos para os funcionários e agentes do Estado, bem como outros direitos previstos na lei (salário, férias, etc.);
- b) Participar no processo educativo, nas áreas do ensino, da escola, da sala de aula e da relação escola-meio;
- c) Ter acesso à formação e informação para o exercício da função educativa;
- d) Receber apoio técnico, material e documental;
- e) Ter garantia de segurança na atividade profissional;
- f) Negociar coletivamente, nos termos legalmente previstos;
- g) Ter a consideração e colaboração de toda a comunidade educativa;
- h) Conhecer o regulamento interno da escola e ser informado sobre todos os assuntos de interesse profissional para os docentes;
- i) Exercer livremente a sua atividade sindical, sempre no respeito pela lei e pelas opções de terceiros.

Artigo 62º

Deveres

Para além dos deveres aplicados a toda a comunidade escolar, qualquer docente tem o dever de:

- a) Cumprir todos os deveres estabelecidos para os trabalhadores afetos a Diocese e em particular a Companhia Missionária, bem como outros deveres previstos na lei;
- b) Cumprir o seu horário de aulas, de forma assídua e pontual;
- c) Participar na organização e assegurar a realização das atividades letivas;
- d) Gerir o processo de ensino-aprendizagem, no âmbito dos programas definidos;
- e) Comparecer às reuniões quando solicitado;
- f) Planificar e preparar as suas aulas e avaliar os alunos, de acordo com o estabelecido pelo coletivo e pelo Conselho Técnico e Pedagógico;
- g) Acompanhar e prestar assistência ao aluno, relativamente ao seu processo de aprendizagem;
- h) Contribuir para a formação e realização integral (intelectual, moral, psicológica, física) do aluno;
- i) Comunicar ao conselho disciplinar, através do coordenador de turma indicado, qualquer ocorrência de carácter disciplinar;
- j) Entregar em tempo útil as fichas de avaliação ao coordenador de grupo disciplinar ou ao Conselho Técnico-Pedagógico;

- k) Justificar as suas ausências à Direção, no período máximo de 48 horas após a falta;
- l) Ter um comportamento exemplar, cumprindo e promovendo nos alunos todas as regras de funcionamento da escola e da comunidade;
- m) Implementar regras de convivência em sala de aula, promovendo a boa relação entre aluno e docente, o zelo pelo património e o primado do processo de ensino-aprendizagem;
- n) Empenhar-se e concluir as ações de formação em que participar, especialmente as incluídas no horário do docente;
- o) Enriquecer e partilhar os recursos educativos, bem como utilizar meios educativos inovadores que reforcem a qualidade da educação e do ensino;
- p) Participar nas atividades educativas, cívicas, recreativas, desportivas e culturais desenvolvidas na escola, bem como nas demais atividades organizativas que requeiram a participação dos docentes;
- q) Co-responsabilizar-se e supervisionar a preservação e uso adequado dos equipamentos e instalações e propor medidas de melhoramento e renovação;
- r) Manter os órgãos de gestão da escola informados e cooperar na resolução dos problemas detectados no funcionamento das escolas e das aulas;
- s) Obedecer às ordens e instruções legítimas no contexto das relações estabelecidas na escola;
- t) Cumprir, com diligência, as suas obrigações académicas;
- u) Falar em língua portuguesa, dentro da sala de aula e no recinto escolar.

Artigo 63º

Proibições

Qualquer docente está proibido de:

- a) Cobrar qualquer valor monetário ou não monetário, ou outros favores;
- b) Usar vocabulário grosseiro, em qualquer circunstância;
- c) Entrar na escola e lecionar embriagado;
- d) Usar qualquer forma de discriminação, nomeadamente discriminação por questões sociais, familiares, de género, de religião ou de política.

Seção XI

Direitos e deveres do pessoal não docente

Artigo 64º

Direitos

Para além dos direitos aplicáveis a toda a comunidade escolar, são direitos do pessoal não docente:

- a) Ter as condições necessárias à realização das suas funções e ser informado de todos os assuntos relacionados com o conteúdo funcional da sua atividade;
- b) Participar em ações de formação e valorização profissional;
- c) Solicitar aos restantes membros da comunidade escolar, a maior colaboração na limpeza e asseio dos espaços e na preservação e manutenção do património;
- d) Merecer igual atenção, respeito e consideração da comunidade escolar, independentemente a categoria ou cargo que desempenha.

Artigo 65º

Deveres

Para além dos deveres aplicáveis a toda a comunidade escolar, são deveres do pessoal não docente:

- a) Participar de forma ativa nas atividades da escola, executando as funções com zelo, honestidade, disciplina, interesse e espírito de iniciativa;
- b) Colaborar com os restantes elementos no acompanhamento e integração dos alunos na comunidade educativa, incentivando o respeito pelas regras de convivência, promovendo um bom ambiente educativo;
- c) Advertir os alunos que não respeitem as regras estipuladas no regulamento interno e comunicar ao conselho disciplinar ocorrências disciplinares que decorram no recinto escolar, sempre que necessário;
- d) Procurar garantir a conservação das instalações e bens da escola, bem como o asseio dentro da escola e nas suas imediações;
- e) Participar qualquer ocorrência, estrago ou extravio, logo que dele tenha conhecimento;
- f) Realizar atividades atribuídas durante o horário estipulado, só se ausentando por motivo de força maior ou por deliberação superior.

Seção XII

Direitos e deveres dos pais e encarregados de educação

Artigo 66º

Direitos

1. Os pais e encarregados de educação são responsáveis pela defesa e a promoção da educação e ensino dos seus filhos e/ou educandos.
2. Todos os pais e encarregados de educação têm o direito de:
 - a) Ser informados sobre todas as matérias relevantes no processo educativo do seu educando;
 - b) Participar nas atividades escolares;
 - c) Participar nos processos eleitorais de acordo com a legislação vigente e o presente regulamento interno;

- d) Recorrer e ser atendido pela direção da escola, mediante marcação sempre que possível, se o assunto a tratar ultrapassar a competência do diretor de turma ou na ausência prolongada deste.

Artigo 67º

Deveres

Todos os pais e encarregados de educação têm o dever de:

- a) Participar nas atividades desenvolvidas pela Escola;
- b) Acompanhar a evolução dos seus educandos;
- c) Colaborar, em conjunto com os órgãos de gestão, na resolução de problemas que afetem a vida escolar dos seus educandos;
- d) Participar, nos termos da lei, na administração e gestão do estabelecimento de ensino;
- e) Eleger um representante;
- f) Efetuar reuniões com os órgãos de administração e gestão, sempre que solicitadas por estes ou pelo seu representante (presidente da associação de pais);
- g) Beneficiar de informação da escola.
- h) Eleger um representante, podendo participar ativamente na Associação de Pais e Encarregados de Educação.

CAPÍTULO VI: PROCEDIMENTOS DISCIPLINARES

Secção XIII

Das medidas educativas disciplinares aos alunos

Artigo 68º

Medidas educativas disciplinares aos alunos

1. O aluno está sujeito à aplicação de medidas educativas disciplinares sempre que comprovadamente contrarie as normas de conduta e de convivência estabelecida pela escola, praticando quaisquer atos contrários aos seus deveres e que perturbem os direitos dos restantes membros da escola.
2. O comportamento do aluno que traduza o incumprimento de deveres é passível de aplicação de uma das medidas educativas disciplinares previstas no artigo seguinte.

Artigo 69º

Advertências e medidas disciplinares ao aluno

O aconselhamento, o diálogo e a advertência oral são as primeiras formas de atuação face a um comportamento menos adequado dos alunos, sempre com o objetivo de contribuir para a formação integral dos mesmos. Caso estas formas de atuação se revelem insuficientes, face à reincidência ou à gravidade do caso, o conselho disciplinar pode empreender as seguintes medidas:

- a) Repreensão registada, comunicada ao encarregado de educação;

- b) Atividade de integração na comunidade, como por exemplo a limpeza da escola;
- c) Suspensão da frequência da escola até dez dias úteis;
- d) Transferência de escola;
- e) Expulsão da escola.

Artigo 70º

Adequação da medida educativa disciplinar

Na determinação da medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória aplicável deve ser tido em consideração: a gravidade do incumprimento do dever violado, a idade do aluno, o grau de culpa, o seu aproveitamento escolar anterior, o meio familiar e social em que o mesmo se insere, os seus antecedentes disciplinares e todas as demais circunstâncias em que a infração foi praticada que militem contra ou a seu favor.

Artigo 71º

Participação escrita ao Conselho Disciplinar

1. Sempre que o comportamento do aluno seja passível de ser considerado grave haverá lugar à participação escrita ao Conselho Disciplinar, para efeito de eventual procedimento disciplinar.
2. A participação escrita a que se refere o número anterior deverá ter os seguintes elementos:
 - a) Identificação do participante;
 - b) Identificação do participado;
 - c) Data, hora e local da ocorrência;
 - d) O relatório sucinto dos fatos;
 - e) A identificação de eventuais testemunhas.
3. A participação deve ser entregue ao Conselho Disciplinar imediatamente após a verificação do comportamento que descreve, a fim de permitir uma rápida atuação.
4. Após a verificação a que se refere o número anterior, qualificado o comportamento objeto de participação, o Conselho Disciplinar aplica uma das medidas educativas disciplinares da sua competência, para efeito de instauração de procedimento disciplinar.

Artigo 72º

Deliberação sobre os processos disciplinares

1. O conselho disciplinar só pode deliberar validamente com a presença de pelo menos três quartos dos seus membros;
2. A deliberação é tomada por votação maioritária.

Artigo 73º

Decisão final e notificação

1. A decisão final do procedimento disciplinar e a sua notificação é da competência do conselho disciplinar.

2. A notificação é feita na pessoa do aluno que foi alvo de processo disciplinar, devendo este, caso seja menor, estar acompanhado do seu encarregado de educação.

Artigo 74º

Suspensão Preventiva

1. Durante a instauração do procedimento disciplinar, o aluno poderá excepcionalmente ser suspenso preventivamente da frequência da escola, se a sua frequência perturbar a instrução do processo ou regular desenvolvimento das atividades escolares, sendo a decisão e o seu fundamento comunicado imediatamente ao encarregado de educação.
2. A aplicação da suspensão preventiva não deverá exceder cinco dias úteis, prazo máximo para a conclusão do procedimento disciplinar.
3. As ausências do aluno resultantes da suspensão preventiva não podem ser consideradas no respetivo processo de avaliação.

CAPÍTULO VII: PROCEDIMENTOS ADMINISTRATIVOS E HONORÁRIOS

Seção XIV

Matrículas e sua anulação

Artigo 75º

Matrículas e inscrições

1. É adquirida a qualidade de aluno após a matrícula;
2. O ato de inscrição permite ao aluno a frequência das aulas após a matrícula;
3. As matrículas processam-se de acordo com o calendário definido pela Companhia Missionário ou pela Diocese;
4. Apresentação de documentos:

Alunos internos

- a) Cédula para os de 1º ciclo
- b) Bilhete de Identidade para os de 2º ciclo;
- c) Boletim de inscrição com cópia da Cédula ou do Bilhete de Identidade válida anexada;
- d) Duas fotografias;
- e) Atestado médico (caso doente).

Alunos externos

- a) Cédula para os de 1º ciclo
- b) Bilhete de Identidade para os de 2º ciclo;

- c) Boletim de inscrição com cópia de peça de Identidade válida anexada;
- d) Duas fotografias;
- e) Certificados de habilitações literárias;
- f) Atestado médico (caso doente).

Artigo 76º

Anulação de matrícula

Para anulação da matrícula, o aluno tem que entregar na secretaria da escola uma minuta própria em papel selado, com assinatura reconhecida pelo cartório notarial local. Desta forma, o aluno garante o lugar de matrícula relativo ao ano seguinte.

Seção XV

Certificados, Declarações ou Diplomas

Artigo 77º

Pedido de certificados, declarações ou diplomas

1. A autenticação dos certificados é da responsabilidade do Ministério da Educação;
2. O pedido de certificado de anos terminais e não terminais, o aluno tem que entregar na secretaria da escola uma minuta própria em papel selado, com assinatura reconhecida pelo cartório notarial local, anexando uma cópia de B.I. A cobrança de taxas e emolumentos, segue a seguinte Quadro:

	Papel selado	Emolumentos	Valor selado	Total
Declarações				
Pedidos de certificado normal	2000	1500	4000 (1)	7500
Pedido de certificado urgente	3000	2000	4000 (1)	9000
Diplomas				5000

(1)

Fiscal 1000
Asst 500
Rec. 500

CAPÍTULO VIII : DISPOSIÇÕES FINAIS

Artigo 78º

Casos Omissos

Sem prejuízo do quadro legislativo em vigor, os casos omissos neste regulamento serão analisados pelos órgãos de administração e gestão da escola, que decidirão em conformidade com as suas competências e com a legislação em vigor.

Artigo 79º

Divulgação do Regulamento Interno

A consulta ao Regulamento Interno, como documento primeiro da organização e modo de funcionamento da escola, é proporcionada a todos os membros da comunidade educativa, estando disponível na Direção da escola para as consultas.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

- **Constituição da República da Guiné-Bissau**, de Dezembro de 1996;
- **Proposta de Lei de Bases do Sistema Educativo**, Janeiro de 2010;
- Decreto nº 7/2007 de 12 de Novembro de 2007 – **Obrigatoriedade do uso da Língua Portuguesa**;
- Decreto-Lei nº36.508 de Setembro de 2001 e Despacho nº53/GM/01 – **Matrículas**;
- **Declaração Universal dos Direitos do Homem** (1948);
- **Declaração Universal dos Direitos da Criança** (1959);
- **A Recomendação da OIT/UNESCO de 1966 relativa ao Estatuto dos Professores**;
- Delors, Jacques (1996), *Educação, um Tesouro a Descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional para o Século XXI;

- Furtado, Alexandre Brito (2005). *Administração e Gestão da Educação na Guiné-Bissau: incoerências e descontinuidades*. Universidade de Aveiro – Departamento de Ciências da Educação.

Artigo 80º

Entrada em vigor do Regulamento Interno

O presente regulamento entra em vigor até trinta dias após a sua aprovação em Assembleia Geral.

Aprovado em:

Bissau, aos 07 dias do mês de setembro do ano 2019

A Diretora da Escola «São Paulo»

Dra. Antonieta N'Dequi

Anexo 15: Modelo de Projeto Educativo da Escola São Paulo (não atualizado).**PROJECTO EDUCATIVO****ESCOLA SÃO PAULO****Caracterização**

A Escola Católica São Paulo localiza-se no sector Autónomo de Bissau, concretamente no bairro São Paulo. Foi fundada em 1994 pelo padre Dionísio Ferraro, missionário do PIME, com o objetivo de diminuir a alta taxa de analfabetismo que havia nesta zona, visto que há uma grande distância entre o bairro e o centro da cidade onde a maioria dos estabelecimentos do ensino se situam. É uma escola reconhecida pelo Ministério da Educação Nacional da Guiné-Bissau em 4 de Abril de 1994, faz parte das escolas diocesanas de Bissau. De construção definitiva, com oito salas de aulas e doze turmas, com capacidade de albergar 450 alunos, aproximadamente pode receber 40 alunos por turma, numero suficiente para atender todas as crianças da zona em idade escolar, numa media de 250 meninos/as. É vedada, sem pavimentação, com coberturas de zinco. Tem latrinas e uma sala para os professores, uma direção e secretaria, sem biblioteca, horta e cantina. Os pais e encarregados da educação das crianças tem um razoável poder económico, na sua maioria noventa por cento (90%) sabem ler, com atividades laborais variáveis. As crianças, além das atividades escolares, participam nas atividades de comércio e outras atividades profissionais tais como carpintaria, mecânica, construção civil e atividades religiosas. Por se tratar de um bairro periférico de Bissau, os habitantes frequentam os centros sociais e de lazeres, entre outras, visto que o bairro oferece muitas opções nessa área. A população, na sua maioria, são da etnia papel e com mistura de outras etnias. E têm como referências, principalmente, os líderes religiosos, governantes, políticos e associação dos moradores, etc. Existem também movimentos sociais atuando no bairro e uma ONG que apoia as populações mais carentes. Na nossa escola lecionam 24 professores, entre os quais 23 com formação pedagógica e um sem formação. A escola abrange o primeiro e segundo ciclo do ensino básico (do 1º ano ao 6º ano). Funciona em dois turnos diurnos: o de manhã- das 8h00 às 12h45 minutos para 1º ciclo e o da tarde- das 14h00 às 18h30 minutos para o 2º ciclo. O período de manhã abrange uma média de 300 alunos e o período da tarde 130, totalizando 430 alunos. Sendo uma escola de autogestão, consegue garantir-se financeiramente através de pagamento das propinas dos alunos, dinheiro insuficiente para cobrir todas as despesas da escola. A escola católica de São Paulo não vive isolada do meio em que se insere, tendo toda vantagem em estabelecer laços e parcerias. Nesta perspetiva, pretende-se continuar a promover contactos e a procurar a colaboração e apoios junto dos organismos com afinidade. Assim, a escola mantém contacto e colaboração com as seguintes entidades:

- Companhia Missionaria do Coração de Jesus- apoia financeiramente a escola.

- FEC- Apoia na formação dos professores/Diretor na promoção e elevação do ensino e aprendizagem.

Diagnóstico

Anos de escolaridade	Matricula inicial			Matricula final			Abandono			Aprovados			Reprovados		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
1º Ano	48	36	84	46	36	82	02	00	02	42	29	71	04	07	11
2º Ano	33	32	65	33	32	65	00	00	00	32	31	63	01	01	02
3º Ano	35	42	77	34	41	75	01	01	02	33	39	72	01	02	03
4º Ano	37	37	74	37	37	74	00	00	00	37	35	72	00	02	02
Total	153	147	300	150	146	296	03	01	04	144	134	278	06	12	18

No primeiro ciclo o sucesso escolar foi de 278 alunos (94%) e o insucesso foi de 18 alunos (6%). Os alunos mais fortes são o 2º e 4º ano de escolaridade, com duas reprovações cada. O ano mais fraco é o 1º ano com 11 reprovações durante o ano letivo. Abandono escolar é de 4 alunos (1,3%), sendo que os alunos do 1º e do 3º ano são os que mais abandonaram, 2 alunos cada (0,6%), maioria são do sexo masculino, 3 alunos.

Anos de Escolaridade	Matricula Inicial			Matricula Final			Abandono			Aprovados			Reprovados		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
5º Ano	31	44	75	31	43	74	00	01	01	31	42	73	00	01	01
6º Ano	27	29	56	27	29	56	00	00	00	27	28	55	00	01	01
Total	58	73	131	58	72	130	00	01	01	58	70	128	00	02	02

No segundo ciclo o sucesso escolar foi de 128 alunos (98,4%) e o insucesso foi de 2 alunos (1,6%). Abandonaram a escola 1 aluno (0,7%). Sendo que a única reprovação é do sexo feminino.

Ano de Escolaridade	Disciplinas					
	<i>Língua Portuguesa</i>		<i>Matemática</i>		<i>Ciências Integradas</i>	
	Alunos	%	Alunos	%	Alunos	%
1º Ano	14	16,8 %	09	10,8 %	13	15,6 %
2º Ano	06	9 %	02	3 %	02	3 %
3º Ano	10	12,9 %	06	7,7 %	02	2,5 %
4º Ano	03	4 %	13	17,5 %	13	17,5 %
5º Ano	01	1 %	14	18,9 %	00	00 %

6º Ano	12	21 %	06	10,7 %	00	00 %
Total	56	64 %	50	68,6 %	30	38,6 %

Na nossa escola os níveis com maiores problemas na língua portuguesa são os do 1º, 3º e 6º ano com 14, 10, 12 alunos cada e com as percentagens de 16,8%, 12,9% e 21% respetivamente. E, em matemática os níveis com maiores problemas são 1º, 4º, 5º e 6º ano com 9, 13, 14 e 6 alunos cada e com as percentagens de 10,8%, 17,5%, 18,9% e 10,7% respetivamente.

Na nossa escola verifica-se muita assiduidade por parte dos alunos. E os professores também são muito assíduos.

O relacionamento dos professores com a associação dos pais e encarregados da educação dos alunos é bem próximo. Os membros de APEEA são atendidos sempre que procuram as informações na escola. A maioria dos pais comparece à escola quando chamados e os casos de pais que não comparecem na primeira convocação são convocados novamente.

A) Pontos Fortes:

- Sucessos do primeiro ciclo são de 94% na avaliação interna da escola;
- Sucessos do segundo ciclo são de 98,4% na avaliação interna da escola;
- Resultados apresentados pelos alunos do 2º, 4º, 5º e 6º ano de escolaridade;
- A existência de latrinas e água potável na escola;
- Relação entre os encarregados de educação dos alunos com os professores;
- Presença assídua dos alunos e professores na escola;
- Baixa taxa de abandono;
- Boa infraestrutura com vedação e segurança;
- Parceiros com algumas entidades que apoiam a escola.

B) Pontos Fracos:

- Elevado número de reprovação no 1º ano de escolaridade;
- Fracos resultados apresentados pelos alunos do 1º, 3º e 6º ano na língua portuguesa;
- Fracos resultados apresentados pelos alunos 1º, 4º, 5º e 6º ano na matemática;
- Excesso de alunos nas turmas do 1º ano;
- Falta de horta escolar para assegurar a cantina escolar;
- Inexistência de cantina na escola;
- Não pavimentação da escola;
- Não existência de regulamento interno;
- Não existência do comité de gestão;
- Falta de biblioteca;

- Falta de rede de internet.

Visão

Será a escola com mais sucesso a nível do Sector Autónomo de Bissau, fruto da qualidade do ensino.

Missão

Cumprir o serviço comunitário da educação em articulação com o Ministério da Educação Nacional, otimizando um modelo pedagógico centrado na melhoria da aprendizagem dos alunos.

Objetivos

- Manter o nível de sucesso dos alunos da escola;
- Baixar o elevado número de reprovação nos níveis do 1º, 3º e 6º ano de escolaridade;
- Elaborar, aprovar e aplicar o regulamento interno;
- Instalar uma biblioteca;
- Instalar rede de internet;
- Construir/Implementar a cantina escolar;
- Pavimentar o recinto escolar.

Estratégias 1

- A) Criar e atribuir diplomas de quadros de honras para os alunos com melhores resultados;
- B) Trabalhar nas comissões de estudos com os alunos e entre alunos com maiores dificuldades a fim de poderem uns e outros;
- C) Motivar os pais e encarregados da educação no sentido de apoiar e ajudar os seus educandos em casa e atribuir diplomas de reconhecimento aos pais e encarregados da educação dos alunos com melhores resultados.

Estratégias 2

- A) Reunir com os professores que lecionam os níveis em causa a fim de identificar os problemas e respetivas soluções para os mesmos;
- B) Criar aulas de reforço durante as férias, para os alunos em causa;

- C) Reunir com os pais/encarregados de educação desses alunos, informando-lhes das dificuldades e incentiva-los a ajudar/apoiar os educandos em casa;

Estratégias 3

- A) Criar uma equipa de trabalho para elaboração, apresentação e aprovação do regulamento interno da escola;
- B) Elaborar um regulamento interno e apresentar nas reuniões com os professores e encarregados da educação;
- C) Elaborar e facultar as cópias aos diferentes grupos da comunidade escolar para os devidos pareceres e posterior aprovação e aplicação.

Estratégias 4

- A) Elaboração de um microprojecto e apresentar aos parceiros da escola;
- B) Sensibilizar os membros da comunidade escolar sobre as necessidades de instalação de uma biblioteca;
- C) Realizar algumas atividades recreativas e culturais para angariar fundos para a compra de livros.

Estratégias 5

- A) Criar parcerias com as diferentes empresas de telecomunicações existentes no país;
- B) Reunir com os pais e encarregados da educação propondo-lhes a ideia de instalação de internet na escola através de um fundo participado entre os pais e a escola;
- C) Propor um acréscimo no valor da propina que irá reverte-se para instalação de internet e fixar um valor de contribuição no da mesma para garantir a sua manutenção.

Estratégias 6

- A) Fazer carta de pedido de apoio à PLAN e PAM para o fornecimento de géneros alimentícios;
- B) Reunir os pais e encarregado da educação a fim de sensibiliza-los sobre a necessidade de uma cantina escolar e propor método de participação para a sua instalação;

- C) Construir um espaço para a cantina e reunir com as mulheres vendedoras a fim de ceder-lhes o espaço para venda pequenas refeições.

Estratégias 7

- A) Angariar fundos provenientes da poupança de fundos da propina para a pavimentação do recinto;
 B) Elaborar um microprojecto e apresenta-lo aos parceiros da escola;
 C) Solicitar o apoio dos pais e encarregado de educação no sentido de darem o seu apoio no possível.

Metas:


1. Manter durante cada ano a taxa de sucesso escolar, sem ultrapassar seis (6%) de insucesso;
2. Reduzir o número de reprovações nos níveis do 1º, 3º e 6º de escolaridade sem ultrapassar dois (2) alunos por cada nível;
3. Ter até ao final do primeiro trimestre do ano letivo 2017/2018 o regulamento interno feito, aprovado e em uso na escola;
4. Até final do ano letivo 2018/2019 ter uma biblioteca a funcionar na escola;
5. Ter internet instalado na escola até ao início do ano letivo 2019/2020;
6. Instalar cantina escolar o mais tardar até ao fim do primeiro trimestre do ano letivo 2018/2019;
7. Ter o recinto escolar pavimentado até ao final do ano letivo 2019/2020.

Avaliação:

- a) Em cada trimestre será feita uma avaliação do projeto, baseado no mapa estatístico e no plano de atividades com os seguintes indicadores:
- ✓ Resultados obtidos nas provas trimestrais;
 - ✓ Absentismo;
 - ✓ Abandono;
 - ✓ Mapa estatístico trimestral;
 - ✓ Resultados das disciplinas;
 - ✓ Mapa de faltas trimestrais dos docentes;
 - ✓ Presença nas reuniões trimestrais com os pais e encarregados da educação.


- b) Acompanhamento periódico do grau de execução das ações do projeto educativo, através de monitorização do docente, APEEA e a direção da escola.
- c) No final do ano letivo, será feita uma avaliação da execução do projeto tendo em conta as análises trimestrais, e produzindo um relatório anual da avaliação com análise dos seguintes indicadores:
 - Diferença entre as matriculas (inicial e final), nº de aprovações; nº de reprovações; presença nas reuniões trimestrais com os pais e encarregados da educação dos alunos;
 - Aspectos a avaliar: abandono escolar; sucesso educativo; formação pedagógica do docente; envolvimento dos pais e encarregados da educação na vida da escola;
 - Avaliação da implementação de alguns objetivos que constam no projeto, tais como: Elaboração, Aprovação e Aplicação do Regulamento Interno; Instalação da Biblioteca; Construção e Implementação de Cantina Escolar; e Pavimentação do Recinto Escolar.
 - Aprovação das estratégias dos pais e encarregados de educação;
 - Entrega da versão final até ao dia 13/12/2017.

Anexo 18: Lista de Presenças nas Reuniões da Escola.

 República da Guiné-Bissau Ministério da Educação Nacional DIOCESE DE BAFATÁ ESCOLA DO ENSINO BÁSICO "SÃO PAULO" Conselho Técnico Pedagógico Ano Letivo: 2019/2020				
Lista de Presença (Reunião)				
Assunto(s)/Ordem do dia:				
Nº	Nome(s)	Disciplina	Turmas	Contacto(s)
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
16				
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				
24				
25				
26				
27				
/a Responsável:			Data: ____/____/20____	

Fonte: Conselho Técnico e Pedagógico da Escola São Paulo.


Anexo 19: Lista de Contribuição de Solidariedade.

<div style="text-align: center;">  </div>				
República da Guiné-Bissau				
Ministério da Educação Nacional				
DIOCESE DE BAFATÁ				
ESCOLA DO ENSINO BÁSICO "SÃO PAULO"				
Conselho Técnico Pedagógico				
Ano Letivo: 2019/2020				
				Valor base: 1.000 cfa
Lista de Solidariedade para com o/a:				
Motivo:				
Nº	Nome(s)	Contribuição	Contacto(s)	Data
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
16				
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				
24				
25				
26				
27				
O/a Responsável: _____			Data: ____/____/20____	

Fonte: Conselho Técnico e Pedagógico da Escola São Paulo.

Anexo 20: Grelha de Poupanças Individuais dos Funcionários.


Fonte: Conselho Técnico e Pedagógico da Escola São Paulo.

<div style="text-align: center;">  República da Guiné-Bissau Ministério da Educação Nacional DIOCESE DE BAFATÁ ESCOLA DO ENSINO BÁSICO "SÃO PAULO" Ano Letivo: 2019/2020 </div>										
Grelha de Poupanças Individuais										
Nº	Nome(s)	Meses								
		Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										
12										
13										
14										
15										
16										
Nº	Nome(s)	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
17										
18										
19										
20										
21										
22										
23										
24										
25										
26										
27										
28										
29										
30										

Assinatura do/a Responsável: _____


Data: ____/____/20__

Anexo 21: Exemplar de Lista de Presença dos Pais/Encarregados de Educação.

<div style="text-align: center;">  República da Guiné-Bissau Ministério da Educação Nacional Diocese de Bafatá ESCOLA DO ENSINO BÁSICO "SÃO PAULO" Ano Letivo: 2019/2020 LISTA DE PRESENÇA DOS ENCARREGADOS - REUNIÕES </div>							
1º Ano - A			Assunto/s:				
Nº	Nome do/a aluno/a	Sexo	Nome do Encarregado	Sexo	Grau de Parentesco	Bairro	Contacto
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							
9							
10							
11							
12							
13							
14							
15							
16							
17							
18							
19							
20							
21							
22							
23							
Nº		Sexo	Nome do Encarregado	Sexo	Grau de Parentesco	Bairro	Contacto
24							
25							
26							
27							
28							
29							
30							
31							
32							
33							
34							
35							
36							
37							
38							
39							
40							
41							
Assau, _____ de _____ de 20____ D/a Prof. Auxiliar: _____ D/a Prof. Titular: _____			NOTA: O CTP: _____ <i>Rui Pedro Mendes</i>				

Fonte: Conselho Técnico e Pedagógico da Escola São Paulo.

Anexo 22: Modelo de Planificação das Aulas, dos Professores.


 República da Guiné-Bissau
 Ministério da Educação Nacional
 Escola do Ensino Básico **“SÃO PAULO”**
CONSELHO TÉCNICO PEDAGÓGICO

PLANIFICAÇÃO MENSAL		ANO LETIVO: ____/____.	
Disciplina:	Nível:	Mês:	
Turma (s):	OBS:		
Professor/a: _____			

SEMANA 1	SUMÁRIO/CONTEÚDO	OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS/MÉTODOS/TÉCNICAS
----------	------------------	-----------	------------------------------

Dia _____ ao dia _____ Nº de aulas: _____.			
<u>Observações:</u>		<u>Meios/materiais:</u>	<u>Avaliações:</u>
SEMANA 2	SUMÁRIO/CONTEÚDO	OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS/MÉTODOS/TÉCNICAS
Dia _____ ao dia _____ Nº de aulas: _____.			

<u>Observações:</u>		<u>Meios/materiais:</u>		<u>Avaliações:</u>	
SEMANA 3	SUMÁRIO/CONTEÚDO	OBJETIVOS		ESTRATÉGIAS/MÉTODOS/TÉCNICAS	
Dia ____ ao dia ____ Nº de aulas: _____.					
<u>Observações:</u>		<u>Meios/materiais:</u>		<u>Avaliações:</u>	

SEMANA 4	SUMÁRIO/CONTEÚDO	OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS/MÉTODOS/TÉCNICAS
-----------------	-------------------------	------------------	-------------------------------------

Dia _____ ao dia _____ Nº de aulas: _____.			
<u>Observações:</u>	<u>Meios/materiais:</u>		<u>Avaliações:</u>
SEMANA 5	SUMÁRIO/CONTEÚDO	OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS/MÉTODOS/TÉCNICAS
Dia _____ ao dia _____ Nº de aulas: _____.			

<u>Observações:</u>	<u>Meios/materiais:</u>	<u>Avaliações:</u>

Bissau, ____/____/____.

O CTP: _____

Visto do Coordenador da


Disciplina:_____.

Fonte: Conselho Técnico e Pedagógico da Escola São Paulo.

Anexo 23: Dados Estatísticos Gerais dos Alunos.

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div> <p>República da Guiné-Bissau</p> <p>Ministério da Educação Nacional</p> <p>DIOCESE DE BAFATA</p> <p>ESCOLA DO ENSINO BÁSICO "SÃO PAULO"</p> <p>DADOS ESTATÍSTICOS GERAIS DOS ALUNOS DO ANO LETIVO: 2019/2020</p> </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;"> <p>A Diretora</p> </div> </div>									
1º CICLO									
SAIA N°	TURMA	M	%	F	%	Nº Total de Alunos	% Total	Nº Professores	
	1º - A	23	56%	18	44%	41	100%		
	1º - B	24	59%	17	41%	41	100%		
	2º - A	16	44%	20	56%	36	100%		
	2º - B	18	46%	21	54%	39	100%		
	3º - A	17	43%	23	58%	40	100%		
	3º - B	16	43%	21	57%	37	100%		
	4º - A	18	45%	22	55%	40	100%		
	4º - B	21	53%	19	48%	40	100%		
TOTAL =	8 Turmas	153		161		314			
2º CICLO									
SAIA N°	TURMA	M	%	F	%	Nº Total de Alunos	% Total	Nº Professores	
	5º - A	17	47%	19	53%	36	100%		
	5º - B	16	46%	19	54%	35	100%		
	6º - A	17	47%	19	53%	36	100%		
	6º - B	18	50%	18	50%	36	100%		
TOTAL =	4 Turmas	68		75		143			
TOTAL	MASCULINO		%						
TOTAL	FEMININO		%						
GERAL	457		100%						
3º CICLO									
TURMAS	M	%	F	%	TOTAL	%			
1º - A	0	0%	0	0%	0	0%			
1º - B	0	0%	0	0%	0	0%			
2º - A	0	0%	0	0%	0	0%			
2º - B	0	0%	0	0%	0	0%			
3º - A	0	0%	0	0%	0	0%			
3º - B	0	0%	0	0%	0	0%			
4º - A	0	0%	0	0%	0	0%			
4º - B	0	0%	0	0%	0	0%			
TOTAL	0		0		0	0%			
4º CICLO									
TURMAS	M	%	F	%	TOTAL	%			
5º - A	0	0%	0	0%	0	0%			
5º - B	0	0%	0	0%	0	0%			
6º - A	0	0%	0	0%	0	0%			
6º - B	0	0%	0	0%	0	0%			
TOTAL	0		0		0	0%			
5º CICLO									
TURMAS	M	%	F	%	Nº Total de Alunos	% Total			
1º - A	0	0%	0	0%	0	0%			
1º - B	0	0%	0	0%	0	0%			
2º - A	0	0%	0	0%	0	0%			
2º - B	0	0%	0	0%	0	0%			
3º - A	0	0%	0	0%	0	0%			
3º - B	0	0%	0	0%	0	0%			
4º - A	0	0%	0	0%	0	0%			
4º - B	0	0%	0	0%	0	0%			
TOTAL	0		0		0	0%			
6º CICLO									
TURMAS	M	%	F	%	Nº Total de Alunos	% Total			
5º - A	0	0%	0	0%	0	0%			
5º - B	0	0%	0	0%	0	0%			
6º - A	0	0%	0	0%	0	0%			
6º - B	0	0%	0	0%	0	0%			
TOTAL	0		0		0	0%			
MATRICULA FINAL									
TURMAS	M	%	F	%	Nº Total de Alunos	% Total			
1º - A	23	56%	18	44%	41	100%			
1º - B	24	59%	17	41%	41	100%			
2º - A	16	44%	20	56%	36	100%			
2º - B	18	46%	21	54%	39	100%			
3º - A	17	43%	23	58%	40	100%			
3º - B	16	43%	21	57%	37	100%			
4º - A	18	45%	22	55%	40	100%			
4º - B	21	53%	19	48%	40	100%			
TOTAL	153		161		314				
7º CICLO									
TURMAS	M	%	F	%	Nº Total de Alunos	% Total			
5º - A	17	47%	19	53%	36	100%			
5º - B	16	46%	19	54%	35	100%			
6º - A	17	47%	19	53%	36	100%			
6º - B	18	50%	18	50%	36	100%			
TOTAL	68		75		143				
TOTAL	MASCULINO		%						
TOTAL	FEMININO		%						
GERAL	457		100%						
8º CICLO									
IDADE	M	%	F	%	TOTAL	%			
5 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
6 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
7 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
8 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
9 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
10 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
11 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
12 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
13 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
14 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
15 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
16 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
17 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
18 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
19 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
20 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
9º CICLO									
IDADE	M	%	F	%	TOTAL	%			
5 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
6 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
7 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
8 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
9 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
10 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
11 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
12 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
13 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
14 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
15 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
16 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
17 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
18 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
19 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
20 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
10º CICLO									
IDADE	M	%	F	%	TOTAL	%			
5 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
6 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
7 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
8 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
9 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
10 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
11 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
12 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
13 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
14 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
15 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
16 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
17 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
18 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
19 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
20 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
11º CICLO									
IDADE	M	%	F	%	TOTAL	%			
5 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
6 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
7 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
8 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
9 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
10 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
11 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
12 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
13 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
14 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
15 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
16 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
17 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
18 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
19 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
20 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
12º CICLO									
IDADE	M	%	F	%	TOTAL	%			
5 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
6 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
7 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
8 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
9 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
10 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
11 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
12 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
13 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
14 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
15 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
16 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
17 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
18 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
19 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
20 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
13º CICLO									
IDADE	M	%	F	%	TOTAL	%			
5 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
6 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
7 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
8 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
9 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
10 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
11 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
12 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
13 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
14 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
15 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
16 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
17 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
18 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
19 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
20 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
14º CICLO									
IDADE	M	%	F	%	TOTAL	%			
5 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
6 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
7 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
8 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
9 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
10 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
11 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
12 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
13 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
14 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
15 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
16 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
17 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
18 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
19 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
20 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
15º CICLO									
IDADE	M	%	F	%	TOTAL	%			
5 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
6 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
7 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
8 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
9 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
10 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
11 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
12 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
13 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
14 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
15 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
16 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
17 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
18 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
19 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
20 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
16º CICLO									
IDADE	M	%	F	%	TOTAL	%			
5 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
6 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
7 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
8 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
9 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
10 anos	#DIV/0!		#DIV/0!		0	#DIV/0!			
11 anos	#DIV/0								

Anexo 24: Grelha de Apreciação Diagnostica aos Alunos.

<div style="text-align: center;">  República da Guiné-Bissau Ministério da Educação Nacional ESCOLA DO ENSINO BÁSICO "SÃO PAULO" CONSELHO TÉCNICO e PEDAGÓGICO </div>																						
GRELHA DE Apreciação DIAGNÓSTICA AO ALUNO - DO ANO LETIVO: 2019/2020																						
Trimestre: 1º		Nível: 1º Ano				Turma: A				Grupo:				Sala:								
Nº	Nomes	Caligrafia				Ortografia				Percepção				Raciocínio				Oralidade				Outros fatores de constrangimento...
		M	R	B	MB	M	R	B	MB	M	R	B	MB	M	R	B	MB	M	R	B	MB	
1																						
2																						
3																						
4																						
5																						
6																						
7																						
8																						
9																						
10																						
11																						
12																						
13																						
14																						
15																						
16																						
17																						
18																						
19																						
20																						
21																						
22																						
23																						
Nº	Nomes	Caligrafia				Ortografia				Percepção				Raciocínio				Oralidade				Outros fatores de constrangimento...
		M	R	B	MB	M	R	B	MB	M	R	B	MB	M	R	B	MB	M	R	B	MB	
24																						
25																						
26																						
27																						
28																						
29																						
30																						
31																						
32																						
33																						
34																						
35																						
36																						
37																						
38																						
39																						
40																						


DISCIPLINA: _____
Prof.ª: _____ DATA: / /20 / CTP (Presidente): _____

LEGENDA

M=	Mau
R=	Razoável
B=	Bom
MB=	Muito Bom

Fonte: Conselho Técnico e Pedagógico da Escola São Paulo.

Anexo 25: Grelha de Apreciação do Desempenho dos Alunos.

<div style="text-align: center;">  República da Guiné-Bissau Ministério da Educação Nacional CONSELHO TÉCNICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA DO ENSINO BÁSICO "SÃO PAULO" GRELHA DE APECIAÇÃO DO DESEMPENHO DO ALUNO DO ANO LETIVO: 2019/2020 </div>																							
Professor/a: _____										/ Disciplina: _____ /													
Trimestre: 1º		Nível: 1º Ano				Turma: A				Sala: _____				Bloco: _____				Turno: Manhã					
Parâmetro de Avaliação: atribuir um X em cada quadradinho correspondente, conforme as questões acima elencadas.		Personalidade		Participa ativamente na aula, intervindo?		Realiza todas as atividades propostas?		Respeita as opiniões diferentes da sua?		Demonstra autonomia na realização das tarefas?		Colabora com os colegas?		Revela domínio sobre os conteúdos programados?		Ajuda a criar um bom ambiente de trabalho?		Dinamiza o grupo de trabalho?		Cumpre com as normas disciplinares da escola?		Usa língua portuguesa no recinto escolar?	
Nº	Nomes dos Alunos	Sexo	Raramente	Frequentemente	Sempre	Raramente	Frequentemente	Sempre	Raramente	Frequentemente	Sempre	Raramente	Frequentemente	Sempre	Raramente	Frequentemente	Sempre	Raramente	Frequentemente	Sempre	Raramente	Frequentemente	Sempre
1																							
2																							
3																							
4																							
5																							
6																							
7																							
8																							
9																							
10																							
11																							
12																							
13																							
14																							
15																							
16																							
17																							
18																							
19																							
20																							
Parâmetro de Avaliação: atribuir um X em cada quadradinho correspondente, conforme as questões acima elencadas.		Personalidade		Participa ativamente na aula, intervindo?		Realiza todas as atividades propostas?		Respeita as opiniões diferentes da sua?		Demonstra autonomia na realização das tarefas?		Colabora com os colegas?		Revela domínio sobre os conteúdos programados?		Ajuda a criar um bom ambiente de trabalho?		Dinamiza o grupo de trabalho?		Cumpre com as normas disciplinares da escola?		Usa língua portuguesa no recinto escolar?	
Nº	Nomes dos Alunos	Sexo	Raramente	Frequentemente	Sempre	Raramente	Frequentemente	Sempre	Raramente	Frequentemente	Sempre	Raramente	Frequentemente	Sempre	Raramente	Frequentemente	Sempre	Raramente	Frequentemente	Sempre	Raramente	Frequentemente	Sempre
21																							
22																							
23																							
24																							
25																							
26																							
27																							
28																							
29																							
30																							
31																							
32																							
33																							
34																							
35																							
36																							
37																							
38																							
39																							
40																							
41																							
D/a Professor/a: _____						Data: ____ / ____ / 20 ____						CIP (Presidente): _____											

Fonte: Conselho Técnico e Pedagógico da Escola São Paulo.

Anexo 26: Calendário das Atividades da Escola São Paulo.

<

Fonte: Conselho Técnico e Pedagógico da Escola São Paulo.

